



“O QUE SE TRAZ DE CASA”: AS PRÁTICAS CULTURAIS FAMILIARES NUMA SALA DE JARDIM DE INFÂNCIA

Mariana Rodrigues Rocha

Relatório de Prática Profissional Supervisionada
apresentado à Escola Superior de Educação de Lisboa para
obtenção de grau de Mestre em Educação Pré-Escolar

2024-2025



"O QUE SE TRAZ DE CASA": AS PRÁTICAS CULTURAIS FAMILIARES NUMA SALA DE JARDIM DE INFÂNCIA

Mariana Rodrigues Rocha

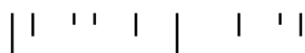
Relatório de Prática Profissional Supervisionada
apresentado à Escola Superior de Educação de Lisboa para
obtenção de grau de mestre em Educação Pré-Escolar

Orientadora: Professora Doutora Catarina Tomás

Júri

Presidente: Professor Doutor Carlos Luz
Arguente: Professora Doutora Ana Teresa Brito
Orientadora: Professora Doutora Catarina Tomás

2024-2025



AGRADECIMENTOS

Ao alcançar esta etapa tão importante do meu percurso académico, sinto que é fundamental expressar o meu agradecimento a todos aqueles que estiveram ao meu lado, que me apoiaram e contribuíram para esta experiência tão significativa. Do fundo do meu coração, o meu sincero obrigada.

A vocês, mãe, pai e irmã, que foram, ao longo destes cinco anos, o meu porto de abrigo e o meu apoio incondicional. Obrigada por acreditarem em mim, mesmo quando eu duvidava, por cada palavra de incentivo e por me motivarem a seguir em frente. Sem o vosso amor e presença este percurso teria sido muito mais difícil. Obrigada por me ajudarem a acreditar que serei uma boa profissional!

A toda a minha família, pelo apoio constante e por estarem presentes ao longo desta etapa tão importante para mim.

A todos os meus amigos, por estarem sempre por perto e serem o meu apoio ao longo destes anos. A vossa amizade foi essencial para manter o equilíbrio, ser o escape dos dias mais exigentes e a alegria nos momentos bons. As ausências foram muitas, mas vocês compreenderam. Levo-vos comigo, sempre!

A ti Sofia, por seres o meu pilar desde os tempos do curso profissional. Mesmo com a distância, estando em Santarém a seguir o teu caminho, nunca deixaste de estar presente. O teu apoio, as tuas palavras e amizade foram essenciais neste percurso. Obrigada por continuares sempre a meu lado, estaremos sempre juntas!

A ti Joana, com quem partilhei os três anos da licenciatura, fomos sempre nós lado a lado. Apesar de termos seguido caminhos diferentes no mestrado, mantivemos sempre o apoio de ambas as partes. Obrigada por me acompanhares e por teres estado sempre lá para mim e me ouvires sempre.

A ti Mariana, que foste a minha companheira desde o início até ao fim deste caminho. Nestes cinco anos partilhámos tantos desafios, conquistas, horas de trabalho, e momentos que guardarei com carinho. Foi uma sorte fazer esta caminhada contigo e ainda mais especial foi partilhar contigo o primeiro estágio do mestrado, uma etapa marcante que se tornou ainda mais significativa por te ter a meu lado. Foste o meu apoio e a pessoa que me ajudou a superar e a alcançar tantas coisas, obrigada por estares sempre presente!

A vocês Bárbara e Carolina, amigas e companheiras de jornada que o mestrado me trouxe, e que bom que foi! Nesta última etapa, fomos o pilar umas das outras, compartilhando dúvidas, conquistas e muitos momentos de entreaajuda. Vocês tornaram esta fase mais leve e especial! Em especial a ti, Carolina, que estiveste ao meu lado neste último estágio e foi um privilégio partilhá-lo contigo. Obrigada às duas por tudo.

A vocês André e Patrícia, os amigos que me acompanham desde a licenciatura e que, no mestrado, se tornaram verdadeiros companheiros de viagem. Foram horas de trabalho, dedicação e partilhas, que no final compensaram. Obrigada por estarem sempre presentes!

A ti Viviana, que em todas as sessões que tivemos juntas me acompanhaste com empatias, sensibilidade e profissionalismo. O teu apoio foi fundamental para me motivar a sair da minha zona de conforto, a ser a pessoa que sou hoje e a profissional que quero ser. Obrigada por tudo.

A si professora Catarina Tomás, pela orientação, partilha e disponibilidade. A sua dedicação, os conselhos partilhados e o seu nível de exigência foram fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho e, principalmente, para o meu crescimento enquanto pessoa e futura educadora de infância.

A toda a equipa pedagógica do contexto de creche, que me acolheu tão bem e me fizeram sentir parte da equipa. Um agradecimento especial à educadora Kika e à auxiliar Dila, por me terem recebido tão bem na sua sala e por todos os conhecimentos e conselhos transmitidos.

A toda a equipa pedagógica do contexto de jardim de infância e famílias com as quais me cruzei nesta última etapa. Um agradecimento especial à educadora Cláudia e à auxiliar Drica, por me acolherem com tanto carinho, por me integrarem nas suas dinâmicas e por todas as experiências e aprendizagens partilhadas. Obrigada por terem sido o apoio que precisei nesta fase final.

Por último, e o mais importante, a todas as crianças que tive o privilégio de conhecer e que foram o centro da minha prática. Obrigada por me acolherem, por cada sorriso, abraço, partilhas e brincadeiras. Convosco vivi momentos e experiências que levo para a vida. Mostraram-me o porquê de ter escolhido a melhor profissão, obrigada.

RESUMO

O presente relatório, elaborado no âmbito da Unidade Curricular de Prática Profissional Supervisionada II, descreve a prática pedagógica desenvolvida num jardim de infância, entre os dias 30 de setembro de 2024 e 24 de janeiro de 2025, numa organização socioeducativa da rede privada, com fins lucrativos, localizada em Lisboa. A intervenção pedagógica foi concretizada junto de um grupo constituído por 21 crianças, com idades compreendidas entre os 4 e os 5 anos, acompanhadas por uma educadora de infância e uma auxiliar de ação educativa.

Após a caracterização do contexto socioeducativo e a definição das intenções pedagógicas que sustentaram a intervenção, é introduzida a temática de investigação: “*O que se traz de casa*”: *as práticas culturais familiares numa sala de jardim de infância*. Este estudo teve como objetivos: (i) compreender de que forma as crianças se reconhecem enquanto produtoras de cultura e como as experiências culturais familiares são mobilizadas no quotidiano do jardim de infância; e (ii) analisar de que maneira as práticas culturais familiares influenciam as práticas pedagógicas da equipa educativa.

Do ponto de vista metodológico, o estudo inscreve-se numa abordagem qualitativa, assumindo a forma de estudo de caso. Para a recolha de dados, foi desenvolvido um processo de triangulação metodológica que integrou a observação participante, a realização de entrevistas semiestruturadas e a aplicação de um inquérito por questionário. Importa salientar que, no âmbito deste estudo, as práticas culturais familiares são compreendidas enquanto expressão do capital cultural das crianças, moldado pelas experiências e contextos socioculturais vivenciados no seio familiar. A partilha destas vivências no espaço da sala potencia não só a troca de saberes e o enriquecimento cultural e social do grupo, como também influencia as práticas pedagógicas da equipa educativa, que as valoriza e integra através de propostas emergentes, projetos colaborativos e visitas de exploração.

Palavras-Chave: Práticas culturais familiares; Capital cultural; *Go-between*; Crianças em Jardim de infância

ABSTRACT

The present report, prepared within the scope of the Curricular Unit of Supervised Professional Practice II, describes the pedagogical practice carried out in a kindergarten between the 30th of September 2024 and the 24th of January 2025, in a socio-educational organisation from the private, for-profit sector, located in Lisbon. The pedagogical intervention was conducted with a group of 21 children, aged between 4 and 5 years, accompanied by a kindergarten teacher and a teaching assistant.

Following the contextualisation of the socio-educational setting and the definition of the pedagogical intentions that guided the intervention, the research theme is introduced: *“What is brought from home”: family cultural practices in a kindergarten classroom.* This study aimed to: (i) understand how children perceive themselves as producers of culture and how family cultural experiences are mobilised in the daily life of the kindergarten; and (ii) analyse how family cultural practices influence the pedagogical practices of the teaching team.

From a methodological perspective, this research adopts a qualitative approach, designed as a case study. Data collection involved a triangulation process combining participant direct observation, semi-structured interviews, and a questionnaire survey.

It is important to highlight that, within the framework of this study, family cultural practices are understood as an expression of the children’s cultural capital, shaped by the experiences and sociocultural contexts provided by their family environment. The sharing of these experiences within the classroom not only promotes the exchange of knowledge and the cultural and social enrichment of the group but also influences the pedagogical practices of the educational team, who recognise and incorporate them through emergent proposals, collaborative projects, and exploratory visits.

Keywords: Family cultural practices; Cultural capital; Go-between; Children in Kindergarten.

ÍNDICE GERAL

1. INTRODUÇÃO.....	1
2. CARACTERIZAÇÃO DA AÇÃO EDUCATIVA	4
2.1. <i>O meio envolvente</i> - Caracterização do meio envolvente	5
2.2. <i>A organização socioeducativa</i> - Caracterização do contexto socioeducativo	6
2.3. <i>Os/As adultos/as que acolhem</i> - Caracterização da equipa educativa	7
2.4. <i>As crianças como principais sujeitos</i> - Caracterização do grupo	8
2.5. <i>As famílias que se envolvem</i> - Caracterização das famílias	11
2.6. <i>O ambiente educativo que proporciona aprendizagens</i> - Caracterização do ambiente educativo	12
2.6.1. <i>O espaço</i>	13
2.6.2. <i>O tempo</i>	14
3. ANÁLISE REFLEXIVA DA INTERVENÇÃO EM JARDIM DE INFÂNCIA	17
3.1. Intenções para a ação	18
3.1.1. Intenções para com as crianças	18
3.1.2. Intenções para com as famílias.....	20
3.1.3. Intenções para com a equipa educativa	22
3.1.4. Intenções para com a comunidade	22
4. “O QUE SE TRAZ DE CASA”: AS PRÁTICAS CULTURAIS FAMILIARES NUMA SALA DE JARDIM DE INFÂNCIA.....	23
4.1. Identificação e fundamentação da problemática.....	24
4.2. Revisão da literatura	25
4.2.1. Do capital cultural às práticas culturais: influências e expressões na infância	25
4.2.2. As crianças como produtoras de culturas	28
4.2.3. <i>Go between</i> : as partilhas culturais que chegam ao jardim de infância.....	31
4.3. Roteiro metodológico e ético	33
5. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS	37
5.1. Estado da arte	38
5.2. A partilha das práticas culturais familiares pelas crianças	40

5.3. As práticas culturais familiares na perspetiva da equipa de sala	42
5.4. As práticas culturais familiares na perspetiva de 7 crianças da sala de JI	44
5.5. As práticas culturais familiares na perspetiva das mães e pais das crianças	46
5.6. Análise sobre as práticas culturais familiares na perspetiva da equipa de sala, crianças e dos seus progenitores	52
6. CONSTRUÇÃO DA PROFISSIONALIDADE.....	57
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	62
REFERÊNCIAS	65
ANEXOS	72
ANEXO A- TABELA DE CARACTERIZAÇÃO DAS CRIANÇAS	73
ANEXO B- PLANTA DA SALA DE ATIVIDADES.....	75
ANEXO C- FOTOGRAFIAS DA SALA DE ATIVIDADES	77
ANEXO D- INSTRUMENTOS DE GESTÃO DO MEM.....	79
ANEXO E- CARTA DE APRESENTAÇÃO	83
ANEXO F- REGISTOS DAS PARTILHAS DAS PRÁTICAS CULTURAIS DAS CRIANÇAS.....	85
ANEXO G- GRELHAS DE REGISTO DAS PARTILHAS DAS CRIANÇAS	89
ANEXO H- CONSENTIMENTO INFORMADO PARA REGISTO FOTOGRÁFICO	111
ANEXO I- GUIÃO DA ENTREVISTA À EQUIPA DE SALA.....	113
ANEXO J- GUIÃO DA ENTREVISTA ÀS CRIANÇAS.....	116
ANEXO K- INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO ÀS FAMÍLIAS.....	119
ANEXO L- TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS À EQUIPA DE SALA.....	128
ANEXO M- TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS ÀS CRIANÇAS.....	141
ANEXO N- ANÁLISE CATEGORIAL DAS NOTAS DE CAMPO	162
ANEXO O- ANÁLISE CATEGORIAL DAS ENTREVISTAS À EQUIPA DE SALA	169
ANEXO P- ANÁLISE CATEGORIAL DAS ENTREVISTAS ÀS CRIANÇAS.....	176
ANEXO Q- ANÁLISE CATEGORIAL DAS QUESTÕES ABERTAS DO INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO.....	182
ANEXO R- ROTEIRO ÉTICO	190

ANEXO S- MAPEAMENTO DAS PRODUÇÕES ACADÉMICAS	202
--	-----

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1: <i>Relação de parentesco dos/as inquiridos/as com a criança</i>	46
Figura 2: <i>Constituição do agregado familiar dos/as inquiridos/as</i>	47
Figura 3: <i>Grau académico dos/as inquiridos/as</i>	47
Figura 4: <i>Frequência com que os/as inquiridos/as proporcionam atividades culturais</i>	48
Figura 5: <i>Exemplos de atividades culturais</i>	49
Figura 6: <i>Motivos que influenciam a promoção de práticas culturais com as crianças</i>	49
Figura 7: <i>Registo das experiências culturais</i>	50
Figura 8: <i>Importância de expor os registos das partilhas das crianças</i>	51

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1: *Práticas culturais familiares praticadas pelas crianças* 41

Tabela 2: *Experiências culturais familiares compartilhadas pelas crianças entrevistadas* . 45

LISTA DE ABREVIATURAS

AAE - Auxiliar de Ação Educativa

APEI - Associação de Profissionais de Educação de Infância

CEB - Ciclo do Ensino Básico

JI - Jardim de Infância

MEM - Movimento da Escola Moderna

OS - Organização Socioeducativa

PE - Projeto Educativo

PCG - Projeto Curricular de Grupo

PPSII - Prática Profissional Supervisionada II

UC- Unidade Curricular

1. INTRODUÇÃO

| ' ' | | ' ' |

No âmbito da Unidade Curricular de Prática Profissional Supervisionada II (PPSII), inserida no plano de estudos do Mestrado em Educação Pré-Escolar, foi desenvolvido um relatório que conjuga uma componente investigativa centrada numa temática específica com uma reflexão crítica sobre o percurso de estágio realizado. Este estágio decorreu numa organização socioeducativa (OS) da rede privada, no contexto da valência de jardim de infância (JI), e teve lugar entre os dias 30 de setembro de 2024 e 24 de janeiro de 2025. A intervenção pedagógica foi desenvolvida junto de um grupo de 21 crianças, com idades compreendidas entre os 4 e os 5 anos, acompanhadas por uma equipa educativa composta por uma educadora de infância e uma auxiliar de ação educativa.

O presente relatório centra-se numa investigação de natureza qualitativa, concretamente num estudo de caso, que recorre a um conjunto diversificado de técnicas de recolha de dados, designadamente a observação participante, entrevistas semiestruturadas e um inquérito por questionário. A investigação incidiu sobre a temática *“O que se traz de casa”*: as práticas culturais familiares numa sala de jardim de infância, procurando analisar as partilhas das crianças, registadas em notas de campo, as conceções da equipa educativa e das próprias crianças, recolhidas através das entrevistas, bem como as perspetivas das famílias, obtidas por meio do inquérito por questionário. A temática surgiu das observações realizadas ao longo da PPSII, nas quais se destacou o *entusiasmo* com que as crianças partilhavam as experiências e práticas culturais vivenciadas com as suas famílias. Para fundamentar teoricamente a presente investigação, foram analisadas e referenciadas diversas fontes bibliográficas no âmbito da Pedagogia da Infância, bem como da Sociologia da Infância e da Sociologia da Família, as quais permitiram aprofundar a compreensão sobre a influência das práticas culturais familiares nas dinâmicas pedagógicas desenvolvidas pela equipa educativa.

O respetivo relatório organiza-se em sete capítulos. Após o presente capítulo introdutório, é realizada uma **caracterização da ação educativa** onde se pretende que o/a leitor/a conheça o contexto da prática, o meio envolvente, a equipa, as crianças, as famílias e o ambiente educativo. No terceiro capítulo, são apresentadas as intenções para a ação relativamente às crianças, famílias, equipa e comunidades, acompanhadas de uma **análise reflexiva da intervenção em jardim de infância**, de acordo com as intenções descritas.

O quarto capítulo diz respeito à **investigação em jardim de infância**, sendo que numa primeira instância é apresentada e fundamentada a problemática, de seguida a revisão da literatura referente à temática acima mencionada, e por fim, são referidas as opções metodológicas que defini para a presente investigação, bem como os princípios éticos e deontológicos. O capítulo seguinte destina-se à **apresentação e discussão dos dados** recolhidos durante o período da investigação, tendo como base as práticas das crianças que acompanhei durante a PPSII.

No sexto capítulo, **construção da profissionalidade**, é realizada uma reflexão sobre o percurso durante as práticas profissionais e como este contribuiu para a construção da identidade profissional. Para terminar, o último capítulo diz respeito às **considerações finais**, que permite apresentar as conclusões do estudo de caso realizado e da intervenção em JI.

2. CARACTERIZAÇÃO DA AÇÃO EDUCATIVA

| ' ' | | ' ' |

Ao longo do presente capítulo será apresentada a caracterização da ação educativa na qual foi incidida a Prática Profissional Supervisionada II (PPSII), desse modo a mesma está dividida em seis subcapítulos de entre os quais: (i) caracterização do meio envolvente; (ii) caracterização do contexto socioeducativo; (iii) caracterização da equipa educativa; (iv) caracterização das crianças; (v) caracterização das famílias; e (vi) caracterização do ambiente educativo. De forma a obter as informações necessárias e pertinentes, as presentes caracterizações tiveram como base a observação direta ao longo da PPSII, a consulta documental do Projeto Educativo (PE) e do Projeto Curricular de Grupo (PCG).

2.1. O meio envolvente- Caracterização do meio envolvente

O meio social que envolve a Organização Socioeducativa (OS) contribui para a compreensão do contexto em que esta se insere, o que influencia as intencionalidades dos/as educadores/as de infância. Como refere Ferreira (2004), é necessário considerar o meio exterior à OS “para compreender os processos sociais que estruturam e são estruturados pelas crianças enquanto atores [*sic*] nas ações [*sic*] sociais que desenvolvem e em que se envolvem no contexto coletivo” (p. 65). Assim, o meio no qual as crianças estão inseridas proporciona experiências e interações de qualidade que promovem o seu desenvolvimento holístico e múltiplas aprendizagens.

Posto isto, o contexto no qual realizei a PPSII situa-se numa freguesia da cidade de Lisboa, numa zona urbana e residencial. A OS está localizada numa avenida onde se podem encontrar diversas empresas, organizações socioeducativas e fácil acesso a transportes públicos, nomeadamente autocarros. Além disso, encontra-se próxima de um espaço verde, que permite o contacto das crianças com a natureza, algo que é privilegiado pela equipa educativa.

É de destacar que a OS proporciona diversas oportunidades de saída das crianças ao exterior e o contacto com a comunidade envolvente. Segundo o Projeto Educativo (PE), a Os segue o princípio de que “A rua não pode estar em vias de extinção” (PE,

2021). Nesse sentido, são planeadas visitas a teatros¹, museus², bibliotecas³, parques, centros de exposições⁴, entre outros.

2.2. A organização socioeducativa- Caracterização do contexto socioeducativo

A OS onde foi realizada a PPSII caracteriza-se por um estabelecimento da rede privada com fins lucrativos, abrangendo as valências de creche, jardim de infância e 1.º ciclo do ensino básico (CEB). Segundo o *website* da OS e o PE (2021), a mesma destaca como lema “Direitos que nos dão voz!”, reconhecendo as crianças como agentes educativos, mas também como seres de direito e com voz ativa no seu processo de aprendizagem.

A OS valoriza os direitos à participação e ao brincar, pelo que todos os intervenientes educativos garantem os direitos das crianças, ao “promover um ambiente relacional e securizante, em que a criança é valorizada, respeitada e escutada”, como é referido no *website* da OS. O PE (2021) destaca os princípios educativos pelos quais a OS se rege: (i) criança como ator social; (ii) criança como produtora de culturas; (iii) uma escola para todos; (iv) democracia e partilha de poder; (v) uma perspetiva sociocultural de aprendizagem; (vi) a emergência do brincar; (vii) escola, família e comunidade- um caminho que se faz em conjunto; (viii) “promover, provocar, emancipar” (Rui Grácio); (ix) o trabalho coconstruído em equipa; (x) afetividade e segurança emocional; (xi) a escuta; e (xii) a rua não pode estar em vias de extinção. Estes princípios espelham as vivências e as intenções que se praticam na OS, em concreto a escuta das crianças que têm os seus direitos e vontades, que devem participar e são envolvidas no seu processo

¹ Durante a manhã, fomos até ao teatro ver a peça “O planeta é a nossa casa”. A viagem desde a OS até ao teatro e vice-versa, foi de autocarro público. (Registo de nota de campo n.º 56- terça-feira, 15 de outubro.)

² Neste dia houve uma visita à Casa das histórias Paula Rego e a uma Oficina. Começámos a manhã por ir ao museu onde as crianças começaram por ouvir a explicação da guia sobre a exposição e ao serem questionadas algumas crianças mencionaram que já tinham ido aquele museu (Registo de nota de campo n.º 25- quarta-feira, 04 de outubro.)

³ Esta manhã, as crianças visitaram a Biblioteca Orlando Ribeiro onde realizaram a atividade “História às escuras”. (Registo de nota de campo n.º 173- sexta-feira, 06 de dezembro.)

⁴ Hoje as crianças tiveram uma visita ao Centro Cultural de Belém (CCB), onde fomos ao Festival *Big Bang!* (Registo de nota de campo n.º 79- sexta-feira, 25 de outubro.)

de aprendizagem, para além da importância do papel das famílias e do contacto com a comunidade.

Do ponto de vista organizacional a OS é composta por dois edifícios. O principal é referente à valência da creche, que conta com cinco salas, a secretaria, o gabinete da direção, a cozinha, o refeitório, dois espaços exteriores e as casas de banho, tanto para as crianças como para os adultos. No segundo edifício encontram-se três salas de jardim de infância, três salas de 1.º CEB, a biblioteca, a sala polivalente/ginásio e três casas de banho destinadas às crianças. A ligação entre os dois edifícios é realizada através de um espaço de recreio⁵, com uma zona coberta e descoberta e diversos materiais para as crianças.

De acordo com o PE (2021), a OS segue o modelo pedagógico do Movimento da Escola Moderna (MEM), sendo implementado nas valências de creche, JI e 1.º CEB. O MEM segue uma linha sociocêntrica que tem especial enfoque na participação ativa das crianças no seu desenvolvimento e aprendizagem. Permite que as intencionalidades pedagógicas dos/as educadores/as de infância vão ao encontro dos interesses, questões e partilhas das crianças. Dessa forma, os/as adultos/as ouvem as vozes das crianças e defendem os seus direitos incentivando a uma educação democrática, como refere Almeida (2014), os princípios e finalidades do MEM refletem estas ideias que “assentam as questões relacionadas com o papel da Escola em proporcionar às crianças um espaço privilegiado para uma participação ativa.” (p. 13).

2.3. Os/As adultos/as que acolhem- Caracterização da equipa educativa

A equipa educativa da OS é formada por: uma diretora administrativa, uma diretora pedagógica, uma diretora técnica da creche, oito educadoras de infância, sendo três em jardim de infância e cinco em creche, três professoras de 1.º CEB e um professor de apoio, dez auxiliares de ação educativa (AAE), uma técnica de apoio, um professor de educação física, uma professora de música, uma professora de inglês, uma professora de

⁵ Este é um espaço amplo com diversos materiais que permitem a exploração das crianças, nomeadamente uma parede de escalada, um escorrega, uma estrutura que lhes permite trepar e explorá-la, balizas para jogar futebol, uma cozinha feita de paletes de madeira e diversos materiais que permitem às crianças fazer construções, como cubos e cilindros. (Registo de nota de campo n.º 4- segunda-feira, 30 de setembro.)

expressão dramática, uma psicóloga e por profissionais responsáveis pelos serviços gerais de limpeza e alimentação, como referido no PE (2021). Durante o período da PPSII foi possível observar a partilha e o trabalho cooperativo que existe entre todos os elementos da equipa educativa, quer seja através de momentos formais como as reuniões, ou através das partilhas que acontecem entre os diferentes grupos⁶.

Relativamente à equipa educativa da sala onde me encontrei integrada, esta é constituída pela educadora cooperante e a auxiliar de ação educativa. Através de conversas informais compreendi que a educadora está na OS há cerca de um ano e é o segundo ano que acompanha o grupo, a auxiliar está pela primeira vez com o grupo, no entanto dada cooperação e que existe entre os grupos já existia uma relação de confiança para com as crianças. Ao longo do período da PPSII pude observar a relação de cooperação, confiança, partilha e entreajuda entre a educadora e a auxiliar, pelo que procuram trocar e partilhar ideias entre si no que concerne às práticas pedagógicas. Dessa forma, o trabalho entre a equipa educativa é visto como uma mais-valia no sentido em que “as interações [*sic*] que (...) estabelecem entre si poderão definir o grau de confiança que decorre da partilha e do apoio moral, conduzindo a uma maior disponibilidade para o aperfeiçoamento contínuo da profissão” (Vaz, 2013, p. 81).

2.4. As crianças como principais sujeitos- Caracterização do grupo

O grupo de crianças que pude acompanhar ao longo do período da PPSII é composto por vinte e uma crianças, entre as quais onze são do sexo feminino e dez do sexo masculino, com idades compreendidas entre os quatro e os cinco anos. No que concerne ao percurso institucional, como é possível observar na tabela de caracterização das crianças presente no anexo A, a maioria das crianças já tinha iniciado o seu percurso na OS à exceção do Bernardo, Egas, Tomás, Afonso e a Mafalda, sendo de realçar que as duas últimas crianças iniciaram o seu percurso após o início da PPSII.

⁶ Essa mesma visita também foi feita pelas crianças da creche e a educadora partilhou que em conversa com a educadora Marta, as crianças também tinham gostado de cheirar as especiarias e por isso as duas pensaram que seria interessante os dois grupos juntarem-se e fazerem uma pintura com esse recurso. (Registo de nota de campo n.º 13- terça-feira, 01 de outubro.)

A observação tornou-se a base para a presente caracterização, e através dela as crianças mostraram-se dinâmicas, interessadas, participativas e curiosas, algo que pude observar nas propostas realizadas, nas suas brincadeiras, na realização de projetos e nas suas comunicações⁷.

No que concerne aos interesses do grupo importa salientar que as crianças frequentam as diversas áreas da sala de atividades, nomeadamente a área dos jogos de chão onde as crianças realizam as suas construções com *legos*⁸. A área da expressão plástica⁹ também é um dos principais interesses e é utilizada diversas vezes pelas crianças, que fazem as suas pinturas no cavalete, com aguarelas, ou desenhos nos seus cadernos. Ao longo da PPSII, as crianças foram demonstrando interesse em explorar a área da escrita, em concreto a utilização do computador¹⁰ e dos carimbos de letras¹¹. O faz de conta também constitui um dos principais interesses grupo, sendo aqui que as algumas crianças procuram realizar as suas brincadeiras. Além disso, as crianças demonstram interesse em partilhar com o grupo as suas experiências e as descobertas que vão realizando nas diversas áreas.

No espaço exterior as crianças demonstram interesse em realizar as suas construções¹², com as peças que existem dando-lhes o sentido e a função que assim o entendem. Espadilha e Friães (2019), consideram que o exterior possibilita a exploração livre no qual as crianças podem brincar sem impedimentos à sua própria imaginação.

⁷ O momento das comunicações começou com o Martim, o Egas e o Xavier B. a partilhar a investigação que fizemos sobre o dia e a noite. Foi notório o interesse das crianças ao longo da mesma e a sua vontade em comunicar o que tínhamos descoberto, o que resultou em que as crianças quisessem falar ao mesmo tempo (Registo de nota de campo n.º 128- sexta-feira, 15 de novembro.).

⁸ o Egas e o Xavier B. comunicaram ao grupo que tinham feito um barco pirata com legos, nos jogos de chão, e o Egas disse que queria convidar as crianças a fazerem também um barco como o que ele construiu com o Xavier. (Registo de nota de campo n.º 145- sexta-feira, 22 de novembro.).

⁹ Após realizarmos o plano do dia, as crianças puderam ir brincar para as áreas enquanto a Maria do Carmo, a Laura, o Xavier C., a Francisca, o Manuel, a Luísa, e Francisca, a Nazaré e a Mariana decidiram pintar com tintas. (Registo de nota de campo n.º 39- quarta-feira, 09 de outubro.).

¹⁰ a Maria do Carmo quis partilhar o que tinha escrito no computador e as descobertas que fez relativamente às letras, como por exemplo que a letra “N” é de Natal e de Nazaré, que nas diferentes palavras existiam letras iguais, etc.” (Registo de nota de campo n.º 154- terça-feira, 26 de novembro).

¹¹ o Matias que no seu caderno estava a utilizar os carimbos para fazer o abecedário. (Registo de nota de campo n.º 89- terça-feira, 29 de outubro).

¹² as crianças têm de partilhar as peças entre si, como por exemplo a Maria Luísa e a Margarida que precisavam de mais peças e foram pedir ao Egas e ao Tomás, que lhes deu duas e depois elas escolheram outras duas para fazer a troca com ele. (Registo de nota de campo n.º 111- sexta-feira, 08 de novembro).

Ademais, ao brincarem nos diferentes espaços as crianças contactam com outros grupos de crianças o que promove o estabelecimento de relações entre outros grupos. Nesse sentido, pude observar que no recreio as crianças procuram brincar com crianças de outras salas, como por exemplo, ao jogar futebol. Motta (2020) destaca a relevância que os espaços exteriores têm para as crianças e refere que os mesmos deveriam ser, cada vez mais, aproveitados por elas, pois “ajuda a repensar a maneira como as crianças constroem suas culturas” (Motta & Ferreira, 2022, p. 6).

No que diz respeito à autonomia, a maioria das crianças são autónomas relativamente aos seus cuidados pessoais, no entanto, uma criança ainda não controla os esfíncteres e utiliza fralda. Nos momentos da alimentação, as crianças comem autonomamente, e antes de se levantarem da mesa arrumam a cadeira, o copo e a taça da fruta. É de destacar, que algumas crianças não utilizam o garfo e a faca em simultâneo, pelo que têm de ser incentivadas pelas adultas na utilização dos dois talheres.

Relativamente à linguagem oral, a maioria das crianças participativa ativamente nos diversos momentos da rotina demonstrando interesse em comunicar e apresentar as suas opiniões e ideias¹³, como por exemplo nas reuniões, nas comunicações¹⁴ ou nas diversas propostas realizadas. Quando as crianças pretendem falar sobre um determinado assunto tendem a falar ao mesmo tempo. No que diz respeito à escrita, as crianças escrevem o seu nome¹⁵ no mapa “quero mostrar, contar ou escrever”, no mapa das comunicações e nas suas produções e tarefas que surgem durante o dia.

No que respeita à interação entre pares, existem pequenos grupos formados, no entanto, a maioria das crianças interagem e brincam entre si. Por vezes, existem alguns

¹³ Depois de um momento de conversa entre as crianças, a Laura disse que os camaleões mudavam de cor quando tinham medo e eu questiono-a “E ele muda de cor para a que ele quiser? Por exemplo, hoje quero ficar cor-de-rosa” e a Laura disse que não, e nesse momento o Martim interrompeu e explicou que os camaleões mudam de cor quando estão assustados para a cor do objeto que têm ao pé, dando o exemplo da cadeira “Se o camaleão estiver ao pé daquela cadeira e se alguém o assustar ele vai ficar vermelho”. (Registo de nota de campo n.º 146- segunda-feira, 25 de novembro).

¹⁴ no fim as crianças comentaram e colocaram questões, como por exemplo a Mariana afirmou que gostou do projeto e que não sabia que se podia tirar fotografias lá fora, o Martim comentou que gostou de forma como as crianças falaram e que não sabia que algumas máquinas tinham rolo e que podíamos tirar fotografias a coisas que estavam longe e a Laura referiu que também gostou de ouvir a comunicação e que não sabia algumas coisas que as crianças apresentaram. (Registo de nota de campo n.º 207- terça-feira, 07 de janeiro).

¹⁵ a Mariana partilhou que gostou que a Maria Luísa tivesse ficado a brincar com ela quando a Margarida e a Nazaré já tinham ido embora, pelo que lhe sugeri que escrevesse o seu nome no diário. (Registo de nota de campo n.º 210- sexta-feira, 10 de janeiro).

momentos de conflitos entre as crianças que procuram o auxílio do/a adulto/a para a sua resolução, as crianças são incentivadas a resolverem o conflito autonomamente.

2.5. As famílias que se envolvem- Caracterização das famílias

Num grupo de crianças cada uma apresenta as suas próprias características, interesses, necessidades e vivências, que são influenciadas pelo meio familiar da criança e com quem ela contacta. O contexto familiar e o educativo funcionam como “dois espaços sociais constitutivos da estruturação” (Ferreira, 2004, p. 65) da vida da criança, que é vista como o principal agente social entre ambos os contextos e, por isso, é importante que se estabeleça uma relação de cooperação entre a equipa pedagógica e as famílias.

Um dos princípios educativos da organização socioeducativa (OS), definido no seu Projeto Educativo (PE, 2021), destaca a importância do envolvimento das famílias no processo educativo. Neste contexto, durante a Prática Profissional Supervisionada II (PPSII), foi possível observar de que forma as famílias são acolhidas e integradas no quotidiano do ambiente educativo. Estas dinâmicas, cuidadosamente observadas e registadas ao longo do estágio, estiveram na origem da problemática que sustenta a investigação apresentada neste relatório¹⁶. Esta envolvimento espelha a importância da construção de relações de cooperação entre a equipa educativa e as famílias, que Mata e Pedro (2021) definem como parceiros no processo educativo das crianças. Dessa forma, “esta relação de parceria implica responsabilidade partilhada em todas as etapas, o seu envolvimento não passa por ações aleatórias e pontuais, mas sim por abordagens sistemáticas cujo foco não são os eventos realizados, mas os resultados deles decorrentes” (*idem*, p. 8).

No que respeita à caracterização sociológica das famílias do grupo de crianças que pude acompanhar durante o período da PPSII e através da consulta do PCG (2024/2025),

¹⁶ Durante a reunião da manhã, a educadora sugeriu ao Manuel fazer o convite para convidar o seu pai a vir à OS falar sobre os dentes e esclarecer as questões que nos surgiram. No seguimento, o Egas disse que também podia fazer um convite para a sua mãe, pois já tinha demonstrado interesse em realizar uma aula de Ioga para as crianças. Para além disso, a educadora também se recordou de convidar os pais do Tomás para falarem sobre dinheiro, uma vez que a Maria do Carmo tinha demonstrado esse interesse. (Registo de nota de campo n.º 75- quarta-feira, 23 de outubro)

verifica-se que todas as famílias apresentam uma estrutura familiar nuclear (pai, mãe, criança, e nalguns casos, irmãos/ãs). As famílias apresentam uma condição social média e média-alta, pelo que pude observar as experiências e vivências culturais e sociais que são proporcionadas às crianças, que por vezes fazem questão de as partilhar com todo o grupo^{17 18}. No que diz respeito às habilitações académicas, verifica-se que a maioria dos pais e das mães possui graus de ensino superior, nomeadamente licenciatura e mestrado.

Ao longo da PPSII pude observar o interesse e a participação das famílias nas diversas atividades que a OS propõe às mesmas, como foi o caso do lanche de *Halloween* e de Natal. Também é de destacar a abertura que os pais têm para acompanhar as crianças à sala, e participarem no momento de marcar a presença, por exemplo. Ademais, as famílias procuram envolver-se no contexto educativo, por exemplo através da sua participação em projetos¹⁹, atividades e visitas²⁰.

Por fim, o envolvimento das famílias deve ter como base a comunicação com os agentes educativos que devem adotar uma postura “coerente e honesta para que se possa construir uma relação de confiança e respeito mútuo” (Vida & Pires, 2022, p. 88).

2.6. O ambiente educativo que proporciona aprendizagens- Caracterização do ambiente educativo

O ambiente educativo e o modo como está organizado influencia as aprendizagens das crianças e “é onde se dá a interseção [*sic*] de atividades [*sic*] de rotina de diferentes indivíduos” (Ferreira, 2004, p. 81). O/A educador/a de infância deve organizar o ambiente de acordo com as características das crianças, de modo a proporcionar-lhes oportunidades para o seu desenvolvimento e aprendizagem.

¹⁷ O Manuel começou por partilhar e mostrar elementos naturais que tinha trazido de uma visita que fez no fim de semana. Quando questionado sobre o que tinha visto e onde tinha arranjado esses elementos, o Manuel respondeu que tinha ido ao museu ver dinossauros e mostrou também os bilhetes do mesmo. (Registo de nota de campo n.º 80- segunda-feira, 28 de outubro).

¹⁸ o Afonso mostrou ao grupo o postal da sua viagem a Viena, que referia que gostava de descobrir informações sobre Mozart. (Registo de nota de campo n.º 188- segunda-feira, 16 de dezembro).

¹⁹ A manhã teve início com o pai da Maria Inês que veio à sala mostrar material fotográfico e falar sobre o mesmo. (Registo de nota de campo n.º 131- segunda-feira, 18 de novembro).

²⁰ Durante a manhã, realizámos uma visita, que neste caso, foi proposta pela família do Eduardo. Assim, fomos visitar o restaurante de *ramen* do qual o pai é proprietário (Registo de nota de campo n.º 62- sexta-feira, 18 de outubro).

O ambiente educativo não se restringe apenas ao espaço, mas também ao tempo. Desta forma, neste tópico serão abordadas estas duas dimensões referentes ao ambiente educativo.

2.6.1. O espaço

O espaço “deve possibilitar a criação de espaços circunstanciais, ou seja, destinados a diferentes atividades, o que propicia a geração de espaços subjetivos por parte das crianças, cada qual com sua individualidade” (Costa et al., 2023, p. 4557). O modo como está organizado influencia as brincadeiras das crianças e as suas interações, pelo que estes são aspetos que devem ser tidos em conta pelo/a educador/a.

A sala de atividades encontra-se organizada em diferentes áreas, com base nos princípios do modelo do MEM, nomeadamente: a **área polivalente** de trabalho coletivo; a **área da biblioteca**, onde as crianças podem ler e explorar livros; o **laboratório de ciências e matemática**, que contem diversos materiais para as crianças realizarem as suas experiências e também materiais associados à matemática; a **área do faz de conta**, onde as crianças praticam o jogo simbólico representando papéis do seu cotidiano através dos materiais disponíveis; a **área da escrita e reprodução**, na qual as crianças contactam com o código escrito e podem reproduzir a escrita através do computador, carimbos, ficheiros com palavras, entre outros; a **área da expressão plástica**, onde as crianças podem explorar os diversos materiais e criar as suas produções, através da pintura, do desenho, plasticina, colagem, ente outros; a **área das construções e jogos de chão**, onde as crianças podem realizar as suas construções, com recurso a materiais, como por exemplo *legos* e jogos de encaixe; e a **área dos jogos de mesa**, na qual as crianças podem recorrer a *puzzles*, jogos de associação e de encaixe. De modo a facilitar a visualização da mesma, apresento em anexo a planta da sala (Anexo B) e as fotografias (Anexo C).

Cada uma das áreas da sala está organizada de forma a possibilitar que as crianças realizem diversas atividades, promovendo, assim, aprendizagens diferenciadas e significativas. Neste sentido, as áreas devem ser concebidas como espaços que “reproduzem, portanto, um estúdio ou oficina de trabalho, em tudo aproximado dos ambientes de organização das sociedades adultas” (Niza, 2007, p. 151), permitindo às crianças explorar, experienciar e construir conhecimento em contextos que refletem

práticas culturais e sociais do mundo que as rodeia. Importa salientar que em cada uma das áreas as crianças encontram um inventário, realizado pelas mesmas, que indica quantas crianças podem estar, que materiais existem, o que podem fazer e o que podem aprender.

Para além das áreas, nas paredes e *placards* da sala encontram-se afixadas produções das crianças, partilhas, projetos realizados e os instrumentos de gestão do MEM, que de acordo com Niza (2007) auxiliam na planificação, gestão e avaliação da atividade educativa e são utilizados pela equipa de sala e pelas crianças. Desta forma, os instrumentos que se encontram afixados na sala (Anexo D) são: mapa de presenças, mapa quero contar, mostrar ou escrever, mapa de tarefas, agenda semanal, diário, planos do dia, calendário, mapa do tempo, lista de projetos, mapa de comunicações e mapa de atividades.

Importa salientar que tal como as paredes da sala, também as paredes do corredor espelham as experiências das crianças dentro e fora da OS. Dessa forma, nas paredes junto à sala é possível encontrar registos de propostas e experiências vivenciadas pelas crianças e suas famílias.

2.6.2. O tempo

O tempo em educação de infância refere-se à rotina, que ao ser estruturada permite que as crianças consigam antecipar as situações e acontecimentos. No entanto, também é importante que a rotina seja flexível para situações que possam acontecer, como por exemplos visitas e saídas. A rotina em educação pré-escolar desempenha um papel fundamental uma vez que “promove a autonomia, a segurança e o sentido de pertença da criança, apoiando-a, ainda, na gestão do seu tempo e das suas aprendizagens” (Vala, 2012, p. 10).

No que concerne à rotina das crianças que pode acompanhar durante a PPSII, esta é organizada através da agenda semanal que as crianças podem consultar e observar as atividades planeadas para cada dia da semana. A educadora cooperante refere no PCG (2024) que a organização da rotina é negociada entre as crianças e a equipa educativa, uma vez que partilham o espaço educativo. De acordo com Vala (2012), o tempo no MEM é organizado em dois grandes períodos, “a manhã, destinada ao trabalho em projeto [*sic*]

e as atividades [*sic*] escolhidas pelas crianças e a parte da tarde destinada ao trabalho curricular participado pelo grupo e às sessões de animação cultural” (p. 10). Apresento abaixo a descrição do dia tipo do grupo de crianças que pude acompanhar:

- **Dia tipo**

O dia na organização socioeducativa inicia às 7 horas e 30 minutos, com o **acolhimento** das crianças, no recreio. Neste período as crianças chegam com as suas famílias que as acompanham até à sala de atividades para marcarem a presença, e depois retornam ao recreio.

Às 9 horas as crianças dirigem-se para a sala e reúnem-se na área polivalente para o momento da **reunião da manhã**. É neste momento que as crianças fazem as suas partilhas e novidades²¹ e, posteriormente, segue-se a planificação do dia²². Como referido no PCG (2024) é na reunião da manhã que, muitas vezes, surgem os projetos e outras propostas que partem das partilhas das crianças e dos seus interesses²³.

Após a reunião as crianças iniciam as **atividades nas áreas, desenvolvimento de projetos** ou outras tarefas definidas no plano do dia com as crianças. Importa salientar que as crianças têm atividades curriculares como a educação física (à terça e quinta-feira) e a música (quarta-feira) no período da manhã.

Às 11 horas e 30 minutos as crianças dirigem-se para o espaço exterior para brincar, ou por vezes, juntam-se na área da biblioteca para ouvir uma história. De seguida, às 12 horas o grupo dirige-se para o refeitório para o **momento da alimentação** (almoço).

Após o almoço, algumas crianças realizam o **momento da sesta** e as restantes permanecem no recreio a brincar. Às 14 horas e 30 minutos as crianças regressam à sala de atividades e dá-se o **tempo de comunicações**²⁴, no qual as crianças partilham as

²¹ Durante a reunião da manhã, o Bernardo partilhou que foi às compras com a mãe e trouxe vários legumes, neste caso beringela, tomate chucha e chuchu. Com isto, o Bernardo disse que queria fazer uma sopa com as crianças. (Registo de nota de campo n.º 243- quarta-feira, 22 de janeiro).

²² Após as partilhas das crianças, a educadora procedeu ao plano do dia com as crianças. Ficou decidido que iriam terminar o projeto dos sismos, a agenda semanal e iríamos realizar a comunicação do projeto das nuvens. (Registo de nota de campo n.º 2- segunda-feira, 30 de setembro).

²³ Depois, o Xavier mostrou uma máquina fotográfica e explicou como ela funcionava e cada criança pôde vê-la e tirar fotografias, (...) No seguimento da conversa, o Xavier afirma que gostava de fazer um projeto sobre máquinas fotográficas. (Registo de nota de campo n.º 12- terça-feira, 01 de outubro).

²⁴ a Mariana e a Maria Luísa quiseram comunicar às crianças algo que tinham feito durante a manhã, que neste caso foram padrões com peças de um dos materiais da sala. A Maria Luísa disse “Fiz um padrão de quadrados e círculos” e pudemos observar que a Maria Luísa utilizou figuras geométricas. Tal como a

experiências e descobertas que realizaram e pretendem partilhar com o restante grupo, existindo uma troca de aprendizagens entre as crianças. Neste momento, por vezes as crianças também se juntam na área da biblioteca para **ouvir uma história**. De seguida, consoante o dia da semana as crianças realizam atividades referentes às diversas áreas de conteúdo ou atividades de animação cultural, como por exemplo comunicações, jogos sociais, entre outras. Às sextas-feiras, à tarde, ocorre o **conselho de cooperação**²⁵ momento no qual as crianças conversam sobre os acontecimentos da semana e as propostas e experiências que as crianças pretendem realizar.

Às 15 horas e 30 minutos as crianças dirigem-se para o refeitório, para o momento do **lanche** da tarde e depois seguem para o **recreio** e/ou **saída** até as 19 horas.

Por fim, e em conclusão ao presente ponto da caracterização importa salientar que esta teve em conta a minha ação pedagógica, que será apresentada no ponto seguinte “Análise reflexiva da intervenção em jardim de infância”.

Maria Luísa, também a Mariana criou um padrão com figuras geométricas e uma das crianças sugeriu-lhe que podia ter utilizado mais cores. (Registo de nota de campo n.º 103- terça-feira, 05 de novembro).

²⁵ À tarde, realizámos a reunião de conselho na qual começámos por resolver uma situação entre a Maria do Carmo e o Manuel. Depois, preenchemos a coluna do “gostámos” e do “fizemos” e avaliámos a coluna do “queremos”. (Registo de nota de campo n.º 174- sexta-feira, 06 de dezembro).

3. ANÁLISE REFLEXIVA DA INTERVENÇÃO EM JARDIM DE INFÂNCIA

| ' ' | | ' ' |

3.1. Intenções para a ação

Após caracterizar o contexto socioeducativo, as crianças, a equipa e as famílias, importa frisar as intenções que sustentaram a minha ação pedagógica ao longo do período da PPSII, as quais estão explicitadas no presente capítulo. Como tal, procurei definir intenções educativas considerando os principais intervenientes - crianças, equipa educativa, famílias e comunidade -, bem como os princípios que guiam o modelo pedagógico do MEM e as práticas da educadora cooperante e auxiliar de ação educativa.

3.1.1. Intenções para com as crianças

As crianças são seres únicos que reagem de formas distintas aos diversos fatores que influenciam o seu crescimento e desenvolvimento, entre os quais a socialização e as relações que estabelecem com outras crianças e adultos. Posto isto, desde o início da minha integração no grupo, procurei **estabelecer uma relação afetiva e de proximidade, respeitando sempre os tempos de cada criança**^{26 27}. Como referem Ramos (2021) e Silva (2019), a relação educador/a – criança constrói-se com base em práticas responsivas, nas quais o/a adulto/a reconhece a importância de valorizar os tempos, as vontades e as individualidades das crianças. No seguimento do que as autoras referem, uma das minhas intenções passou por **observar as crianças e respeitar os seus interesses, necessidades e características**²⁸, permitindo-me conhecê-las melhor, construir relações e direcionar a minha ação pedagógica de forma mais eficaz. Importa salientar que ambas as intenções foram concretizadas, resultando no estabelecimento de uma relação positiva, onde as crianças me viam como um adulto de referência e me

²⁶ Quando saí da área das ciências a Francisca, que estava na área da biblioteca, perguntou-me se lhe podia ler uma história e assim o fiz. Nesse momento, outras crianças como o Tomás, o Xavier C., o Manuel, o Bernardo e a Laura juntaram-se a nós e pediram-me para ler outras histórias, escolhidas por eles. (Registo de nota de campo n.º 3- segunda-feira, 30 de setembro).

²⁷ o Matias aparece junto de mim e diz “Mariana anda ver o que consigo fazer”, eu vou com ele até ao corredor e ele começa a mostrar como consegue subir e saltar de várias formas. Nesse momento, eu encorajo-o e peço que ele me continue a mostrar, e observo como ele fica motivado em mostrar mais coisas. (Registo de nota de campo n.º 85- segunda-feira, 28 de outubro.)

²⁸ Durante esta manhã tenho vindo a observar que as crianças preferem a área do laboratório das ciências, do faz de conta, dos jogos de chão e da expressão plástica. Relativamente a esta última, é notório o interesse pela exploração das tintas e da pintura com diferentes técnicas desde pintura com balões, com pincéis, e depois também é visível o interesse das crianças por desenhos e fazer colagens. No entanto, algumas crianças demonstram mais preferência por esta área nomeadamente o Manuel, o Martim, o Xavier B. e a Maria do Carmo (Registo de nota de campo n.º 90- terça-feira, 29 de outubro).

procuravam em diversas situações²⁹, desde brincadeiras, demonstrações de afeto³⁰, auxílio em tarefas, entre outras. Ademais, adotar uma postura observadora permitiu-me conhecer as crianças, as suas relações, as suas brincadeiras, as áreas preferenciais e também perceber os seus interesses e curiosidades.

As crianças, de acordo com Ferreira (2004), são participantes ativos no seu desenvolvimento, e por isso, os seus interesses devem ser tidos em conta pelo/a educador/a, que deve adequar as atividades a esses interesses. Assim, durante a prática, procurei **considerar as crianças sujeitos ativos, valorizar a sua participação e ter em conta os seus interesses**, o que contribuiu para que a minha ação pedagógica fosse ao encontro dos interesses³¹, curiosidades³² e partilhas³³ das crianças.

No contexto da OS, que se rege pelo modo pedagógico do MEM, “assentam as questões relacionadas com o papel da Escola em proporcionar às crianças um espaço privilegiado para uma participação ativa” (Almeida, 2014, p. 13). Desse modo, ao longo da PPSII uma das minhas intenções passou por **promover um ambiente democrático que valorize as vozes das crianças**. Nesse sentido, uma das minhas prioridades passou por ouvir as ideias e partilhas crianças, criando um ambiente onde todas se sentissem

²⁹ Já no recreio, o Tomás andava mais sozinho e apareceu junto a mim e perguntei o que se passava ao que ele respondeu que não era nada e ele agarrou nas minhas mãos e virou-as para cima, compreendi que ele queria jogar ao jogo da sardinha e então fiquei a brincar com ele. (Registo de nota de campo n.º 41- quarta-feira, 09 de outubro).

³⁰ Antes da reunião da manhã, o Afonso veio até mim e deu-me um abraço e disse que tinha estado de férias com os pais em Praga e disse “Eu fui de Lisboa para Praga” (Registo de nota de campo n.º 163- segunda-feira, 02 de dezembro).

³¹ Depois da reunião, juntei-me com o Afonso, a Laura e a Nazaré para realizarmos uma investigação sobre Mozart que partiu do interesse do Afonso após uma viagem a Viena. (Registo de nota de campo n.º 234- segunda-feira, 20 de janeiro).

³² No momento seguinte, realizei uma proposta sobre o clarinete e as bandas filarmónicas. Dada a curiosidade das crianças sobre o instrumento que toco e em descobrir o que é uma banda filarmónica, pensei numa proposta em que as crianças pudessem ouvir o som do clarinete, tocar, e conhecer uma banda filarmónica. (Registo de nota de campo n.º 148- segunda-feira, 25 de novembro).

³³ Numa das reuniões da manhã, aquando da partilha do Egas sobre um jogo sobre a Terra e o Sol, surgiu uma troca de ideias sobre a noite e o dia nos diferentes países, algumas crianças diziam que quando era de noite em Portugal e noutros países era dia, mas nem todas as crianças achavam que isso era verdade. Nesse sentido, e dadas as dúvidas das crianças perguntei ao Egas se ele gostava de fazer uma proposta para observarmos como acontece o dia e a noite, ele mostrou-se interessado em fazê-lo e eu perguntei-lhe se ele gostava de fazer a experiência com alguém e ele disse que queria que o Martim e o Xavier B. (Registo de nota de campo n.º 123- quarta-feira, 13 de novembro).

ouvidas, seja em relação às suas novidades³⁴, comunicações³⁵ ou trocas de ideias³⁶. Nos momentos em que as crianças partilham e falam entre si, os/as adultos/as estão a assumir o “paradigma de autoformação cooperada, em que todos ensinam e todos aprendem, sendo que todos os momentos e encontros de debate e de reflexão contribuem para melhorar as práticas educativas” (Cruz et al., 2015, p. 35).

O brincar revela um papel importante em educação de infância, sendo responsabilidade do/a educador/a de infância proporcionar espaços e tempos para que isso aconteça, seja na sala de atividades, no recreio ou fora do espaço da OS. Como refere Ferreira (2010), através do brincar as crianças interagem e estabelecem relações sociais, permitindo a partilha de interesses, curiosidades, gostos, etc. As brincadeiras desempenham um papel fundamental nas práticas dos/as educadores/as, pois, como sublinha Ferreira (2010, p. 13), “ao observarmos as crianças a brincar, podemos obter informações essenciais a seu respeito”. Neste contexto, uma das minhas intenções durante a Prática Profissional Supervisionada II (PPSII) foi interagir com as crianças e participar nas suas brincadeiras, sempre respeitando a sua vontade e os seus interesses. Adotei uma postura essencialmente observadora, mas sempre que considerei pertinente, envolvi-me nas brincadeiras das crianças, com o objetivo de estabelecer ligações e promover uma interação enriquecedora.

3.1.2. Intenções para com as famílias

No seio familiar, as crianças estabelecem os primeiros contactos sociais, através de determinadas crenças, vivências e das primeiras aprendizagens. A família é, portanto,

³⁴ Depois, o Egas mostrou várias máquinas fotográficas que trouxe e explicou que eram antigas e que eram do seu avô. Quando questionei o Egas sobre as máquinas ele disse também que elas já não funcionavam 220 porque eram velhas. De seguida, o Egas explicou-nos como é que é que a máquina funcionava e depois pudemos observar as diferenças entre as três máquinas que trouxe. Para além disso, o Egas mostrou um cartão de memória e eu referi que as crianças que fazem parte do projeto das fotografias já sabiam o que era e que já tínhamos visto para que servia, depois a Maria Inês partilhou que o seu pai também tinha mostrado um. No fim, o Egas quis passar a máquina fotográfica e o cartão de memória pelas crianças. (Registo de nota de campo n.º 135- terça-feira, 19 de novembro).

³⁵ a Laura quis mostrar ao grupo algo que tinha feito de manhã e explicou que “Eu fiz uma tenda com caixas de ovos e pintei com canetas” e também sugeriu que a poderia colocar no teto. (Registo de nota de campo n.º 145- sexta-feira, 22 de novembro).

³⁶ o Manuel sugeriu que podíamos fazer uma exposição, pelo que lhe disse que era uma boa ideia e podíamos pôr também fotografias que as crianças tiraram. Dessa forma, o Xavier disse que podíamos apresentar à sala da Rita e eu sugeri que podíamos apresentar a toda a OS, e fazíamos a exposição no ginásio. (Registo de nota de campo n.º 186- segunda-feira, 16 de dezembro).

vista como o primeiro educador e deve existir uma relação de parceria entre os contextos educativos e as famílias (Mollo-Bouvier, 2005; Souza et al., 2024).

Tendo em conta a importância da relação com as famílias e da comunicação com a equipa educativa, a principal intenção para com as famílias passou por **informá-las acerca do propósito da minha ação educativa, tendo em conta princípios éticos**. Dessa forma, elaborei uma carta de apresentação (Anexo E), afixada à porta da sala de atividades, para que as famílias tivessem conhecimento do meu papel enquanto estagiária e as finalidades da minha prática.

Considerei pertinente **construir uma relação de confiança e respeito** para com as famílias, nesse sentido procurei ser cordial e respeitar os tempos das famílias, contanto com o apoio da educadora cooperante, que me apresentou às famílias, como retrata o seguinte registo: “De manhã, quando cheguei à sala a educadora apresentou-me a alguns pais que estavam a deixar as crianças e, a educadora aproveitou para explicar a minha presença na sala e na OS.” (Registo de nota de campo n.º 11- terça-feira, 01 de outubro).

A cooperação entre a equipa educativa e as famílias é essencial, uma vez que estas são “consideradas como parceiros, sujeitos e protagonistas da ação educativa” (Matos, 2003, p. 3). Assim, durante a PPSII procurei **incluir as famílias na ação pedagógica incentivando à sua participação**, como referem Vidal e Pires (2022) o/a educador/a de infância dialoga com as famílias e deve motivá-las a participar no contexto educativo onde as crianças se inserem, o que permite que exista uma troca de experiências e vivências que são enriquecedoras para as crianças. Um exemplo disso foi o projeto sobre máquinas fotográficas realizado com as crianças, no qual as famílias contribuíram com equipamento fotográfico e também pude contar com a participação de dois pais^{37 38} que proporcionaram duas atividades às crianças.

³⁷ Antes de irmos para a sala, a educadora e eu estivemos a falar com o pai do Matias para o questionar se poderia/gostava de mostrar e falar às crianças sobre máquinas fotográficas para o projeto, visto que o seu trabalho é na área do audiovisual. Dessa forma, o pai mostrou-se disponível e com interesse em participar e contribuir para o projeto. (Registo de nota de campo n.º 93- quarta-feira, 30 de outubro).

³⁸ a Maria Figura 55 Partilha da Maria Luísa 196 Inês disse que o seu pai gosta de tirar fotografias e a educadora referiu-me que o pai da Maria Inês está disponível para participar no projeto das máquinas fotográficas para trazer materiais para mostrar às crianças, pelo que ficou combinado para segunda-feira. (Registo de nota de campo n.º 115- segunda-feira, 11 de novembro).

3.1.3. Intenções para com a equipa educativa

Desde o início da PPSII procurei ser uma estagiária atenta, disponível e simpática, tanto para as crianças como para os/as adultos/as, e por isso, relativamente à equipa educativa procurei **estabelecer uma relação tendo como base o respeito, a simpatia, a ética e a partilha**³⁹. Vaz (2013) destaca que as boas relações entre membros da equipa facilitam a partilha de ideias, o que leva a uma maior reflexão e aperfeiçoamento das práticas adotadas. Uma segunda intenção passou por **adaptar-me e ir ao encontro das práticas e intenções** da equipa educativa, nesse sentido inicialmente adotei uma postura observadora das rotinas da educadora cooperante e da auxiliar de ação educativa, sendo que mostrei uma postura interventiva e questionando o que me parecia relevante.

Ao longo da prática, procurei **adotar uma postura ética, colaborativa e disponível** para com os membros da equipa de sala e de toda a OS, de modo a integrar e cooperar nas rotinas diárias do grupo. Ao colaborar e trocar pontos de vista com a equipa pude adquirir novas aprendizagens que influenciarão a minha ação futura.

3.1.4. Intenções para com a comunidade

A comunidade desempenha um papel de agente educativo significativo, e por isso, a OS valoriza e promove a relação das crianças com a comunidade, para tal, durante a PPSII procurei **proporcionar o contacto do grupo com a comunidade, como da comunidade com as crianças**. Assim, organizei duas visitas para o grupo, à oficina de máquinas fotográficas “Transparências Coloridas” do senhor Leonel V.⁴⁰, no âmbito do projeto das máquinas fotográficas, como também uma visita à Banda de Música da Força Aérea Portuguesa⁴¹ no seguimento de uma proposta sobre bandas filarmónicas.

³⁹ Após a realização da proposta troquei o feedback com a educadora, que referiu que a minha explicação tornou-se confusa para as crianças e que no momento de lhes perguntar como a frase poderia estar na negativa devia lhes ter perguntado “E se isso não acontecesse”, ao que partilhei que não sabia se estaria a dar-lhes a resposta ao fazer de outra forma. (Registo de nota de campo n.º 42- quarta-feira, 09 de outubro).

⁴⁰ Nesta manhã fomos à oficina do senhor Leonel Verdasca, onde as crianças puderam explorar máquinas antigas bem como os seus componentes. Para além disso, o senhor Leonel explicou algumas coisas referentes ao funcionamento das máquinas fotográficas, como o facto de algumas usarem rolos. (Registo de nota de campo n.º 171- quarta-feira, 04 de dezembro).

⁴¹ Neste dia, visitámos a Banda de Música da Força Aérea Portuguesa. As crianças puderam conhecer os diversos instrumentos que compõem um a banda de música e ouvir um concerto interpretado pela mesma. Durante o concerto as crianças estiveram atentas e participavam quando lhes faziam perguntas. (Registo de nota de campo n.º 252- sexta-feira, 24 de janeiro).

4. "O QUE SE TRAZ DE CASA":
AS PRÁTICAS CULTURAIS
FAMILIARES NUMA SALA DE
JARDIM DE INFÂNCIA
| ' ' | ' ' |

4.1. Identificação e fundamentação da problemática

Durante o período da Prática Profissional Supervisionada II (PPSII), procurei observar e interagir com as crianças, a equipa educativa e as famílias, com o objetivo de compreender o contexto socioeducativo da organização que me acolheu. Através dos registos de observação e das conversas informais com a equipa pedagógica e com as crianças, foi possível identificar como as práticas culturais familiares influenciam a dinâmica do grupo e o desenvolvimento da identidade de cada criança. Este processo reflete, assim, a compreensão da criança enquanto sujeito social ativo, cujas experiências familiares desempenham um papel crucial na construção da sua identidade, integrando as dimensões sociais e culturais no contexto educativo.

Nos primeiros dias de estágio, captou a minha atenção o *entusiasmo* das crianças em partilhar, principalmente nos momentos em grande grupo, as suas experiências e práticas culturais com as suas famílias. Nestas partilhas, as crianças relatavam as suas práticas culturais (Pais, Lobo Antunes & Magalhães, 2020), incluindo viagens⁴², visitas a museus⁴³, cinemas, teatros⁴⁴, exposições e a espaços verdes, como por exemplo jardins e parque públicos⁴⁵. A maioria destas partilhas eram complementadas com registos elaborados pelas crianças e as suas famílias, que retratavam as suas vivências culturais. Importa referir que esses registos que as crianças partilham com o grande grupo e que refletem as suas práticas culturais, são afixados nas paredes da sala e no corredor junto à mesma (Anexo F).

Ao observar as partilhas das crianças, percebi que as práticas culturais familiares desempenham um papel crucial na construção do capital cultural das crianças, um conceito desenvolvido por Bourdieu (1989), que se refere à forma como a cultura é

⁴² De seguida, a Laura mostrou-nos e falou-nos das fotografias da sua viagem a Londres, numa das fotografias a Laura explicou que estava num autocarro diferente e o Bernardo e a Maria do Carmo disseram que “É turístico”. Depois a Laura partilhou que tinha ido ao Big Ben, à London Eye, ao Palácio de Buckingham e ao Museu de história natural, onde viu animais extintos. Para além disso, a Laura mostrou uma fotografia sua mascarada e explicou que tinha ido pedir “doçura ou travessura” no Halloween. (Registo de nota de campo n.º 97- segunda-feira, 04 de novembro).

⁴³ O Bernardo partilhou que trouxe um jornal, porque foi ao museu da água e disse que tinha visto uma torneira. (Registo de nota de campo n.º 115- segunda-feira, 11 de novembro).

⁴⁴ O Bernardo também partilhou com o grupo que trouxe um bilhete do espetáculo “Merry Poppyns: Christmas” e disse que foi com os pais. (Registo de nota de campo n.º 185- segunda-feira, 18 de dezembro).

⁴⁵ A Maria do Carmo partilhou (...) que no fim de semana tinha ido ao parque das bicicletas e que já tinha uma sem rodinhas e que já conseguia andar sozinha. (Registo de nota de campo n.º 135- terça-feira, 19 de novembro).

transmitida e experienciada nas relações familiares. Através dos registos realizados em colaboração com as famílias e posteriormente partilhados com o grupo, cria-se um espaço para a troca de experiências entre as crianças, promovendo um enriquecimento mútuo do seu capital cultural. Este estudo também evidencia as formas subtis através das quais as práticas educacionais contribuem para a reprodução da estratificação social desde os primeiros anos de vida (Croizet & Millet, 2024).

Ao longo das semanas em que acompanhei o grupo de crianças, registei as suas partilhas culturais por meio de uma observação consistente, densa e contínua, acompanhada de notas de campo organizadas numa grelha específica para esse efeito (Anexo G), bem como de fotografias dos seus registos. Nesse sentido, considerei que a temática da investigação incidiria sobre: *“O que se traz de casa”*: as práticas culturais familiares numa sala de jardim de infância, e apresenta como objetivos: (i) compreender como as crianças se reconhecem como produtoras de cultura e como as experiências culturais familiares são convocadas no quotidiano do JI; (ii) compreender de que forma as práticas culturais familiares influenciam as práticas pedagógicas da equipa educativa.

4.2. Revisão da literatura

O presente subcapítulo descreve a revisão de literatura acerca da temática em estudo, cujo título se define por **“O que se traz de casa”**: as práticas culturais familiares numa sala de jardim de infância. Nesse sentido, o enquadramento teórico encontra-se organizado em 3 tópicos, de entre os quais: (i) Do capital cultural às práticas culturais: influências e expressões na infância; (ii) As crianças como produtoras de culturas; (iii) *Go between*: as partilhas culturais que chegam ao jardim de infância.

4.2.1. Do capital cultural às práticas culturais: influências e expressões na infância

O conceito de capital cultural, formulado pelo sociólogo Pierre Bourdieu, é uma ferramenta para compreender as desigualdades de oportunidades entre as diferentes classes sociais, como refere Nogueira (2021). De acordo com Bourdieu (1998), o capital cultural refere-se ao conjunto de conhecimentos, habilidades e disposições culturais que um indivíduo adquire ao longo da sua vida, influenciado pelo meio familiar e as oportunidades sociais. Este conceito ocupa um lugar central na Sociologia da Educação,

como defende Cunha (2007), na medida em que auxilia e explica como as diferenças no acesso à cultura impactam as desigualdades e o percurso escolar e social das crianças.

O capital cultural manifesta-se sob três formas distintas, como explicitou Bourdieu (1998): (i) *capital cultural incorporado*, que é acumulado e assimilado ao longo do tempo e torna-se parte do indivíduo, como por exemplo competências linguísticas, gostos culturais e modos de pensar. Este tipo de capital é “um ter que se tornou ser, uma propriedade que se fez corpo e tornou-se parte integrante da “pessoa”, um *habitus*” (Bourdieu, 1998, p. 74), sendo transmitido principalmente no ambiente familiar e requer um longo processo de assimilação; (ii) *capital cultural objetivado*, que corresponde aos bens culturais materiais, como livros, obras de arte, museus, cinemas, entre outros, tal como referem Oliveira e Cruz (2014). Esta forma de capital cultural simboliza e materializa o capital cultural incorporado e esta “intrinsecamente ligada ao capital econômico, que irá proporcionar a aquisição material ou simbólica desses bens culturais” (*idem*, p. 1251); e (iii) *capital cultural institucionalizado*, que se manifesta “sob a forma do diploma” (Bourdieu, 1998, p.78), seja ele acadêmico ou profissional, que foi reconhecido pela devida instituição.

Na área da educação, o capital cultural funciona como um fator determinante, na medida em que as crianças que provêm de famílias com elevado capital cultural tendem a ter um desempenho escolar superior, como refere Bourdieu (1989) “cada família transmite a seus filhos, mais por vias indiretas que diretas, um certo capital cultural e um certo *ethos*, (...) que contribui para definir, entre outras coisas, as atitudes face ao capital cultural e à instituição escolar” (p. 5). As famílias pertencentes às classes médias e altas tendem a disponibilizar, com maior facilidade, um conjunto diversificado de experiências culturais, em comparação com famílias inseridas em contextos socioeconômicos mais desfavorecidos. Para além disso, as estratégias parentais associadas ao incentivo do desenvolvimento e da aprendizagem das crianças variam significativamente em função da posição social da família, refletindo práticas educativas diferenciadas que contribuem para a reprodução das desigualdades sociais (Bourdieu, 1998). Como destaca Lee (2021), os pais da classe média tendem a fomentar qualidades como a autodisciplina, a curiosidade e o interesse pela aprendizagem nos seus filhos, enquanto os pais das classes trabalhadoras privilegiam a conformidade com a autoridade externa. O’ Brien (2023)

afirma que esta desigualdade pode ser observada nos contextos educativos, uma vez que as crianças que provém de classes mais elevadas têm oportunidade de aprender e descobrir através das suas experiências culturais, enquanto outras crianças apenas contactam com a cultura através de propostas dos contextos educativos. Além disso, as famílias com maior capital cultural têm tendência a envolverem-se mais nas rotinas e nas atividades proporcionadas pelos contextos educativos (*idem*).

O capital cultural revela um conjunto de práticas culturais que refletem os valores e as tradições de um determinado grupo social. As práticas culturais referem-se a um conjunto de comportamentos e atividades relacionadas ao lazer e com enfoque cultural, como por exemplo a leitura, a frequência de museus, eventos artísticos e outras formas de expressão cultural (Fernandes et al., 2017; Pais, Lobo-Antunes & Magalhães, 2020).

As práticas culturais refletem uma determinada cultura, entendida como um conceito complexo e multifacetado, que, segundo Moreira et al. (2013), tem sido amplamente explorado por diferentes áreas do conhecimento, nomeadamente pela sociologia, pela antropologia e pela psicologia. Cada uma destas disciplinas contribui para uma compreensão aprofundada das formas como os indivíduos, em particular as crianças, incorporam e reproduzem significados culturais no seu quotidiano. Na perspetiva antropológica, a cultura é definida como o “conjunto de padrões de comportamentos e pensamentos aprendidos socialmente, compartilhados por uma dada sociedade, que são reproduzidos e transmitidos de uma geração para outra” (Bodley, 1994 citado por Moreira et al., 2013, p. 16). Já na perspetiva psicológica, os autores afirmam que a cultura é considerada um modo de vida partilhado entre um grupo de pessoas, englobando valores, suposições, costumes, tradições, entre outros. A cultura refere-se “às contingências de reforço social, cuja existência vai além do período de vida dos membros do grupo.” (*idem*, p. 15).

As práticas culturais desempenham um papel fundamental no desenvolvimento e na aprendizagem das crianças, pois possibilitam o contacto com diferentes formas de conhecimento e contribuem para a ampliação das suas experiências sociais. Estas vivências não só enriquecem o repertório cultural das crianças, como também favorecem a construção de significados, a socialização e o reconhecimento de diferentes códigos e valores presentes no seu meio sociocultural. As práticas culturais ocorrem em diversos

contextos, nomeadamente no familiar, sendo este o centro para o desenvolvimento de uma criança. A família apresenta um “papel determinante na transmissão de recursos, competências e disposições de natureza diversas com aquilo que possuem” (Ferreira & Araújo, 2019, p. 35), sendo responsável por proporcionar experiências que ampliam o repertório cultural das crianças. A influência do capital cultural das famílias manifesta-se nas práticas que adotam e nas experiências que proporcionam às crianças, como refere Bordieu (1989).

4.2.2. As crianças como produtoras de culturas

A infância constitui uma das categorias sociais de tipo geracional, assumindo um lugar específico e estruturante no ciclo de vida dos indivíduos (Sarmiento, 2004). É neste período que se desenrolam as primeiras aprendizagens, vivências culturais e o estabelecimento das primeiras relações e interações sociais, que são fundamentais para a construção da identidade. Importa, por isso, reconhecer as crianças como sujeitos sociais de pleno direito, dotados de características próprias, participativos e ativos no seu desenvolvimento e na sua relação com o mundo, conforme sublinha Ferreira (2004). Além disso, as crianças são indivíduos que produzem as suas culturas, nesse sentido, Sarmiento (2004) destaca que é durante a infância que as crianças contactam com adultos e outras crianças, o que lhes permite “aprimorar, reinventar e reproduzir o mundo que as rodeia” (p. 23).

A ideia de que as crianças são produtoras de cultura baseia-se no reconhecimento da sua agência e ação social na construção de significados e práticas sociais, como defendem Sarmiento e Tomás (2020). Este entendimento quebra as visões tradicionais que consideravam a infância um período de preparação para a vida adulta, em que as crianças eram vistas como recetoras passivas da cultura transmitida pelos adultos. Os estudos na área da Sociologia da Infância, nomeadamente os contributos de William Corsaro e Manuel Sarmiento, destacam a importância das interações entre pares e a capacidade das crianças em interpretar e produzir cultura no seu dia a dia. Nesse sentido, aborda-se a expressão de culturas infantis, na qual “observam-se, principalmente, dois tipos de manifestações: as culturas elaboradas por adultos, tendo em vista a transmissão para as

crianças- cultura para as crianças e cultura sobre as crianças-, e, por outro lado, as culturas elaboradas pelas crianças.” (Barbosa, 2014, p. 655).

O autor William Corsaro introduziu o conceito de “reprodução interpretativa” (citado por Sarmiento, 2021, p. 182) para descrever o modo como as crianças reinterpretam e transformam a cultura adulta, atribuindo-lhe os seus significados. Para Corsaro, as culturas infantis são definidas “como um conjunto de artefactos [*sic*] e valores produzido e compartilhado de forma coletiva e pública entre pares” (Marchi & Evangelista, 2023, p. 3), esta produção ocorre sobretudo em contextos de interação, como os jardins de infância, onde as crianças criam relações sociais. Tal como Barbosa (2014) refere, as interações sociais que as crianças estabelecem permitem-lhes agir e trocar experiências entre si, por isso, o conceito de culturas de infância relaciona-se com a “agência infantil, i.e., a ideia da criança como ator social ou produtora de cultura” (Marchi & Evangelista, 2023, p. 3).

Um aspeto central na abordagem de Corsaro (2011) é a distinção entre elementos simbólicos e materiais nas culturas infantis. Os elementos simbólicos referem-se aos produtos culturais transmitidos pelos adultos, desde histórias, lendas e/ou personagens relacionadas com celebrações, como por exemplo o Pai Natal ou o coelho da Páscoa. Estes produtos culturais são reinterpretados pelas crianças nas suas brincadeiras e interações entre pares. Já os elementos materiais dizem respeito aos objetos concretos utilizados pelas crianças no seu quotidiano, desde brinquedos e outros objetos que as crianças utilizam para personificar as suas brincadeiras e refletir as suas culturas infantis.

De uma outra perspetiva, Sarmiento (2004) destaca que as culturas da infância apresentam traços distintivos, apresentando-os como a “gramática das culturas da infância” (p. 21), que se manifesta em três dimensões principais- **semântica, sintaxe e morfologia**. A semântica refere-se à construção de significados próprios pelas crianças, a sintaxe diz respeito ao modo como as crianças articulam “elementos construtivos da representação” (*idem*, p. 22) nas suas interações e a morfologia compreende as formas específicas de expressão das culturas infantis, como jogos, brinquedos, gestos, entre outros. Esses processos evidenciam que as crianças não se influenciam pela cultura adulta, como desenvolvem e transformam os seus significados culturais nas suas ações. Sarmiento (2004) destaca que as culturas infantis expressam a cultura da sociedade onde estão

inseridas, de uma forma própria e distinta das culturas adultas, “ao mesmo tempo que veiculam formas especificamente infantis de inteligibilidade, representação e simbolização do mundo” (p. 22).

Manuel Sarmiento, identifica quatro eixos estruturadores as culturas da infância - **interatividade, ludicidade, fantasia do real e reiteração** (Sarmiento, 2004). Para o autor a interação entre pares é fundamental para a construção das culturas infantis, pois “as crianças aprendem com as outras crianças, nos espaços de partilha comum. Estabelecem-se dessa forma as culturas de pares” (p. 23). Nas suas interações diárias, as crianças criam linguagens próprias, desenvolvem formas de comunicação e trocam experiências que refletem a sua agência cultural. Este processo interativo permite-lhes explorar, negociar e (re)construir significados, o que se reflete na ideia das crianças como produtoras de culturas. A ludicidade é um elemento central nas culturas infantis, o brincar para além de ser uma atividade inerente à infância, constitui um espaço que permite às crianças expressarem a sua criatividade e partilharem experiências culturais e sociais. A fantasia do real refere-se à imaginação das crianças, que amplia a sua visão do mundo e o sentido que atribui às coisas. Este conceito é “fundacional do modo de inteligibilidade” (p. 26) da criança e permite a apropriação do mundo visto por ela. A reiteração relaciona-se com a forma como as crianças compreendem o tempo e o estabelecem nas suas brincadeiras, este “é um tempo recursivo, continuamente reinvestido de novas possibilidades, um tempo sem medida, capaz de ser sempre reiniciado e repetido” (p. 28).

Tanto Corsaro como Sarmiento concordam que as culturas de infância são formadas na interação entre pares e na relação com os adultos, no entanto, mantêm características únicas que refletem a criatividade, autonomia e agência das crianças. Como referem Marchi e Evangelista (2023), as culturas da infância não surgem do vazio cultural, mas sim da sociedade onde as crianças estão inseridas e das experiências que vão partilhando entre si.

As crianças, enquanto seres produtores de cultura e agentes culturais, são principalmente sujeitos de direitos com agência, como salientam Sarmiento e Tomás (2020). Esta ideia está intimamente relacionada com a Convenção sobre os Direitos da Criança (CDC), adotada pela Organização das Nações Unidas (ONU) em 1989. Este documento, segundo Tomás (2014), representa um marco histórico ao reconhecer as

crianças como cidadãos com direitos próprios, incluindo o direito à participação, expressão e à liberdade de opinião, que insurgiu a educação de infância e as práticas dos profissionais de educação.

É fundamental considerar as crianças como participantes ativas na construção das suas experiências culturais. A sua capacidade de reinterpretar os elementos culturais reflete a sua voz ativa e agência, bem como as trocas de experiências que ocorrem nos seus círculos sociais. Barbosa (2014) afirma que as crianças têm contacto com diversas culturas e partilham as suas vivências com os seus grupos de pares, sendo que “as crianças têm competência para agir e, desde muito pequenas, aprendem por meio do convívio social” (p. 657).

Por fim, as crianças, enquanto sujeitos de direito e agentes culturais, desempenham um papel ativo na construção das suas relações e experiências sociais. Cabe aos adultos ouvi-las, deixá-las expressar as suas vontades, interesses, sugestões e garantir que tenham voz para que sejam ativas socialmente e darem o seu contributo. Conforme as ideias de Tomás (2014), as crianças estão integradas nos processos das culturas de infância, que se define como “construtivo e mutável, tornando-se, desta forma, seres culturais.” (p. 141).

4.2.3. *Go between*: as partilhas culturais que chegam ao jardim de infância

A entrada da criança no jardim de infância representa um ponto de ligação entre dois contextos fundamentais- a família e o jardim de infância. O meio familiar, caracteriza-se por ser o “primeiro e principal contexto de socialização” (Sarmiento & Carvalho, 2017, p. 8), tornando-se a base das suas ideologias e valores devido às vivências e experiências proporcionadas pela família. Assim, a família estabelece ligações com outras instituições sociais e culturais com as quais as crianças irão contactar, permitindo uma troca de conhecimentos e experiências que a integram num meio social mais amplo, como defende Ferreira (2004). É fulcral que se estabeleçam relações de confiança e cooperação entre as famílias e o contexto educativo, que dá “continuidade às experiências familiares e sociais que a criança vai vivenciando ao longo do tempo.” (Vidal & Pires, 2022, p. 87).

As OS desempenham um papel fundamental ao envolver os pais no propósito educativo, por isso, é fundamental “proporcionar o desenvolvimento e o acesso de todas as crianças aos recursos educativos disponíveis na sociedade atual e, dessa forma, promover as aprendizagens, o bem-estar da criança e a sua boa integração social” (Mata & Pedro, 2021, p. 10). O envolvimento parental tem um impacto significativo no processo de aprendizagem, pois quando as famílias apoiam a construção de valores educativos e incentivam as crianças, estas beneficiam no seu percurso de aprendizagem e desenvolvimento. Ao estabelecer uma relação sólida e de confiança com as famílias, a equipa educativa conhece melhor as crianças o que irá influenciar a sua ação e a definição das intenções educativas. Essa relação deve ocorrer de uma forma holística, tal como refere Nitecki (2015, citada por Mata et al., 2022), não existindo um foco em atividades que envolvam as famílias, mas sim as relações que se criam entre os agentes educativos, família e JI. É importante que os/as educadores/as de infância conheçam e valorizem as diferenças entre as famílias, reconhecendo que cada uma apresenta as suas vivências e experiências, o que implica que os/as educadores/as de infância reconheçam “o facto de os pais terem projetos educativos para os seus filhos distintos” (Mata & Pedro, 2021, p. 16).

O conceito de *go-between*, tal como descrito por Perrenoud (1995), é essencial para compreender a criança como mediadora entre a família e o jardim de infância. Este conceito refere-se à criança como “o árbitro das relações entre os pais e os professores, que pode tornar possível ou esvaziar de sentido as comunicações diretas [*sic*] entre ambos.” (*idem*, p. 90), desempenhando um papel central na construção de pontes entre os dois contextos. A criança tem os seus direitos e uma voz ativa socialmente, que deve ser ouvida, tal como refere Sarmiento (2018). Por isso, o seu papel de mediadora entre a família e o jardim de infância é tão relevante.

Cada criança traz consigo uma bagagem de práticas, tradições, valores e crenças que partem do seu meio familiar, que irão ser partilhadas no jardim de infância. O espaço educativo transforma-se num local de encontro e interação social, onde ocorre a troca de experiências e vivências entre as crianças. Dessa forma, as crianças influenciam o ambiente educativo, quer de forma inconsciente “sempre que as crianças interferem,

ainda que os adultos não se apercebam” (Sarmiento & Marques, 2006, p. 63), quer de forma consciente, quando são ouvidas e reconhecidas pelos adultos.

Ao assumir o papel de *go-between* entre a família e o jardim de infância, a criança partilha com os/as adultos/as e pares as suas vivências, dando o seu contributo para a criação de um espaço onde a criança é escutada e onde ocorre o processo de aprendizagem. Muitas das partilhas das crianças refletem as suas práticas culturais, pelo que a prática pedagógica das equipas educativas considera o papel central das crianças como mediadoras culturais. Para isso, é necessária a criação de espaços que promovam a escuta e a valorização das partilhas que vêm de casa e que permitam a interação das famílias, reconhecendo-as como elementos fundamentais para a construção do conhecimento. Também Sirota, uma das principais investigadoras no campo da Sociologia da Infância, convoca o conceito de *go-between* para descrever o papel que as crianças assumem enquanto mediadoras entre diferentes contextos sociais, como a família e a escola. Ao invés de serem vistas apenas como recetoras passivas das normas e valores que cada espaço lhes impõe, as crianças posicionam-se como agentes que negociam, interpretam e adaptam essas referências culturais. Esta capacidade de mediação revela não só a sua autonomia enquanto sujeitos sociais, mas também a complexidade das suas vivências e das suas relações com os adultos e com os pares.

4.3. Roteiro metodológico e ético

Ao dar início a uma investigação é essencial definir as opções metodológicas, as quais englobam a natureza da investigação, os métodos, as técnicas instrumentos de recolha de dados, a análise de dados e os princípios éticos.

No que concerne à natureza da investigação, esta compreende uma abordagem qualitativa, que “está interessada em apurar os significados e o entendimento de um determinado fenómeno, não se preocupando em primeiro lugar com a sua mediação” (Martins & Belfo, 2011, p. 50). Através desta metodologia, o/a investigador/a contacta com a realidade do ambiente de investigação e com os envolvidos. Meirinhos e Osório (2010) referem que esta metodologia segue uma perspetiva interpretativa e construtivista uma vez que o/a investigador/a está envolvido no trabalho de campo a observar, registar

e interpretar as situações em análise, adotando uma postura de observador que “nunca perca o contacto com o desenvolvimento do acontecimento” (p. 51).

Considerando a natureza da investigação e a compreensão da temática em questão, defini como método o estudo de caso. Este método “examina um fenómeno social no ambiente natural, através da recolha e análise de material empírico a partir de locais sociais específicos, tendo como objetivos [*sic*] fundamentais, o largar ou aprofundar o conhecimento científico” (Martins & Belfo, 2011, p. 44). Embora geralmente se baseie numa abordagem qualitativa, o estudo de caso pode adotar metodologias quantitativas.

O estudo de caso apresenta um conjunto de características individualizadas, de acordo com os autores Meirinhos e Osório (2010): (i) o carácter holístico, por adotar ambas as naturezas de um estudo, que dessa forma “visam uma maior concentração no todo, para chegar a compreender o fenómeno na globalidade” (p. 53); (ii) o contexto onde se realiza o estudo de caso, é considerado relevante nomeadamente em investigações com crianças, dado que é nele que ocorrem as interações sociais e onde existem diversos fatores e questões a serem investigadas; (iii) a possibilidade de generalizações pois, “o estudo de um caso pode permitir generalizar para outro caso” (p. 54); (iv) a definição de uma teoria prévia, que permite ao investigador organizar as suas ideias e definir o que pretende estudar em concreto; (v) o seu carácter interpretativo constante, no qual o investigador depara-se com novas informações que permitirão que exista uma interpretação e reflexão das mesmas face às questões do estudo.

Importa realçar, no que concerne à tipologia do estudo de caso por Yin (1993), o presente estudo enquadra-se como um estudo de caso descritivo. Este tipo de estudos “representam a descrição completa de um fenómeno inserido no seu contexto” (Meirinhos & Osório, 2010, p. 57), visto que a questão a ser investigada partiu da observação das partilhas das crianças relativamente às suas práticas culturais familiares no contexto da PPSII.

Antes iniciar a investigação, é fundamental definir as técnicas e instrumentos de recolha de dados. Na presente investigação, recorri ao processo de triangulação de dados que “aparece como um conceito comum e importante na metodologia qualitativa e de estudos de caso” (Meirinhos & Osório, 2010, p. 60). Este processo envolve a utilização

de duas ou mais fontes de informação para recolher dados, como referem os mesmos autores, o que permite que as conclusões da investigação sejam mais fidedignas.

Durante a investigação optei pela observação direta participante, considerada uma técnica relevante para a recolha de evidências do contexto de investigação. De acordo com Yin (1993), o observador pode participar nos acontecimentos estudados, sendo considerado parte ativa no ambiente observado. Ferreira e Tomás (2022) destacam a importância de o/a investigador/a estar atento às interações, especialmente em estudos com crianças. Importa realçar que durante os períodos de observação o/a investigador/a deve relatar o que observa e o que retira do contexto, por isso, ao longo da presente investigação foram utilizadas notas de campo que refletem detalhadamente o que pude observar ao longo do período da PPSII, sendo que as mesmas foram complementadas com registos fotográficos das crianças, devidamente autorizados pelas famílias através do consentimento informado (Anexo H).

Outra técnica utilizada foi a realização de entrevistas semiestruturadas realizadas à equipa de sala e a sete crianças, selecionadas com base em grelhas preenchidas com os registos das suas partilhas culturais (Anexo G). As entrevistas foram realizadas de acordo com um guião (Anexos I e J), composto por várias questões que contribuiriam para a investigação da temática em estudo. Meirinhos e Osório (2010) afirmam que a entrevista permite compreender a diversidade de interpretações e ideias que os participantes têm sobre um determinado tema. A entrevista semiestruturada “não segue uma ordem pré-estabelecida na formulação das perguntas, deixando maior flexibilidade para colocar perguntas no momento mais apropriado” (*idem*, p. 63).

Para além das entrevistas, foi aplicado um inquérito por questionário (Anexo K) às famílias das crianças da sala onde realizei a PPSII, com base no inquérito às práticas culturais dos portugueses em 2020 do Instituto de Ciências Sociais (ICS). O questionário incluí questões abertas e fechadas, de modo a compreender as opiniões das famílias sobre as práticas culturais familiares. Meirinhos e Osório (2010) destacam que o questionário é um instrumento relevante para investigações de carácter qualitativo.

Após o processo de recolha dos dados, procedeu-se à análise dos mesmos, tendo como base a análise de conteúdo, em concreto das notas de campo, das transcrições das entrevistas à equipa de sala (Anexo L) e às crianças (Anexo M) e das respostas às questões

abertas do questionário. O processo de análise de dados consiste num “conjunto de instrumentos metodológicos (...), que se presta a analisar diferentes fontes de conteúdos (...). É uma técnica refinada, que exige do pesquisador, disciplina, dedicação, paciência e tempo.” (Silva & Fossá, 2013, p. 3). Na presente investigação, e de acordo com as três fases da análise de conteúdo por Bardin (1997), foi realizada primeiramente a *pré-análise* na qual foram lidas as notas de campo referentes à investigação, as entrevistas e as respostas ao questionário pois, esta fase “tem por objetivo tornar operacionais e sistematizar as ideias iniciais” (p. 95). De seguida, procedeu-se à *exploração do material* onde foi realizada a análise categorial dos elementos, ou seja, a codificação, categorização e quantificação das informações, o mesmo autor refere que este processo implica que o/a investigador/a invista tempo de modo que a análise seja o mais detalhada possível. No anexo N é possível verificar a análise categorial das notas de campo, nos anexos O e P constam as análises categoriais das entrevistas à equipa e às crianças, respetivamente, e no anexo Q encontra-se a análise categorial das respostas às questões abertas do inquérito por questionário aplicado às famílias. Após esta fase, foi realizado o *tratamento dos resultados* que compreende a interpretação dos mesmos e as conclusões que são retiradas relativamente à temática em estudo.

Por fim, importa realçar que, durante a investigação, foram respeitados os princípios éticos e deontológicos referenciados por Tomás (2011), bem como os compromissos éticos, pessoais e profissionais da APEI (2011), como pode ser consultado no roteiro ético presente no anexo R. Como referido por Ferreira e Riviero (2020), a ética na investigação com crianças é compreendida não como uma entidade exterior ao/a investigador/a, mas sim como parte integrante das relações que são estabelecidas no terreno. Num estudo com crianças, é importante que o/a investigador/a escute as vozes das mesmas e as integre, uma vez que a investigação é realizada não só sobre, mas com as crianças. Como afirmam os mesmos autores, “os Estudos da Infância alertam para a importância de se refletir acerca do que significa ser um pesquisador ético, ou seja, acerca de como nos envolvemos nos processos e relações de pesquisa criticamente” (*idem*, p. 82), desse modo, a presente investigação procurou adotar uma postura de respeito, escuta e relação ética para com as crianças, as famílias e a equipa de sala.

5. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS

| " | | " |

Este capítulo centra-se, inicialmente, na análise do estado da arte das produções académicas realizadas pelos estudantes do Mestrado em Educação Pré-Escolar da Escola Superior de Educação de Lisboa (ESELx), com particular ênfase nos relatórios da PPSII disponíveis no Repositório Institucional do Instituto Politécnico de Lisboa. A investigação teve como objeto de estudo os relatórios elaborados na ESE de Lisboa, com o objetivo de obter resultados mais específicos e relevantes. Esta escolha metodológica foi determinada pelo facto de o presente relatório de investigação ter sido solicitado pela própria instituição, permitindo assim uma análise focada nas produções académicas da ESELx. Posteriormente, serão apresentados os dados obtidos durante a investigação, através das entrevistas realizadas à equipa de sala e às crianças, dos registos de notas de campo das partilhas das crianças e do inquérito por questionário realizado às famílias. Por fim, procede-se à análise e discussão dos dados fundamentados teoricamente.

5.1. Estado da arte

O presente subcapítulo diz respeito à pesquisa e análise de relatórios de PPSII desde o ano de 2015 até ao ano de 2024. A análise de trabalhos anteriores permite compreender a relevância da temática, bem como realizar um levantamento das informações já estudadas e produzidas, como defende Charlot (2006). A pesquisa foi realizada com base nas palavras-chave: *práticas culturais*, *capital cultural* e *cultura*, resultando na identificação de apenas um relatório. Após a pesquisa, foi elaborado um mapeamento das produções (Anexo S).

A pesquisa abrangeu o período temporal de 2015 a 2024, tendo sido identificado, no entanto, que o único relatório disponível refere-se ao ano de 2024. Este dado sublinha a relevância e a escassez do tema no contexto dos relatórios analisados, destacando a sua importância no panorama académico da ESELx, especialmente ao abordar a intersecção entre a Pedagogia e a Sociologia. Ao colocar em diálogo estas duas áreas do conhecimento, a pesquisa oferece uma perspetiva sobre a forma como os fatores culturais e sociais influenciam a prática educativa e pedagógica.

Relativamente ao contexto de estágio da PPSII, o relatório analisado centrou-se numa investigação realizada na valência de jardim de infância de uma Organização Social (OS) da rede privada com fins lucrativos. O estudo envolveu um grupo de 25 crianças,

com idades entre os 4 e os 6 anos, proporcionando uma análise aprofundada das práticas pedagógicas e do desenvolvimento infantil nesse contexto específico. Importa também destacar que o relatório foi orientado pela mesma orientadora e realizado no mesmo local de estágio, embora em sala diferente e com outra educadora. Relativamente aos objetivos da investigação, destacam-se três dimensões principais: (i) compreender de que forma a partilha do capital cultural influencia a prática educativa e pedagógica da equipa educativa, como se verifica no seguinte objetivo: “compreender de que forma a partilha do capital cultural das crianças possibilita à equipa educativa informar a sua prática educativa e pedagógica” (Fernandes, 2024, p. 31; Anexo S); (ii) analisar as conceções das crianças sobre a partilha das suas práticas culturais, como demonstra o objetivo: “analisar as conceções das crianças sobre a partilha das suas vivências culturais” (Fernandes, 2024, p. 31; Anexo S); (iii) compreender as motivações das famílias para proporcionar experiências culturais, como destacado no objetivo: “identificar as motivações das famílias ao proporcionar às crianças diferentes experiências sociais e culturais” (Fernandes, 2024, p. 31; Anexo S). Ao analisar o relatório, nomeadamente a sua metodologia, verifica-se que o método escolhido foi também o estudo de caso qualitativa. As principais técnicas de recolha de dados incluíram a observação direta participante e não participante, a consulta e análise documental, o inquérito por questionário, entrevistas estruturadas e a realização de grupos de discussão focalizada. Por fim, no que respeita às principais conclusões, a autora refere que as práticas culturais assumem um papel importante para a equipa, crianças e famílias, refletindo-se nas práticas e na rotina do grupo.

Após a análise realizada, e comparando com a minha investigação, verifica-se um fio condutor semelhante ao do relatório analisado. No entanto, enquanto este se foca particularmente no conceito de capital cultural, a presente investigação centra-se nas crianças como produtoras de cultura, explorando a sua relação com as práticas culturais familiares. É importante referir que, ao considerar o número médio de cerca de 60 relatórios a cada dois anos, o tema em questão é, de facto, residual no conjunto dos relatórios analisados. A escassez de estudos sobre esta temática, com a presença de apenas um relatório disponível no período em análise, sublinha ainda mais a relevância de

aprofundar a investigação nesta área, ampliando a compreensão sobre o papel das crianças na criação e vivência da cultura no contexto educativo e familiar.

5.2. A partilha das práticas culturais familiares pelas crianças

Ao longo da presente investigação, procurei realizar uma observação atenta, registando notas de campo que contribuíssem para o desenvolvimento do estudo. A partir dessas observações, procedi à análise categorial das notas (Anexo N), o que permitiu identificar três categorias de análise:

(i) **práticas culturais familiares**- neste tema, pude observar os diversos tipos de experiências partilhadas pelas crianças, tais como visitas a museus, como no caso do Manuel, que “respondeu que tinha ido ao museu ver dinossauros” (Registo de nota de campo n.º 1); viagens por Portugal, como o exemplo “no fim de semana foi a Viseu” (Registo de nota de campo n.º 233); viagens a outros países, como o Afonso, que “disse que tinha estado de férias com os pais em Praga e disse “Eu fui de Lisboa para Praga” (Registo de nota de campo n.º 163); idas a espetáculos como «a Maria Rita partilhou que nas férias foi ver o espetáculo “Panda e os Caricas”» (Registo de nota de campo n.º 201); idas a eventos desportivos no exemplo “tinha ido com o pai e o avô ver o jogo do Sporting ao estádio” (Registo de nota de campo n.º 188); visitas a espaços verdes como a “ Maria Rita partilhou que tinha ido ao parque com a mãe” (Registo de nota de campo n.º 222); e festividades, como no caso da Laura que “partilhou que montou a árvore de Natal no fim de semana” (Registo de nota de campo n.º 163). Na tabela 1, é possível observar que, de todas as crianças do grupo, as que mais realizam partilhas das suas práticas culturais são o Eduardo, o Egas, a Laura, o Manuel e a Maria do Carmo. Também se verifica que as experiências culturais que as crianças tendem a partilhar são as viagens a outros países e idas a espetáculos. Importa salientar que esta análise tem em conta as observações ao longo da PPSII.

Tabela 1*Práticas culturais familiares praticadas pelas crianças*

Crianças	Práticas culturais							
	Museus	Viagens por Portugal	Viagens a outros países	Espetáculos	Eventos desportivos	Eventos socioculturais	Visitas a espaços verdes	Festividades
Afonso			X					
Amélia								
Bernardo	X			X				
Eduardo			X	X	X	X	X	
Egas	X					X		X
Francisca			X	X				
Laura	X		X					X
Mafalda								
Manuel	X			X		X	X	
Margarida								
Maria do Carmo		X				X	X	X
Maria Inês		X						X
Maria Luísa								
Maria Rita			X	X			X	
Mariana						X		
Martim				X				
Matias				X				
Tomás		X	X					
Nazaré								
Xavier B.								
Xavier C.								

Nota: Elaboração própria

(ii) **partilha das práticas culturais familiares**- ao analisar os registos, foi possível identificar os diversos tipos de partilhas das experiências culturais vivenciadas pelas crianças em família. Estas partilhas ocorrem através de registos fotográficos, como por exemplo “a Carmo mostrou imagens suas numa feira medieval” (Registo de nota de campo n.º 12); registos escritos, no caso da Laura que “explicou e mostrou o registo que trouxe de casa da sua visita” (Registo de nota de campo n.º 213); e a partilha de objetos, como “o Afonso mostrou ao grupo o postal da sua viagem a Viena” (Registo de nota de campo n.º 188). Nesta temática, inclui-se também a intenção das crianças após as partilhas que englobam o mostrar, como por exemplo “A Maria Inês quis partilhar que trouxe bolotas e pinhões para mostrar às crianças” (Registo de nota de campo n.º 115). Ademais, destaca-se o interesse em procurar informações, como evidenciado pela Laura que “partilhou a sua vontade em fazer um projeto sobre o artista, pois gostava de saber porque é que ele pinta nas paredes com latas” (Registo de nota de campo n.º 213).

(iii) **práticas da equipa educativa face às partilhas culturais**- nesta temática foram observadas as respostas da equipa educativa às partilhas culturais das crianças, que incluem diversas intenções pedagógicas. Entre essas evidenciam-se: a realização de propostas emergentes, como por exemplo “a auxiliar explica que cada um pode fazer o que quiser, uns podem pintar, outros podem colar, etc.” (Registo de nota de campo n.º 58); o questionamento e exploração das partilhas das crianças, como no registo “A educadora perguntou às crianças porque eram transportes públicos” (Registo de nota de

campo n.º 115); o incentivo à investigação, como “a educadora sugeriu que poderíamos descobrir de onde seriam as folhas.” (Registo de nota de campo n.º 1); a integração dos elementos que as crianças trazem das suas experiências culturais nas atividades, como no exemplo “a educadora sugeriu que o Manuel podia partilhar com os amigos e decidirem o que querem fazer com os elementos da natureza” (Registo de nota de campo n.º 58); e a valorização das partilhas, evidenciada no exemplo “pelo que lhe disse que podia trazer fotografias para mostrar aos amigos.” (Registo de nota de campo n.º 163).

5.3. As práticas culturais familiares na perspetiva da equipa de sala

Os dados apresentados têm em conta as entrevistas realizadas à educadora cooperante e à auxiliar de ação educativa que acompanham o grupo. Dessa forma, importa caracterizar as entrevistadas. A formação base da educadora é licenciatura em educação básica e mestrado em educação pré-escolar, exercendo funções de educadora há 10 anos, dos quais 1 ano e meio ao serviço da OS onde ocorreu a PPSII. A AAE possui como habilitações literárias o 12.º ano e exerce funções há 9 anos, o mesmo tempo que está na OS.

É possível observar na análise categorial das entrevistas à equipa de sala (Anexo O) que foram definidos três temas:

(i) **práticas culturais familiares**- este tema permite compreender as conceções sobre práticas culturais familiares. Na ótica da educadora, as práticas culturais familiares consistem nas experiências das crianças que “frequentam espaços culturais e que assistem a diversas atividades relacionadas com a cultura” (Educadora). A AAE destaca que se trata de “um conjunto de tradições, valores e atividades que são transmitidos de geração em geração.”. Ambas as entrevistadas realçaram a relevância dessas práticas culturais, por exemplo a educadora salientou que permitem às crianças ter diversas perspetivas das coisas, proporcionando várias experiências e aprendizagens que lhes são úteis no dia a dia. A AAE destacou que as práticas culturais auxiliam na formação da identidade das crianças, permitindo-lhes compreender e conhecer a história da sua família, desenvolver habilidades sociais e assimilar de valores. Outra questão abordada foi o papel das famílias na promoção de atividades culturais. Nesse sentido, as entrevistadas salientaram o

impacto dessas atividades nas crianças, como referido nos excertos: “muitas das coisas que vêm de casa são ponto de partida para o trabalho que se faz aqui com eles na escola” (Educadora) e “As atividades têm um impacto de vivenciar sentimentos de pertença e segurança, o que é fundamental para o bem-estar emocional das crianças” (AAE).

(ii) **partilha de vivências culturais entre crianças**- esta temática permite compreender as concepções da equipa sobre as partilhas das crianças. Segundo as entrevistadas, essas partilhas contribuem a socialização e inclusão, podendo servir como ponto de partida para outras aprendizagens que “estimulam a criatividade e curiosidade ao expor as crianças a diferentes formas de expressão artística e modos de vida. São essenciais para o desenvolvimento das crianças ajudando-os a tornarem-se indivíduos mais conscientes e conectados com a sua cultura.” (AAE). De acordo com as entrevistadas, as partilhas surgem naturalmente sendo que as crianças trazem fotografias, propostas, panfletos. Um exemplo mencionado pela educadora evidencia essa dinâmica:

a Carmo teve uma experiência em casa com uns amigos dos pais e trouxe essa ideia, ou a criança dessa família falou que tinha ido ao museu dinheiro, deve lhe ter explicado em casa mais ou menos o que é que o que é que se via lá, o que é que fazia e ela vinha com essa com essa sugestão de irmos também.

A educadora e a AAE salientam ainda o impacto das partilhas das crianças no grupo, ressaltando a sua importância “porque isto ajuda-os também a terem consciência a dar-lhes abertura para os tipos de arte” (Educadora) e “promove não apenas a troca de vivências entre as crianças, mas também enriquece o ambiente escolar permitindo que as crianças aprendam sobre a diversidade cultural e desenvolvam empatia e respeito pelas vivências.” (AAE).

(iii) **influência das partilhas culturais das crianças nas práticas da equipa educativa**- através deste tema podemos compreender as práticas educativas da educadora e auxiliar de ação educativa no que se refere às partilhas das crianças. Ambas salientam que as partilhas culturais das crianças são o ponto de partida para a sua prática, como por exemplo:

Portanto, seja nesta questão mais da cultura, de obras de arte, como de outras experiências ao nível das ciências, ao nível da linguagem, portanto, nós agarramos sempre qualquer coisa que vem de casa para seguirmos o trabalho e trabalhamos muito nesse sentido, tudo o que nós fazemos em sala vai muito a esse encontro. (Educadora).

A AAE reforça que ao ouvir as crianças e deixá-las partilhar as suas experiências culturais promove uma educação inclusiva que é centrada na criança.

Por fim, a educadora exemplifica como as partilhas das práticas culturais das crianças influenciaram a sua prática pedagógica: “o ano passado a Nazaré foi à casa de histórias Paula Rego, (...) e gostou muito, interessou-se muito e daí surgiu uma pequena investigação sobre a artista, algumas obras que ela faz e isso é muito relevante” (Educadora).

5.4. As práticas culturais familiares na perspetiva de 7 crianças da sala de JI

Na presente investigação, foram realizadas entrevistas a sete crianças do grupo com o qual decorreu a PPSII, mediante o assentimento informado. A seleção das crianças para a entrevista teve por base uma análise prévia das grelhas preenchidas com os registos das suas partilhas culturais (Anexo G), bem como a apreciação da educadora cooperante, que indicou as crianças cuja participação poderia revelar-se mais facilitadora no decurso da entrevista. Os dados apresentados têm em conta as entrevistas realizadas às crianças, sendo, por isso, importante caracterizar os/as entrevistados/as. As crianças entrevistadas têm idades compreendidas entre os 4 e os 5 anos, sendo que três crianças têm 4 anos e quatro crianças têm 5 anos.

Ao realizar a análise categorial das entrevistas (Anexo P) foram definidos três temas:

(i) **experiências culturais familiares**- Este tema refere-se às atividades em família que as crianças destacaram como por exemplo: visitar cidades, como indicaram “Quando eu fui a Viseu” (Carminho); atividades na natureza, como “Ir ao parque” (Laura); visitar família, especialmente os avós, quando referem “E às vezes também vou

para a casa dos avós” (Tomás); e outras atividades, como por exemplo “Vou ao Colombo” (Manuel). Na tabela 2, é possível observar que, das crianças entrevistadas, as que mais partilharam as vivências culturais que realizam em família foram o Egas, a Laura, o Manuel, a Maria do Carmo e o Tomás. Também se verifica que as experiências culturais que as crianças destacaram foram “outras atividades”, visitar cidades e a família, em concreto os avós.

Tabela 2

Experiências culturais familiares partilhadas pelas crianças entrevistadas

Crianças	Práticas culturais			
	Visitar cidades	Atividades na natureza	Visitar a família- avós	Outras atividades
Bernardo				
Egas		X	X	
Laura		X		X
Manuel	X			X
Maria do Carmo	X		X	
Tomás	X		X	
Nazaré				X

Nota: Elaboração própria

As crianças também falaram do interesse em atividades culturais ao demonstrar positivamente e apresentar as suas justificações, por exemplo “Por causa que tem lá estátuas de dinossauros” (Manuel) ou “Eu gosto de cinema porque tem pipocas (...) Porque tem coisas interessantes.” (Tomás). É relevante destacar que quem participa nas experiências culturais, na sua maioria, é a família nuclear. No entanto, no caso do Bernardo e do Manuel, a participação da família envolve também a família alargada, em concreto os avós. Relativamente a quem decide as atividades culturais, na maioria dos casos são a mãe e o pai, mas no caso do Manuel, a escolha é feita por si ou pelo irmão. As crianças também indicaram as suas sugestões de experiências culturais, sendo a maioria relacionadas com viagens, como o exemplo da Laura que “Disse aos pais que queria muito ir a Londres” (Laura).

(ii) **registos das experiências culturais familiares**- esta temática permite compreender a elaboração dos registos das experiências culturais. As crianças indicaram que utilizam uma grande diversidade de materiais, como o exemplo do Bernardo: “Escrevem com canetas de feltro (...) brilhantes (...) Também põem às vezes tinta,

caneta, lápis...” (Bernardo) e da Nazaré: “Fotografias. E um dia eu fui a Barcelona e ao parque na piscina e a minha mamã fez um mapa e depois colou onde está Barcelona e o parque.” (Nazaré). Destaca-se a valorização dos registos, que na sua maioria são realizados para guardar memórias, como refere o Tomás quando diz “Para sempre me lembrar.”.

(iii) **partilha das práticas culturais familiares**- este tema demonstra a valorização da partilha das práticas culturais familiares no jardim de infância. Todas as crianças demonstraram o seu interesse em mostrar os registos que produzem, tal como referem a Laura e o Tomás ao salientar “Porque eu gosto de partilhar coisas.” (Laura) e “Porque eu gosto que ou outros “sabem”.” (Tomás).

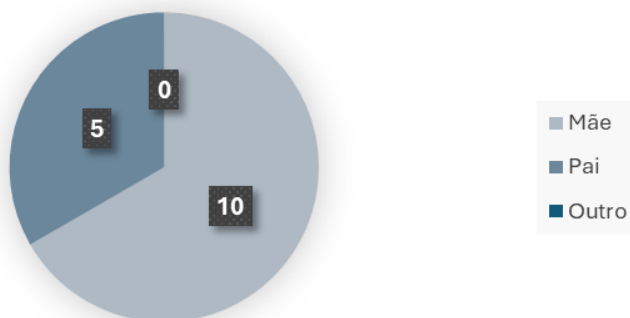
5.5. As práticas culturais familiares na perspetiva das mães e pais das crianças

Os dados apresentados referem-se ao inquérito por questionário (Anexo K) realizado aos progenitores das crianças da sala onde realizei a PPSII. Obtive uma amostra de 15 respostas, de um total de 21 inquéritos distribuídos, o que corresponde a uma taxa de resposta de aproximadamente 71,43%. A idade dos/as inquiridos/as varia entre os 31 e os 46 anos. Ao observar o gráfico da Figura 1, verifica-se que a maioria das respostas ao inquérito foi dada pelas mães das crianças (10). Ademais, a Figura 2 indica que a maioria dos/as inquiridos/as (7 pessoas) pertence a um agregado familiar composto por 4 pessoas.

Figura 1

Relação de parentesco dos/as inquirido/as com a criança

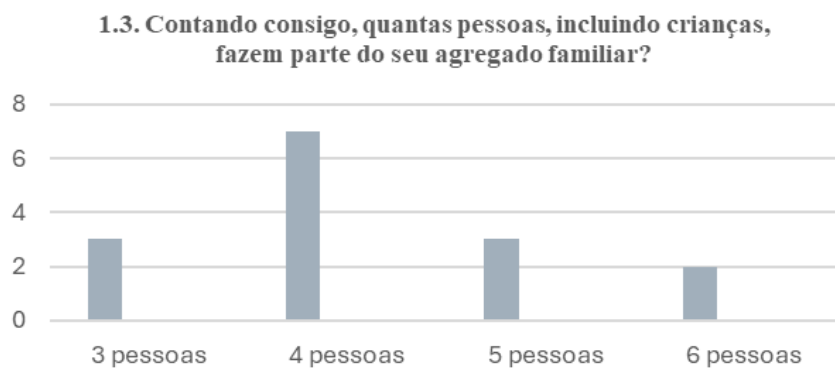
1.4. Qual é a relação de parentesco que tem com a criança da sala?



Nota: Elaboração própria

Figura 2

Constituição do agregado familiar dos/as inquiridos/as



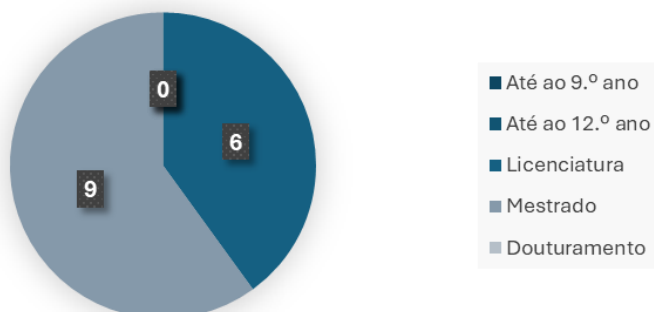
Nota: Elaboração própria

No que concerne à formação académica dos progenitores, observa-se que predominam a licenciatura e o mestrado, sendo que a maioria possui o grau de mestre (9), como ilustrado na figura 3.

Figura 3

Grau académico dos/as inquiridos/as

1.5. Qual o grau de ensino mais elevado que atingiu ou frequentou?



Nota: Elaboração própria

A análise categorial do inquérito (Anexo Q) permitiu identificar dois grandes temas relacionados com a temática em estudo:

(i) **importância da promoção de práticas culturais familiares**- todos/as os/as inquiridos/as consideram importante a promoção de atividades culturais para as crianças, apresentando um conjunto de justificações organizadas nas três categorias:

- Desenvolvimento cognitivo e criativo, em concreto a estimulação intelectual, ao afirmarem que “Atividades culturais são estimulantes para o conhecimento e a criatividade”. Referem também o desenvolvimento e aprendizagem, ao afirmar que “atividades culturais, como visitas a museus, teatro, música, leitura e outras expressões

artísticas, ajudam no desenvolvimento cognitivo, emocional e social das crianças” e “Para enriquecer a sua aprendizagem e desenvolvimento”. Além disso, salientam a promoção da criatividade, ao mencionar que as atividades culturais “ampliam a criatividade, a capacidade de expressão”.

- Expansão de perspectivas e conhecimento do mundo, uma vez que as atividades culturais promovem o interesse pelo mundo, ao indicarem, por exemplo, “Abrir horizontes e desfocar de aspectos meramente materiais ou superficiais”. Realçam também o desenvolvimento cultural, ao “Expor a criança a maior contacto com realidades e conceitos diferentes”.

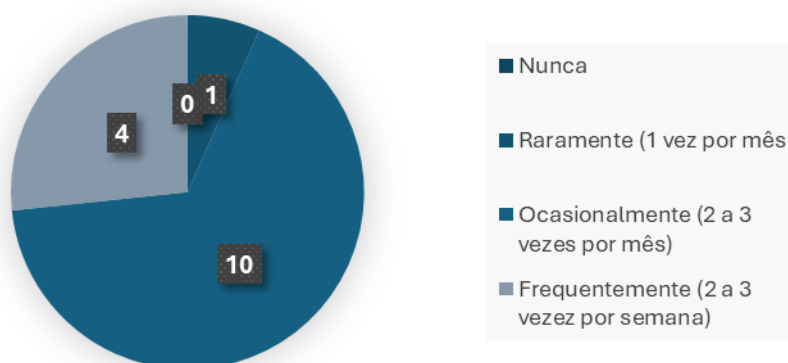
- Experiências e memórias, salientam que as práticas culturais permitem “Experienciar coisas novas” e “Memórias futuras.”.

Relativamente à frequência com que os pais/mães proporcionam atividades culturais às crianças, a figura 4 revela que a maioria dos/as inquiridos/as (10) promovem estas atividades ocasionalmente (2 a 3 vezes por mês), 4 participantes mencionaram frequentemente (2 a 3 vezes por semana) e apenas 1 inquirido/a mencionou que o faz raramente (1 vez por mês).

Figura 4

Frequência com que os/as inquiridos/as proporcionam atividades culturais

2.3. Com que frequência proporciona atividades culturais ao(s)/à(s) seu(s)/sua(s) filho(s)/filha(s)?



Nota: Elaboração própria

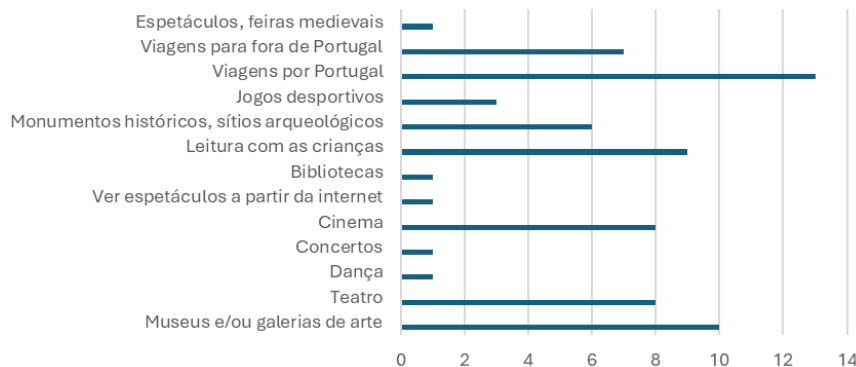
A figura 5 apresenta as atividades culturais que os pais e mães proporcionam aos seus/suas filhos/as. Das 13 opções, destacam-se como as mais selecionadas: viagens por Portugal; museus e/ou galerias de arte; leitura com as crianças; teatros; cinemas; viagens

fora de Portugal e monumentos históricos. Importa salientar que cada participante poderia selecionar até cinco opções.

Figura 5

Exemplos de atividades culturais

2.4. Qual/quais as atividades culturais que costuma proporcionar ao(s)/à(s) seu(s)/sua(s) filho(s)/filha(s)?



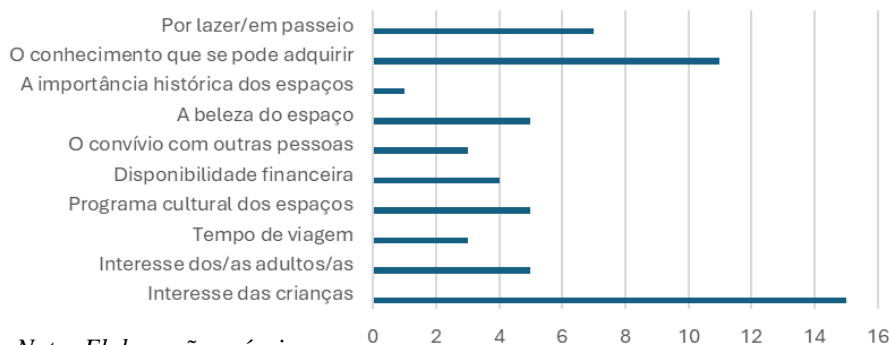
Nota: Elaboração própria

Todos/as os/as inquiridos/as responderam afirmativamente quando questionados sobre a importância da promoção de práticas culturais com os/as seus/suas filhos/as. Na figura 6, apresentam-se os principais motivos que influenciam a promoção. A análise do gráfico revela que o interesse das crianças é o fator que mais influencia, sendo mencionado por todos/as os/as inquiridos/as (15). Destacam-se ainda outros dois motivos relevantes- o conhecimento que se pode adquirir e o lazer/em passeio. Importa salientar que cada participante poderia selecionar até cinco opções.

Figura 6

Motivos que influenciam a promoção de práticas culturais com as crianças

2.7. O que mais influencia a decisão de proporcionar as práticas culturais com o(s)/a(s) seu(s)/sua(s) filho(s)/filha(s)



Nota: Elaboração própria

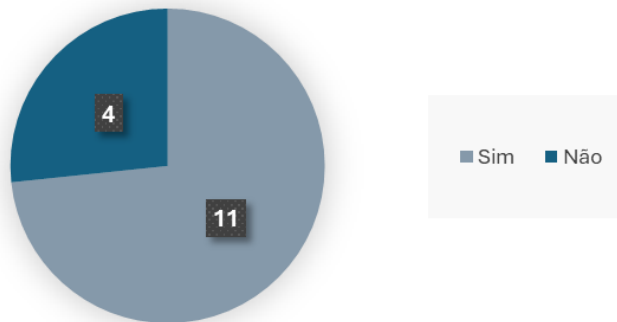
(ii) **registos e partilhas das experiências culturais familiares**- este tema permite compreender de que forma são elaborados os registos. Quando questionados/as sobre se

realizam o registo das experiências culturais, a maioria dos/as inquiridos/as respondeu afirmativamente (11), como demonstra a figura 7.

Figura 7

Registo das experiências culturais

3.1. Efetua o registo das experiências culturais que proporciona às crianças?



Nota: Elaboração própria

Posteriormente, os/as inquiridos que responderam afirmativamente à questão anterior indicaram as formas como realizam o registo das experiências vivenciadas, referindo o uso de fotografias, vídeos, cartazes, *travel journal*, diários de viagem, desenhos e ao guardar os bilhetes.

No que concerne à importância das partilhas das vivências culturais, todos/as os/as inquiridos/as consideram fundamental que as crianças partilhem, em grupo, as suas vivências em família. As justificações apresentadas foram organizadas em seis dimensões:

- Diferenças de dinâmicas familiares, ao afirmar “Mas acho importante para que percebam os hábitos/dinâmicas dos outros e percebem que cada família é diferente e que está tudo bem na mesma”.

- Desenvolver competências sociais e de comunicação, como exemplificado ao “Compartilhar as vivências em grupo ajuda as crianças a desenvolverem empatia, a aprenderem a ouvir os outros e a expressar os seus próprios sentimentos de forma saudável.”.

- Desenvolver a expressão e comunicação, ao “verbalizarem o que aprenderam” ou “Melhorar a expressão e consolidar a experiência”.

- Trocas de experiências, por exemplo, “As trocas de experiências abrem espaços a outras vivências” ou “Como forma de interiorizarem a experiência que viveram, que pode ser diferente da do adulto”.

- Transmissão de conhecimento, “Para transmitirem conhecimento, aprenderem dos outros” ou “Para consolidar novos conhecimentos, socializar”.

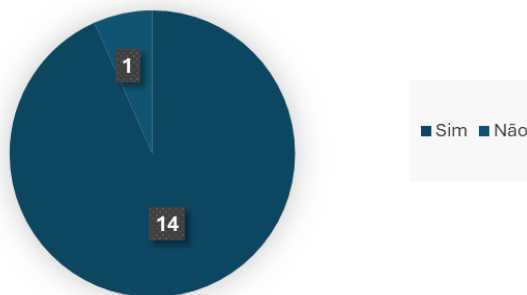
- Surgimento de projetos, como “Pode despertar o interesse de outros e pode dar origem a projetos engraçados nas salas”.

Relativamente à relevância da exposição dos registos das práticas culturais familiares, a maioria dos/as inquiridos/as considera esta prática importante, sendo que apenas 1 pessoa demonstrou não considerar pertinente (Figura 8).

Figura 8

Importância de expor os registos das partilhas das crianças

3.5. Considera importante expor nas paredes da sala os registos das práticas culturais que as crianças trazem de casa?



Nota: Elaboração própria

Para justificar a sua resposta, os/as inquiridos/as apresentaram um conjunto de motivos, nomeadamente:

- Valorizar a diversidade e diferentes culturas, destacando que “Expor os registos das práticas culturais nas paredes da sala pode ser uma boa forma de valorizar a diversidade e promover o respeito pelas diferentes culturas.”.

- Estímulo e interesse, referindo que “Podem servir de estímulo ou ideia para as outras famílias” ou podem “Promover interesse coletivo”.

- Lembrança e valorização, “Para se lembrarem, memória fotográfica, orgulho”, “Torna-se mais visual, marcante e recompensador para as crianças.” ou “Promoção do sentido de identidade da criança”.

- Partilha de conhecimentos, como por exemplo, “Partilha de conhecimentos entre colegas” ou “Pelo sentido de partilha, identificação”.

- Valorizar a relação casa-escola, na “ligação casa-escola”.

No que respeita ao/à participante que não considera relevante a exposição dos registos das práticas culturais, justificou a sua posição afirmando: “Não vejo como uma atividade essencial. O tempo para preparar esses materiais nem sempre está disponível”.

5.6. Análise sobre as práticas culturais familiares na perspetiva da equipa de sala, crianças e dos seus progenitores

Tendo em conta os objetivos da presente investigação: (i) compreender como as crianças se reconhecem como produtoras de cultura e como as experiências culturais familiares são convocadas no quotidiano do JI; e (ii) compreender de que forma as práticas culturais familiares influenciam as práticas pedagógicas da equipa educativa; apresento a análise dos dados que procuram dar resposta aos objetivos estabelecidos.

No que respeita à **promoção de práticas culturais** com as crianças, estas revelam-se importantes, no sentido em que permitem o contacto com diversas formas de arte e, conseqüente, potenciam a aprendizagem. Esta é uma ideia defendida pela equipa de sala, que afirma que “é muito relevante, porque isso dá-lhes outra visão das coisas, traz às vezes muitas experiências e muitas aprendizagens que lhes são depois úteis também no dia a dia, nalgumas partilhas que eles fazem, nalgumas coisas que fazem em sala” (Educadora).

Na perspetiva das famílias, as práticas culturais promovem o desenvolvimento cognitivo e criativo, a expansão de perspetivas e conhecimento do mundo, além de proporcionarem a oportunidade de experienciar novas vivências e criar memórias. Tal como defende Bourdieu (1998), as vivências culturais proporcionadas às crianças aumentam o seu capital cultural.

As experiências culturais promovidas pelas famílias desempenham um papel crucial. Como referem Ferreira e Araújo (2019), a família transmite recursos, estratégias e oportunidades que permitem a apropriação da criança ao meio social ao seu redor. Essa transmissão ocorre segundo as intenções e ideologias de cada família, sendo que essas têm influência nas escolhas das práticas culturais proporcionadas aos/às seus/suas

filhos/as. Os pais e mães participantes no presente estudo partilharam as razões que influenciam a decisão de proporcionar práticas culturais às crianças, sendo de destacar: o interesse das crianças, o conhecimento a adquirir e o lazer/em passeio. O facto de todos os inquiridos salientarem o interesse das crianças como motivação reflete a escuta ativa e a participação das crianças participativas no seio familiar. As crianças destacaram experiências culturais que sugeriram às famílias, como viagens e visitas a museus. Assim, valoriza-se “a abordagem da criança como ator social, ou seja, do reconhecimento da sua voz, da sua participação no mundo que a rodeia, afirmando seus valores e direitos.” (Sarmiento, 2018, p. 48). Relativamente aos outros dois motivos, importa referir que o envolvimento cultural no meio familiar “implica o desenvolvimento de atividades intelectualmente estimulantes e que visam proporcionar o acesso a recursos promotores de desenvolvimento” (Mata & Pedro, 2021, p. 12).

Tanto as crianças como os seus progenitores destacaram as suas preferências quanto às experiências culturais vividas em conjunto. As crianças mencionaram visitas a cidades, visitas a familiares e atividades na natureza. Ao longo da minha observação, verifiquei que a maioria das atividades partilhadas em sala consistiam em visitas a museus, viagens dentro e fora de Portugal e espetáculos. Os progenitores referiram as mesmas atividades, acrescentando a leitura com as crianças. Estes exemplos correspondem ao capital cultural objetivado, dado que envolvem o contacto com bens culturais que transmitem simbolismo e que “apresenta-se com todas as aparências de um universo autónomo [*sic*] e coerente que, apesar de ser o produto da ação histórica, tem suas próprias leis” (Bourdieu, 1998, p. 77). Algumas crianças justificaram o seu interesse pelas atividades culturais com motivos como “Porque tem coisas interessantes.” (Tomás).

Durante a PPSII, observei que as crianças apresentavam os **registos das experiências culturais familiares**, maioritariamente consistiam em fotografias, objetos que retratavam as suas visitas e registos escritos. As crianças entrevistadas referiram que elaboravam estes registos com os progenitores. Os pais e mães destacaram também outras formas de registo desde vídeos, desenhos ou *travel journal*. Para as crianças, estes registos representam uma forma de recordação e de partilha com os outros.

Os registos elaborados em casa, muitas vezes chegam à sala de atividades para as crianças **partilharem as práticas culturais familiares**. Através das minhas observações

e da entrevista com a equipa de sala, as partilhas surgem no momento das reuniões em grande grupo, nomeadamente as reuniões da manhã. A educadora cooperante e a AAE afirmaram que estas partilhas entre as crianças têm um impacto positivo no grupo, pois promovem a troca de vivências entre elas e podem ser o ponto de partida para explorações e aprendizagens baseadas nos interesses das crianças. Assim, as crianças são envolvidas ao serem proporcionado um espaço para realizarem as suas partilhas, o que permite manifestar os seus interesses e questões, sendo vistas como "seres ativos e não objetos de intervenção e meros recipientes da ação adulta" (Tomás, 2014, p. 140). As minhas observações confirmaram esta abordagem, pois as intenções das crianças, após as suas partilhas, passavam por mostrar o que traziam de casa e procurar informações sobre um determinado tema. Um exemplo disso é o seguinte: "O Afonso mostrou ao grupo o postal da sua viagem a Viena, e referiu que gostava de descobrir informações sobre Mozart" (Registo de nota de campo n.º 188 - segunda-feira, 16 de dezembro). As crianças apresentaram várias justificações para o seu interesse em partilhar as suas práticas, como: "Porque gosto de partilhar coisas" (Laura) e "Porque eu gosto que os outros saibam" (Tomás).

Todos os progenitores que participaram no estudo salientaram a importância da partilha das práticas culturais familiares, realçando que permitem o conhecimento de diferentes dinâmicas familiares, o desenvolvimento de competências sociais, de comunicação e a transmissão de conhecimento. Neste sentido, como referem Mata et al. (2022), o papel do/a educador/a passa por reconhecer a importância da participação das famílias, compreendendo a sua diversidade e promovendo o seu envolvimento de acordo com as particularidades de cada família, contribuindo para práticas inclusivas.

Após as partilhas, os registos das crianças são expostos nas paredes da sala de atividades e no corredor junto à mesma. A maioria dos pais e mães, que reponderam ao questionário, consideram esta prática relevante na medida em que permite às crianças valorizarem e lembrarem-se das suas práticas, promovem a partilha de conhecimentos entre si, valorizam a diversidade cultural e, estimulam outras famílias e fortalecem a relação casa-escola.

Ao longo das minhas observações, pude observar as **práticas da equipa de sala face às partilhas culturais das crianças**, nomeadamente o surgimento de propostas

emergentes, o questionamento e a exploração de uma determinada temática, o incentivo à investigação, a integração dos elementos trazidos pelas crianças nas atividades. Assim, procuram ajustar as práticas educativas aos interesses das crianças, escutando as suas vozes e tornando-as protagonistas no seu processo de aprendizagem. Como referido pela equipa de sala, as partilhas culturais das crianças contribuem para as práticas pedagógicas, no sentido em que “muitas destas partilhas depois dão o mote para nós visitarmos lugares que estão associados a estas coisas e permite-lhes terem contacto com estes equipamentos culturais” (Educadora) e “estas experiências enriquecem o ambiente educativo, e também as práticas pedagógicas promovendo uma educação mais inclusiva e centrada na criança” (AAE). Deste modo, as crianças são participantes ativos, com espaço para expressarem os seus interesses e questões, que são ouvidos pelos/as adultos/as. Como referem Cardona et al. (2021), “o direito de participação das crianças remete para uma imagem de criança como competente, que importa abordar do ponto de vista pedagógico” (p. 48).

A análise dos dados permitiu compreender de forma aprofundada que as crianças se reconhecem como produtoras de culturas (Corsaro, 2011; Sarmiento, 2004) e que as suas experiências culturais familiares são integradas no quotidiano do JI. As partilhas culturais realizadas pelas crianças, quando trazem os registos elaborados em conjunto com as suas famílias para a sala de atividades e o modo como estes são valorizados pela equipa de sala, reforçam o papel ativo que as crianças assumem na rotina do JI e como constituem o processo de construção e transmissão cultural entre si. Ademais, foi possível perceber de que forma as práticas culturais familiares influenciam as práticas pedagógicas da equipa de sala. A escuta atenta dos interesses das crianças, a valorização das suas experiências de vida e a incorporação das suas curiosidades nas dinâmicas pedagógicas do grupo constituem indicadores de uma prática educativa que coloca a criança no centro da ação educativa (Vasconcelos, 2015). Esta orientação revela-se enraizada numa conceção holística, relacional e inclusiva da educação (Nowak-Lojewska et al., 2019), assumindo igualmente um carácter participativo que reconhece a criança como interlocutora legítima no processo educativo (Tomás, 2007). Os dados sugerem que os profissionais adotam uma abordagem pedagógica que reconhece a criança como sujeito social com agência, capaz de expressar opiniões, tomar decisões e contribuir ativamente para a construção das dinâmicas do quotidiano institucional. Esta centralidade da criança

articula-se com uma lógica de co-construção de saberes e práticas, num diálogo contínuo com os contextos familiares e socioculturais em que está inserida.

Em jeito de conclusão, importa salientar que o percurso investigativo desenvolvido permitiu ampliar significativamente o meu conhecimento e aprofundar as minhas perspetivas teóricas e ideológicas relativamente à temática em estudo. Através da observação das interações e partilhas das crianças, bem como da análise das perspetivas da equipa pedagógica, das famílias e das próprias crianças, tornou-se evidente o papel central que as práticas culturais familiares assumem no quotidiano educativo. A articulação entre os contextos familiar e institucional revela-se, assim, não apenas desejável, mas essencial para a construção de práticas pedagógicas contextualizadas, significativas e responsivas. Tal como referem Ferreira e Araújo (2019, p. 35), “a família tem papel determinante na transmissão de recursos, competências e disposições de natureza diversa com aquilo que possuem” — elementos que a equipa educativa reconhece, valoriza e integra ativamente na sua prática. Esta constatação reforça a importância de uma pedagogia partilhada, assente no reconhecimento mútuo e na colaboração contínua entre todos os atores no processo educativo.

6. CONSTRUÇÃO DA PROFISSIONALIDADE

| | ' ' | | ' ' |

No presente capítulo pretendo refletir sobre o meu percurso enquanto futura educadora de infância e a construção da minha identidade profissional, como refere Sarmiento (2009), “a identidade profissional corresponde a uma construção inter e intrapessoal (...) desenvolve-se em contextos, em interações [*sic*], com trocas, aprendizagens e relações diversas da pessoa com e nos seus vários espaços da vida profissional, comunitário e familiar” (p. 48). O contacto que tive com os diversos contextos educativos, grupos de crianças e equipas educativas contribuiu para moldar a minha visão enquanto futura educadora de infância e enquanto pessoa.

No que respeita à PPSII, esta revelou-se uma experiência enriquecedora a vários os níveis. Durante o período em que acompanhei o grupo de crianças e a equipa educativa, vivenciei aprendizagens significativas que me desafiaram e permitiram sair da minha zona de conforto. Foi um percurso desafiador e repleto de aprendizagens e descobertas. Ao longo deste último semestre como estagiária, pude contactar com o modelo do MEM e de reconhecer os seus princípios e fundamentos na prática. Considero que este modelo promove uma relação de cooperação entre os agentes educativos- equipa, família, crianças, comunidade- e, por isso, assume “o paradigma de autoformação cooperada, em que todos ensinam e todos aprendem, sendo que todos os momentos e encontros de debate e de reflexão contribuem para melhorar as práticas educativas” (Cruz et al., 2015, p. 35). O MEM adota uma abordagem pedocêntrica e uma “visão sociocêntrica da educação escolar onde a interação (...) organizada para fins concretos de atividade educativa, de estudo e de intervenção por projetos cooperados, ganha progressiva qualidade no desenvolvimento dos educandos” (Niza, 2007, p. 143). Essa abordagem destaca-se pelo facto de o modelo privilegiar as vozes das crianças, os seus interesses e focar-se na sua livre expressão, como destaca o autor, pela valorização das suas vivências e partilhas. Desta forma, o contacto com o MEM desafiou-me a refletir as minhas intencionalidades e práticas educativas e pedagógicas para com as crianças, a equipa, as famílias e a comunidade.

Através dos estágios da PPSI e PPSII estabeleci contacto com a profissão de educador/a de infância. No entanto, ao longo deste último pude adotar uma postura mais interventiva o que me permitiu, como refere Teresa Sarmiento (2009), socializar profissionalmente e preparar para a ação profissional. Considero que a “liberdade”

concedida pela educadora cooperante para assumir as rotinas do grupo foi fundamental para me sentir mais autónoma, confiante e crescer a nível profissional.

A relação que estabeleci com a equipa educativa revelou-se um aspeto positivo. A troca de ideias, o diálogo e o acompanhamento do meu percurso permitiram-me refletir sobre a importância da comunicação, cooperação e respeito como pilares essenciais para o trabalho em equipa. Como refere Vaz (2013), as relações que se estabelecem com os membros da equipa facilitam a partilha de ideias o que leva a uma maior reflexão e aperfeiçoamento das práticas adotadas.

O estabelecimento gradual de relações com as crianças é um aspeto fulcral em educação de infância, pois deve-se respeitar os seus tempos. As crianças assumem centralidade na ação pedagógica, algo que pretendo adotar nas minhas práticas pedagógicas, e por isso, o modo como interagimos e as relações que são criadas com elas devem ser tidos em conta de forma individual, visto que cada criança tem as suas próprias características e vontades. Como referem Ramos (2021) e Silva (2019), a relação educador/a – criança é construída com base em práticas responsivas, nas quais o/a adulto/a reconhece a importância de valorizar os seus tempos, vontades e individualidades das crianças.

A família desempenha um papel fundamental no desenvolvimento da criança, sendo o principal agente educativo e social, da qual surgem as primeiras relações e interações. Nesse sentido, é essencial estabelecer uma relação de confiança e envolver as famílias no processo educativo. Como refere Ferreira (2004), a família e o contexto educativo são vistos como indissociáveis no que respeita ao desenvolvimento e aprendizagem das crianças. Ao longo do meu percurso académico, principalmente durante o período da PPSII, tenho vindo a observar e experienciar a como estabelecer relações de confiança com as famílias e como as envolver. Enquanto futura educadora de infância procuro adotar práticas que incentivem à participação das famílias, promovendo um ambiente de proximidade e confiança.

Tal como a família, a comunidade também se revela um agente educativo, do qual os/as educadores de infância podem estabelecer uma relação de modo a proporcionar experiências e aprendizagens às crianças, que “representam uma das categorias específicas de atores que transformam os espaços e que são por ele influenciadas, quer

individual quer coletivamente.” (Trevisan et al., 2021, p. 36). Enquanto futura educadora de infância, considero essencial as crianças tenham contacto com a comunidade, uma vez que são vistas como atores sociais que têm o direito de frequentar os espaços públicos como qualquer adulto. Não é apenas no contexto educativo que ocorrem aprendizagens, os mesmos autores defendem que qualquer espaço tem potencialidades de proporcionar aprendizagens às crianças, desde museus, parques, florestas, a rua, entre outros. Dessa forma, enquanto futura educadora, pretendo proporcionar às crianças experiências diversificadas fora da sala de atividades, incentivando à exploração, descoberta e aprendizagem.

A reflexão foi um dos aspetos marcantes do meu percurso durante a PPSI e II, tornando-se uma prática essencial para o meu crescimento enquanto educadora de infância. A reflexão, como refere Sarmiento (2009), permite que o/a educador/a complemente o seu conhecimento e adeque as suas práticas pedagógicas. Neste sentido, e como refere Nóvoa (2007), é importante que a valorização da experiência individual seja acompanhada por uma “análise coletiva [*sic*] das práticas e da supervisão dialógica” (p. 204), o que promove uma reflexão mais profunda e colaborativa entre os profissionais. Esta perspetiva permite desenvolver o processo de construção da identidade profissional. É fulcral que o/a educador/a de infância reflita sobre as observações que faz das crianças, no sentido de melhorar a sua prática e proporcionar um ambiente educativo de qualidade às crianças que acompanha, de acordo com as características e interesses das mesmas.

Importa ainda salientar o compromisso ético dos profissionais de educação. Ao longo dos estágios, foquei-me nos princípios éticos e deontológicos, defendidos por Tomás (2011), bem como nos compromissos éticos definidos na Carta de Princípios para uma Ética Profissional pela Associação de Profissionais de Educação de Infância (APEI) (2011), que serão a base para o meu futuro enquanto futura profissional.

Por fim, considero que a PPS teve um papel fundamental no meu percurso académico, uma vez que permitiu-me articular a teoria com a prática e consolidar conhecimentos. Enquanto futura educadora de infância pretendo manter um olhar atento e reflexivo sobre a minha prática, garantindo o respeito pelas crianças, equipa educativa e famílias e a reflexão sobre as situações do dia a dia para uma melhor prática pedagógica. Como refere Nóvoa (2007), “a profissão do ensino exige compromisso social e

imaginação criadora: compromisso social, que é também responsabilidade ética, com a educação de todas as crianças, no respeito pelos seus ritmos, pelos seus projetos [*sic*], pelas suas culturas” (p. 205). Esta perspetiva do autor reforça a importância de uma prática educativa centrada na ética, na reflexão crítica e na relação de respeito e escuta das crianças.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

| ' ' | ' ' |

Através da presente investigação, foi possível compreender como as crianças se reconhecem como produtoras de culturas, de que forma as suas experiências culturais familiares são integradas no quotidiano do JI e como as partilhas dessas experiências influenciam as práticas da educadora e da auxiliar de ação educativa. Ao longo da investigação, observei o *entusiasmo* com que as crianças partilhavam as suas experiências culturais familiares, bem como as dinâmicas que emergiam desses momentos de partilha. Ademais, a interação entre o contexto familiar e o educativo foi essencial para compreender como o enriquecimento do capital cultural das crianças reforça a sua identidade e os torna participantes ativos no processo educativo.

Investigar em educação foi, desde o início, mais do que recolher dados ou interpretar práticas. Foi uma forma de me deixar atravessar pelo que acontece no espaço educativo, pelas vozes que nele habitam e pelos silêncios que também dizem. Ao longo do percurso, a investigação tornou-se parte de mim, não só como ferramenta de compreensão do mundo, mas como caminho de construção da minha identidade profissional. Como refere Amado (2010), “fazer investigação qualitativa implica, paradoxalmente, determinadas posturas e qualidades pessoais de cada investigador e, ainda, uma grande abertura à inovação e à criatividade” (p. 140). Nesse movimento entre o que se observa e o que se sente, fui desenvolvendo uma postura crítica, atenta e reflexiva — uma maneira de estar que desejo manter, com firmeza e disponibilidade, no tempo que vem.

O contacto com uma OS que adota o modelo do MEM revelou-se uma mais-valia para a presente investigação. Numa fase inicial, pude constatar como a equipa de sala ouve as sugestões, curiosidades e interesses das crianças, incluindo-os na sua prática pedagógica. Posteriormente, através da análise das conceções de sete crianças, da equipa e de quinze famílias, constatei a importância da promoção das práticas culturais e a partilha no contexto educativo. Esta articulação reforça o papel da criança como *go-between* (Perrenoud, 1995; Sirota, 2001) entre o JI e o contexto familiar, contribuindo para a construção de pontes culturais.

De uma perspetiva pessoal, a realização do presente relatório contribuiu para o meu crescimento enquanto futura educadora de infância, permitindo-me refletir sobre o percurso na valência de JI e sobre práticas, estratégias e temáticas relevantes para reforçar

as minhas futuras intencionalidades educativas, principalmente a temática da investigação. Além disso, a componente investigativa em educação de infância permitiu-me adotar uma postura observadora do contexto, das crianças e da equipa, em concreto o meu olhar sobre a relevância da valorização das partilhas culturais das crianças. Enquanto futura profissional, reconheço a importância de manter práticas pedagógicas que se foquem nas vozes das crianças, no envolvimento e participação das famílias e na valorização do seu capital cultural, para que as suas dinâmicas tenham lugar no contexto educativo. Este compromisso passa pela criação de espaços - tempos que promovam a partilhas das crianças e das suas famílias, em articulação com a equipa e a comunidade.

Por fim, importa realçar que o contacto com o modelo do MEM, pela primeira vez, resultou numa experiência totalmente enriquecedora. Dessa forma, pude centrar a minha prática pedagógica e as minhas intenções nos interesses das crianças e nas suas curiosidades, respeitando os seus tempos e vontades. Enquanto futura profissional, essa é a principal ideologia que pretendo seguir, visto que as crianças têm o direito a serem ouvidas pelos/as adultos e participarem nas decisões que lhes dizem respeito.

REFERÊNCIAS

| " | | " |

- Almeida, M. B. (2014). Os direitos de participação das crianças: um estudo de caso no jardim de infância. *Revista Escola Moderna*, 6(2), 10-24.
- Amado, J. (2010). Ensinar e aprender a investigar – reflexões a pretexto de um programa de iniciação à pesquisa qualitativa. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 44-1, 119-142. https://doi.org/10.14195/1647-8614_44-1_5
- Associação de Profissionais de Educação de Infância. (2011). *Carta de Princípios para uma Ética Profissional*. <https://apei.pt/wp-content/uploads/2019/11/carta-de-principios.pdf>
- Barbosa, M. C. S. (2014). Culturas infantis: contribuições e reflexões. *Revista Diálogo Educacional*, 14(43), 645-667. <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=189132834002>
- Bardin, L. (1997). *Análise de conteúdo*. Edições 70.
- Bourdieu, P. (1989). A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. *Educação em Revista* (10), 3-15. <https://periodicos.ufmg.br/index.php/edrevista/article/view/42465>
- Bourdieu, P. (1998). Os três estados do capital cultural. In M. Nogueira & A. Catani (Orgs.). *Escritos de Educação* (pp. 71-79).
- Cardona, M. J. (Coord.), Silva, I. L., Marques, L., & Rodrigues, P. (2021). *Planear e avaliar na educação pré-escolar*. Ministério da Educação, Direção-Geral da Educação.
- Charlot, B. (2006). A pesquisa educacional entre conhecimentos, políticas e práticas: especificidades e desafios de uma área de saber. *Revista Brasileira de Educação*, 11(31), 7-18. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782006000100002>
- Corsaro, W. A. (2011). *Sociologia da infância*. Artmed.
- Costa, A. R., Reis, I. J., Arruda, M. E. G., Curado, S. M., Santos, T. A. P., & Araújo, T. S. (2022). A organização do espaço na educação infantil. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, 8(10), 4555-4563. <https://doi.org/10.51891/rease.v8i10.7641>
- Croizet, J.-C., & Millet, M. (2024). How preschool education perpetuates social inequality: An ethnographic study of the practical conditions of symbolic violence. *Social Issues*, 80, 1345–1378. <https://doi.org/10.1111/josi.12654>

- Cruz, A., Ventura, C., Rocha, M., Peres, N., & Sousa, T. (2015). Assim aprendemos juntos. *Revista Escola Moderna*, 6(3), 35-52.
- Cunha, M. A. A. (2007). O conceito “capital cultural” em Pierre Bourdieu e a herança etnográfica. *Perspetiva*, 25(2), 503-524. <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/1820>
- Espadilha, S., & Friães, R. (2017). Envolvendo-me na natureza posso brincar, aprender e crescer?: um estudo sobre a importância do espaço exterior no jardim de infância. In C. Pires, D. Lino, S. Pereira, & T. Leite (Orgs.), *Atas do IV Encontro de Mestrados em Educação e Ensino da Escola Superior de Educação de Lisboa*. (pp. 6-17). CIED- Centro Interdisciplinar de Estudos Educacionais da Escola Superior de Educação de Lisboa. <http://hdl.handle.net/10400.21/11827>
- Fernandes, D. M., Carrara, K., & Zilio, D. (2017). Apontamentos para uma definição comportamentalista de cultura. *Acta Comportamentalista*, 25(2), 265-280. <https://revistas.unam.mx/index.php/acom/article/view/60158>
- Ferreira, M. (2004). “*Agente gosta é de brincar com os outros meninos!*” *Relações sociais entre crianças no Jardim de Infância*. Edições Afrontamento.
- Ferreira, M., & Riviera, A. (2020). Estudos no contexto da Educação de Infância: a ética como prática de reflexividade crítica. In I. Nascimento, & P. S. Neto (Coords.), *Ensaio sobre ética e investigação em psicologia e educação* (pp. 73-84). Mais Leituras.
- Ferreira, M., & Tomás, C. (2022). Investigação com crianças: é possível escapar à observação. In C.C. Vieira (Coord.), *Temas, contextos e desafios da investigação qualitativa em educação* (pp. 270-296). Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Ferreira, M. A., & Araújo, C. (2019). Capital cultural familiar e desempenho escolar: Evidências do sistema de avaliação da educação básica. *Mal-estar e Sociedade*, 9(2), 33-39. <https://revista.uemg.br/index.php/gtic-malestar/article/view/6605>
- Ferreira, D. (2010). O direito a brincar. *Cadernos de Educação de Infância*, 90, 12-13.
- Lee, T. T. (2021). Social class, intensive parenting norms and parental values for children. *Current Sociology*, 71(6), 964-981. <https://doi.org/10.1177/00113921211048531>

- Marchi, R. C., & Evangelista, N. S. (2023). A Sociologia da Infância e o conceito de culturas infantis: aspectos e implicações teóricas. *Educação*, 48(1), 1-25. <http://dx.doi.org/10.5902/1984644468569>
- Martins, J. C., & Belfo, F. (2011). Métodos de Investigação Qualitativa- Estudos de Casos na Investigação em Sistemas de Informação. *Proelium Revista da Academia Militar* (14), 39-71. https://www.researchgate.net/publication/303346737_Metodos_de_Investigacao_qualitativa_Estudo_de_Casos_na_Investigacao_em_sistemas_de_Informacao
- Mata, L., & Pedro, I. (2021). *Participação e envolvimento das famílias- Construção de parcerias em contextos de educação de infância*. Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação (DGE).
- Mata, L., Pacheco, P., Brito, A. T., Pereira, M., Cabral, S. (2022). Envolvimento das famílias no processo educativo: Perspetiva de futuros profissionais. *Revista Portuguesa de Educação*, 35(2), 263-290. <https://doi.org/10.21814/rpe.24634>
- Matos, M. (2003). Relação Escola-Família-Comunidade. *Seminário da FERSAP “Municipalização da Educação”*. <https://www.fersap.pt/images/documentos/Relacao-Escola-Familia-Comunidade.pdf>
- Meirinhos, M., & Osório, A. (2010). O estudo de caso como estratégia de investigação em educação. *EDUSER: Revista de educação*, 2(2), 49-65.
- Mollo-Bouvier, S. (2005). Transformação dos modos de socialização das crianças: uma abordagem sociológica. *Educação e Sociedade*, 26(91), 391-403.
- Moreira, M. B., Machado, V. L. S., & Todorov, J. C. (2013). Cultura e Práticas Culturais. In M. B. Moreira (Org.), *Comportamento e Práticas Culturais*. Instituto Walden4.
- Niza, S. (2007). O Modelo Curricular de Educação Pré-Escolar da Escola Moderna Portuguesa. In J. Oliveira-Formosinho (Org.), *Modelos Curriculares para a Educação de Infância: Construindo uma práxis de participação* (4.^a ed.) (pp. 137-159). Porto Editora.

- Nogueira, M. A. (2021). O capital cultural e a produção das desigualdades escolares contemporâneas. *Cadernos de pesquisa*, 51, 1-13. <https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/7468>
- Nóvoa, A. (2007). António Nóvoa- Os lugares da teoria e os lugares da prática da profissionalidade docente. *Revista Educação em Questão*, 30(16), 197-205. <https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/4430>
- Nowak-Lojewska, A., O'Toole, L., Regan, C., & Ferreira, M. (2019). "To learn with" in the view of the holistic, relational and inclusive education. Recuperado de <https://hdl.handle.net/10216/132323>
- O'Brien, G. (2023). Teachers' perceptions of cultural capital: How do they influence the teaching of civic, social and political education? *JSSE- Journal of Social Science Education*, 22(4), 1-28. <https://doi.org/10.11576/jsse-6321>
- Oliveira, L. K. S., & Cruz, R. C. (2014). Capital cultural e educação: uma análise da obra de Bordieu. *XIII Encontro Cearense de Historiadores da Educação, III Encontro Nacional do Núcleo de História e Memória da Educação, III Simpósio Nacional de Estudos Culturais e Geoeducacionais*, 1247-1255. <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/41673>
- Pais, J. M., Lobo Antunes, M., & Magalhães, P. (2020). *Inquérito às práticas culturais dos portugueses*. Fundação Calouste Gulbenkian.
- Perrenoud, P. (1995). *Ofício de aluno e sentido do trabalho escolar* (J. Ferreira, Trad.). Porto Editora. (Obra original publicada em 1994).
- Ramos, A. C. M. (2021). *O papel da responsividade dos educadores nas competências socioemocionais das crianças* [Dissertação de Mestrado, Faculdade de Psicologia]. Repositório da Universidade de Lisboa. <http://hdl.handle.net/10451/56161>
- Sarmiento, M. J. (2004). As culturas da infância nas encruzilhadas da segunda modernidade. In M. J. Sarmiento & A. B. Cerisara (Coords.), *Crianças e miúdos. Perspectivas sociopedagógicas da infância e educação*. Asa. <https://hdl.handle.net/1822/79714>

- Sarmiento, M. J. (2021). Culturas Infantis. In C. Tomás, G. Trevisan, M. J. L. Carvalho, & N. Fernandes (Eds.), *Conceitos-Chave em Sociologia da Infância. Perspetivas Globais* (pp. 181-185). UMinho Editora. <https://doi.org/10.21814/uminho.ed.36>
- Sarmiento, M. J., & Tomás, C. (2020). A infância é um direito?. *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, 15-30. <https://ojs.letras.up.pt/index.php/Sociologia/article/view/10133>
- Sarmiento, T. (2009). As identidades profissionais em educação de infância. *Locus Soci@l*, 2, 46-64. <https://doi.org/10.34632/locussocial.2009.10152>
- Sarmiento, T. (2018). A criança entre-lugares: na família e na escola. In A. J. M. Filho & L. V. Dornelles (Orgs.), *Lugar da criança na escola e na família* (pp. 47-70). Editora Mediação.
- Sarmiento, T., & Carvalho, L. (2017). Diferentes olhares sobre crianças e creches... *Revista Humanidades e Inovação*, 4(1), 8-12. <https://hdl.handle.net/1822/50635>
- Sarmiento, T., & Marques, J. (2006). A participação das crianças nas práticas de relação das famílias com as escolas. *Revista Interações*, 2(2), 59-86. <https://doi.org/10.25755/int.291>
- Silva, A. C. R. M. (2019). Afetividade e relação professor-criança na educação infantil. *Revista Educação, Psicologia e Interfaces*, 3(2), 7-20. <https://doi.org/10.37444/issn-2594-5343.v3i2.144>
- Silva, A. H., & Fossá, M. I. T. (2013). Análise de Conteúdo: Exemplo de Aplicação da Técnica para Análise de Dados Qualitativos. *IV Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração e Contabilidade*.
- Sirota, R. (2001). Emergência de uma Sociologia da Infância: evolução do objeto e do olhar. *Cadernos de Pesquisa*, 112, 7–31.
- Souza, E., Tacyelle Santos Gomes, H., Maria da Silva, A., Paula Alves Pereira, D., dos Santos Lins, G., da Silva, A., Afonso Alves Geronimo, M., Januário da Silva Araújo, S., Santos Costa, R., & do Nascimento Prado, R. (2024). *Sociology in early childhood education*. *Revista Gênero E Interdisciplinaridade*, 5(04), 184–202. <https://doi.org/10.51249/gei.v5i04.2160>
- Tomás, C. (2007). “Participação não tem Idade” – Participação das Crianças e Cidadania da Infância. *Contexto & Educação*, 22(78), 45–68.

- Tomás, C. (2011). *Há muitos mundos no mundo: Cosmopolitismo, participação e direitos da criança*. Edições Afrontamento.
- Tomás, C. (2014). As culturas da infância na educação de infância: um olhar a partir dos direitos da criança. *Revista Interações*, 10(32). <https://doi.org/10.25755/int.6352>
- Trevisan, G. P., Bento, G., Carvalho, M., Silva, C. F., & Sarmiento, M. J. (2021). Infância, espaço público e participação: A abordagem do território de aprendizagem. In M. Gobbi, C. Anjos, E. Seixas, & C. Tomás (Orgs.) *Direito das Crianças à Cidade. Perspetivas desde Portugal e o Brasil* (pp. 35-58). FEUSP. <https://hdl.handle.net/1822/79687>
- Vala, A. (2012). O contexto educativo e a aprendizagem na Educação Pré-Escolar. *Revista Escola Moderna*, 5(42), 5-12.
- Vasconcelos, T. (2015). Do discurso da criança “no” centro à centralidade da criança na comunidade. *Investigar em Educação*, 2(4), 25–42.
- Vaz, J. M. F. (2013). *O trabalho cooperativo na profissão docente: um estudo de caso no âmbito do ensino secundário* [Dissertação de Doutoramento, Faculdade de Educação e Psicologia]. Repositório da Universidade Católica do Porto. <http://hdl.handle.net/10400.14/13917>
- Vidal, B. F. M., & Pires, A. L. O. (2022). O envolvimento das famílias em contexto de creche e de jardim de infância: Um estudo em tempo de pandemia. *Medi@ções*, 10(2), 84-101. <https://doi.org/10.60546/mo.v10i2.355>
- Yin, R. (1993). *Applications of case study research*. Sage Publishing.

ANEXOS

| | " | | " |

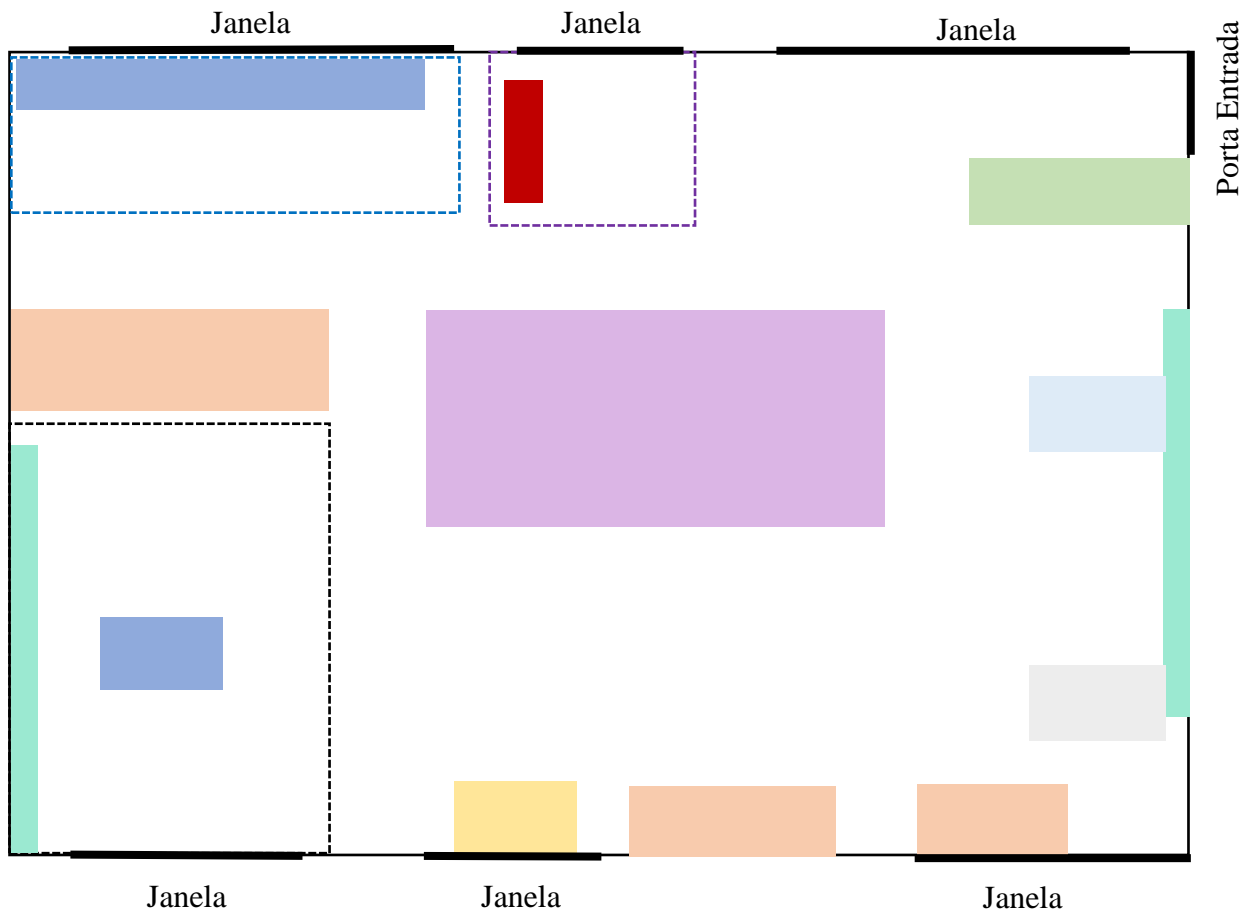
ANEXO A- TABELA DE
CARACTERIZAÇÃO DAS
CRIANÇAS












| ' ' | | ' ' |

Nome	Data de nascimento	Idades		Frequência na OS no ano anterior
		setembro 2024	junho 2025	
Afonso	02/2021	3 anos e 7 meses	4 anos e 4 meses	Não
Amélia	06/2020	4 anos e 3 meses	5 anos	Sim
Bernardo	11/2020	3 anos e 10 meses	4 anos 7 meses	Não
Eduardo	08/2020	4 anos e 1 mês	4 anos e 10 meses	Sim
Egas	03/2020	4 anos e 6 meses	5 anos e 3 meses	Não
Francisca	04/2020	4 anos e 5 meses	5 anos e 2 meses	Sim
Laura	12/2019	4 anos e 9 meses	5 anos e 6 meses	Sim
Mafalda	03/2020	4 anos e 6 meses	5 anos e 3 meses	Não
Manuel	07/2020	4 anos e 2 meses	5 anos e 1 mês	Sim
Margarida	11/2019	4 anos e 10 meses	5 anos 7 meses	Sim
Maria do Carmo	10/2019	4 anos e 11 meses	5 anos e 8 meses	Sim
Maria Inês	05/2020	4 anos e 4 meses	5 anos e 2 meses	Sim
Maria Luísa	12/2019	4 anos e 9 meses	5 anos e 6 meses	Sim
Maria Rita	07/2020	4 anos 2 meses	5 anos e 1 mês	Sim
Mariana	12/2019	4 anos e 9 meses	5 anos e 6 meses	Sim
Martim	10/2019	4 anos e 11 meses	5 anos e 8 meses	Sim
Matias	06/2020	4 anos e 3 meses	5 anos	Sim
Tomás	12/2019	4 anos e 9 meses	5 anos e 6 meses	Não
Nazaré	09/2019	5 anos	5 anos e 9 meses	Sim
Xavier B.	03/2020	4 anos e 6 meses	5 anos e 3 meses	Sim
Xavier C.	06/2020	4 anos e 3 meses	5 anos	Sim

ANEXO B- PLANTA DA SALA
DE ATIVIDADES

|| '' | | ''



-  Móveis de arrumação
-  Estante de arrumação da área dos jogos
-  Laboratório de ciências e matemática
-  *Placards*
-  Área da escrita
-  Área do faz de conta
-  Área da biblioteca
-  Jogos de chão
-  Área polivalente
-  Área da expressão plástica
-  Mesas

ANEXO C- FOTOGRAFIAS DA
SALA DE ATIVIDADES

| ' ' | ' ' |



ANEXO D- INSTRUMENTOS DE
GESTÃO DO MEM

| | ' ' | | ' ' |

Segunda-feira Terça-feira Quarta-feira Quinta-feira Sexta-feira Sábado Domingo

	1	2	3	4	5	6
7	8	9	10	11	12	13
14	15	16	17	18	19	20
21	22	23	24	25	26	27
28	29	30				

Mapa do tempo

Outubro 2024

Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira	Sábado	Domingo

Legenda:
 ☀ Sol
 ☁ Sol e nuvens
 ☁ Nuvens
 ☔ Chuva

Mapa de comunicações

Mapa das Comunicações

Quem quer comunicar	O que vai comunicar	Data	Avaliação
	Letras que decoramos no dia de Exatidão	scriba24	Eu acho que o Egito não deve dar crédito a papel
	Palavras com formas geométricas	scriba24	A Mariana Tavares usa as mãos e cores

ANEXO E- CARTA DE
APRESENTAÇÃO

| | " | | " |



Olá famílias!

O meu nome é Mariana Rocha e sou estudante do 2.º ano do Mestrado em Educação Pré-Escolar da Escola Superior de Educação de Lisboa.

Irei permanecer no Colégio e na sala da Cláudia e da Drica de 30 de setembro de 2024 a 24 de janeiro de 2025, com a finalidade de acompanhar e participar ativamente nas rotinas das crianças e contribuir para o seu desenvolvimento holístico, através de propostas socioeducativas e pedagógicas. Esta intervenção será realizada em articulação com a equipa educativa, considerando as metodologias e dinâmicas promovidas neste contexto e com os interesses, necessidades e vozes das crianças.

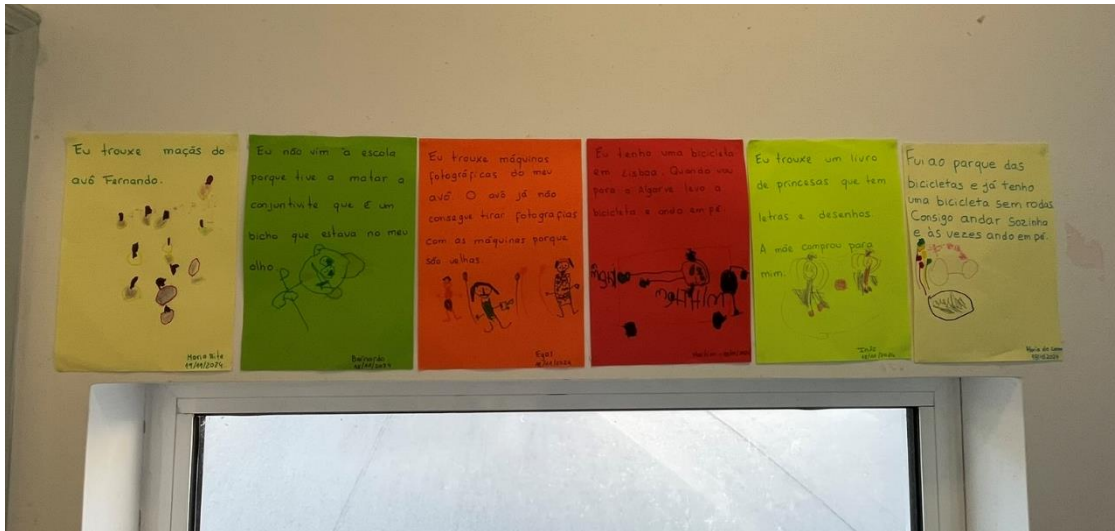
Encontro-me totalmente disponível tanto para as crianças como para as suas famílias. Quaisquer dúvidas ou questões que tenham estarei disponível para vos responder! Obrigada.

ANEXO F- REGISTOS DAS
PARTILHAS DAS PRÁTICAS
CULTURAIS DAS CRIANÇAS

| ' ' | | ' ' |



Registo das partilhas das crianças reproduzidos no JI



ANEXO G- GRELHAS DE
REGISTO DAS PARTILHAS DAS
CRIANÇAS

| ' ' | | ' ' |

Semana 1

	2. ^a feira 30/09	3. ^a feira 01/10	4. ^a feira 02/10	6. ^a feira 04/10
Afonso				
Amélia				
Bernardo	“O Bernardo decidiu partilhar que tinha ido ao circo com a família e trouxe fotografias para as crianças observarem e explicou o que viu e o que gostou mais.” (Registo de nota de campo n.º 1)			
Eduardo				
Egas				
Francisca				
Laura				
Mafalda				
Manuel	“o Manel que trouxe várias folhas e duas sementes que recolheu no fim de semana” (Registo de nota de campo n.º 1)			
Margarida				
Maria do Carmo		“a Carmo mostrou imagens suas numa feira medieval e explicou o que tinha feito e o que tinha visto” (Registo de nota de campo n.º 12)		

Maria Inês				
Maria Luísa				
Maria Rita				
Mariana				
Martim				
Matias				
Tomás				
Nazaré				
Xavier B.				
Xavier C.				

Semana 2

	2.^a feira 07/10	3.^a feira 08/10	4.^a feira 09/10	6.^a feira 11/10
Afonso				
Amélia				
Bernardo				
Eduardo				
Egas	“o Egas partilhou que tinha trazido um ninho e disse que queria mostrar aos amigos” (Registo de nota de campo n.º 28)	“o Egas afirmou que tinha combinado com a mãe ir ao museu dos planetas” (Registo de nota de campo n.º 32)		
Francisca				
Laura				
Mafalda				
Manuel				
Margarida				

Maria do Carmo				
Maria Inês				
Maria Luísa				
Maria Rita				
Mariana				
Martim				
Matias				
Tomás				
Nazaré				
Xavier B.				
Xavier C.				

Semana 3

	2.^a feira 14/10	3.^a feira 15/10	4.^a feira 16/10	6.^a feira 18/10
Afonso				
Amélia				
Bernardo				
Eduardo				
Egas				
Francisca				
Laura				
Mafalda				
Manuel			“o Manuel mostrou um saco com elementos naturais e explicou que tinha apanhado num jardim” (Registo de nota de campo n.º 58)	

Margarida				
Maria do Carmo				
Maria Inês				
Maria Luísa				
Maria Rita				
Mariana				
Martim				
Matias				
Tomás				
Nazaré				
Xavier B.				
Xavier C.				

Semana 4

	2.^a feira 21/10	3.^a feira 22/10	4.^a feira 23/10	6.^a feira 25/10
Afonso				
Amélia				
Bernardo				
Eduardo				
Egas				
Francisca				
Laura				
Mafalda				
Manuel				
Margarida				

Maria do Carmo				
Maria Inês				
Maria Luísa				
Maria Rita				
Mariana				
Martim				
Matias				
Tomás				
Nazaré				
Xavier B.				
Xavier C.				

Semana 5

	2.^a feira 28/10	3.^a feira 29/10	4.^a feira 30/10	6.^a feira 01/11
Afonso				-
Amélia				-
Bernardo				-
Eduardo				-
Egas				-
Francisca				-
Laura				-
Mafalda				-
Manuel	“o Manuel começou por partilhar e mostrar elementos naturais que tinha trazido de uma visita que fez no fim de semana. (...) o Manuel			-

	respondeu que tinha ido ao museu ver dinossauros” (Registo de nota de campo n.º 80)			
Margarida				-
Maria do Carmo				-
Maria Inês				-
Maria Luísa				-
Maria Rita				-
Mariana				-
Martim				-
Matias				-
Tomás				-
Nazaré				-
Xavier B.				-
Xavier C.				-

Semana 6

	2.ª feira 04/11	3.ª feira 05/11	4.ª feira 06/11	6.ª feira 08/11
Afonso				
Amélia				
Bernardo				
Eduardo				
Egas				
Francisca				
Laura	“a Laura mostrou-nos e falou-nos das fotografias da sua			

	viagem a Londres (...) Depois a Laura partilhou que tinha ido ao Big Ben, à London Eye, ao Palácio de Buckingham e ao Museu de história natural, onde viu animais extintos.” (Registo de nota de campo n.º 97)			
Mafalda				
Manuel	“o Manuel mostrou um saco com laranjas e contou que as tinha apanhado quando foi à casa da avó a Torres Novas” “Por fim, após esta partilha o Manuel também referiu que tinha andado de cavalo, na Golegã.” (Registo de nota de campo n.º 97)			
Margarida				
Maria do Carmo				
Maria Inês				
Maria Luísa				
Maria Rita				
Mariana				
Martim				
Matias				
Tomás				
Nazaré				
Xavier B.				

Xavier C.				
-----------	--	--	--	--

Semana 7

	2. ^a feira 11/11	3. ^a feira 12/11	4. ^a feira 13/11	6. ^a feira 15/11
Afonso				
Amélia				
Bernardo	“O Bernardo partilhou que trouxe um jornal, porque foi ao museu da água” (Registo de nota de campo n.º 115)			
Eduardo	“Também o Eduardo quis partilhar fotografias e falar sobre a sua viagem à República Dominicana que fez com os pais, o irmão e os avós” (Registo de nota de campo n.º 115)			
Egas			“o Egas partilhou que num dia tinha ido ao castelo de Almourol e que tinha visto soldados a fingir” (Registo de nota de campo n.º 121)	
Francisca				
Laura				
Mafalda				
Manuel				
Margarida				

Maria do Carmo	“a Maria do Carmo partilhou que num dia tinha andado em cinco transportes públicos” (Registo de nota de campo n.º 115)			
Maria Inês	“A Maria Inês quis partilhar que trouxe bolotas e pinhões para mostrar às crianças, quando questionada sobre onde as apanhou a Maria Inês disse “Não foi em Lisboa, foi no Cabeção” (Registo de nota de campo n.º 115)			
Maria Luísa				
Maria Rita				
Mariana	“a Mariana partilhou que os amigos dos pais foram a sua casa e levaram um bebé pequeno com quem ela pôde brincar” (Registo de nota de campo n.º 115)			
Martim				
Matias				
Tomás				
Nazaré				
Xavier B.				
Xavier C.				

Semana 8

	2. ^a feira 18/11	3. ^a feira 19/11	4. ^a feira 20/11	6. ^a feira 22/11
Afonso				
Amélia				
Bernardo				
Eduardo				
Egas				
Francisca				
Laura				
Mafalda				
Manuel				
Margarida				
Maria do Carmo		<p>“contou que no fim de semana tinha ido ao parque das bicicletas e que já tinha uma sem <i>rodinhas</i> e que já conseguia andar sozinha.” (Registo de nota de campo n.º 121)</p>		
Maria Inês				
Maria Luísa				
Maria Rita				
Mariana				
Martim				
Matias				
Tomás				
Nazaré				

Xavier B.				
Xavier C.				

Semana 9

	2. ^a feira 25/11	3. ^a feira 26/11	4. ^a feira 27/11	6. ^a feira 29/11
Afonso				
Amélia				
Bernardo				
Eduardo				
Egas				
Francisca				
Laura				
Mafalda				
Manuel				
Margarida				
Maria do Carmo	“A Maria do Carmo partilhou que foi à casa dos tios a uma festa” (Registo de nota de campo n.º 146)			
Maria Inês				
Maria Luísa				
Maria Rita				
Mariana				
Martim				
Matias				
Tomás				
Nazaré				

Xavier B.				
Xavier C.				

Semana 10

	2.ª feira 02/12	3.ª feira 03/12	4.ª feira 04/12	6.ª feira 06/12
Afonso	“o Afonso veio dar-me um abraço e disse que tinha estado de férias com os pais em Praga e disse “Eu fui de Lisboa para Praga”, pelo que lhe disse que podia trazer fotografias para mostrar aos amigos.” (Registo de nota de campo n.º 163)			
Amélia				
Bernardo				
Eduardo				
Egas	“o Egas partilhou um desenho que fez para contar ao grupo uma situação que vai acontecer na sexta-feira. O Egas explicou que o seu pai faz anos e, por isso, ele vai passear a Carcavelos à praia e vai a uma pizzaria como explicou no seu desenho.” (Registo de nota de campo n.º 163)	“o Egas partilhou que fez bolachas de Natal com a mãe e que eram em forma de bonecos de Natal” (Registo de nota de campo n.º 168)		

Francisca				
Laura	<p>“A Laura partilhou que montou a árvore de Natal no fim de semana e trouxe uma fotografia para as crianças verem.” (Registo de nota de campo n.º 163)</p>			
Mafalda				
Manuel				
Margarida				
Maria do Carmo				
Maria Inês				
Maria Luísa				
Maria Rita				
Mariana				
Martim	<p>“O Martim partilhou que hoje à tarde ia embora mais cedo, pois ia comprar uns ténis e ia ao <i>bowling</i> com a família.” (Registo de nota de campo n.º 163)</p>			
Matias				
Tomás				
Nazaré				
Xavier B.				
Xavier C.				

Semana 11

	2. ^a feira 09/12	3. ^a feira 10/12	4. ^a feira 11/12	6. ^a feira 13/12
Afonso				
Amélia				
Bernardo				
Eduardo				
Egas	“o Egas mostrou a fotografia da sua árvore de Natal onde estava com o seu irmão e disse que também já a tinha montado.” (Registo de nota de campo n.º 175)			
Francisca				
Laura				
Mafalda				
Manuel				
Margarida				
Maria do Carmo				
Maria Inês				
Maria Luísa				
Maria Rita				
Mariana	“a Mariana também partilhou que foi ver as luzes de Natal com a família.” (Registo de nota de campo n.º 175)			
Martim				
Matias				

Tomás				
Nazaré				
Xavier B.				
Xavier C.				

Semana 12

	2.ª feira 16/12	3.ª feira 17/12	4.ª feira 18/12	6.ª feira 20/12
Afonso	“o Afonso mostrou ao grupo o postal da sua viagem a Viena, que referia que gostava de descobrir informações sobre Mozart.” (Registo de nota de campo n.º 188)			
Amélia				
Bernardo	“O Bernardo também partilhou com o grupo que trouxe um bilhete do espetáculo “Merry Poppyns: Christmas” e disse que foi com os pais.” (Registo de nota de campo n.º 185)			
Eduardo	“o Eduardo partilhou com o grupo uma fotografia sua e explicou que tinha ido com o pai e o avô ver o jogo do Sporting ao estádio.” (Registo de nota de campo n.º 188)			
Egas				

Francisca	“a Francisca que partilhou fotografias suas e explicou que estava no <i>ballet</i> , no seu espetáculo de Natal” (Registo de nota de campo n.º 188)			
Laura				
Mafalda				
Manuel	“O Manuel também realizou uma partilha, na qual mostrou uma folha com um bilhete e explicou que “Trouxe um bilhete do espetáculo das primas”, dessa forma li o que estava na folha que explicava que o Manuel tinha ido ver o espetáculo de <i>ballet</i> das suas primas” (Registo de nota de campo n.º 185)			
Margarida				
Maria do Carmo				
Maria Inês				
Maria Luísa				
Maria Rita				
Mariana				
Martim				
Matias				
Tomás				“Também o Tomás fez uma partilha e mostrou as fotografias que trouxe da sua

				viagem a Roma.” (Registo de nota de campo n.º 197)
Nazaré				
Xavier B.				
Xavier C.				

Semana 13

	2.ª feira 06/01	3.ª feira 07/01	4.ª feira 08/01	6.ª feira 10/01
Afonso				
Amélia				
Bernardo				
Eduardo	<p>“o Eduardo quis partilhar e mostrou fotografias das suas férias. Dessa forma, o Eduardo explicou que foi ao circo e andou de carrinhos de choque, esteve com os primos e amigos e foi aos Piscos onde viu dois lagos, areia e brincou com paus, por fim, também viu o espetáculo “Panda e os Caricas”. Além disto, o Eduardo partilhou que no Natal recebeu um dinossauro robô que tem um comando. Depois, a Maria Rita partilhou que nas férias foi ver o espetáculo “Panda e os</p>			

	Caricas”.” (Registo de nota de campo n.º 201)			
Egas				
Francisca	“A Francisca disse que nas férias brincou na neve, visitou Veneza e os tios que moram em Verona.” (Registo de nota de campo n.º 201)			
Laura				
Mafalda				
Manuel				
Margarida				
Maria do Carmo				
Maria Inês				
Maria Luísa				
Maria Rita	“Depois, a Maria Rita partilhou que nas férias foi ver o espetáculo “Panda e os Caricas”.” (Registo de nota de campo n.º 201)			
Mariana				
Martim				
Matias				
Tomás	“o Tomás também disse que esteve na casa das férias e que tinha ido à praia, mas estava frio” (Registo de nota de campo n.º 201)			
Nazaré				

Xavier B.				
Xavier C.				

Semana 14

	2. ^a feira 13/01	3. ^a feira 14/01	4. ^a feira 15/01	5. ^a feira 16/01	6. ^a feira 17/01
Afonso					
Amélia					
Bernardo					
Eduardo					
Egas					
Francisca					
Laura	<p>“A Laura explicou e mostrou o registo que trouxe de casa da sua visita ao museu Banský. A Laura explicou que é um senhor que faz pinturas nos prédios, nisto a Laura partilhou a sua vontade em fazer um projeto sobre o artista, pois gostava de saber porque é que ele pinta nas paredes com latas.” (Registo de nota de campo n.º 213)</p>				
Mafalda					
Manuel					
Margarida					

Maria do Carmo					
Maria Inês					
Maria Luísa					
Maria Rita	“a Maria Rita partilhou com o grupo que iria apanhar um avião para viajar 3 dias.” (Registo de nota de campo n.º 213)		“A Maria Rita partilhou que tinha ido ao parque com a mãe” (Registo de nota de campo n.º 222)		
Mariana					
Martim	“O Martim também referiu que foi a um espetáculo com os pais e os irmãos.” (Registo de nota de campo n.º 213)				
Matias	“o Matias partilhou que foi a um espetáculo no fim de semana” (Registo de nota de campo n.º 213)				
Tomás					
Nazaré					
Xavier B.					
Xavier C.					

Semana 15

	2.ª feira 20/01	3.ª feira 21/01	4.ª feira 22/01	5.ª feira 23/01	6.ª feira 24/01
Afonso					
Amélia					

Bernardo					
Eduardo					
Egas					
Francisca					
Laura					
Mafalda					
Manuel					
Margarida					
Maria do Carmo	“a Maria do Carmo partilhou (...) que no fim de semana foi a Viseu.” (Registo de nota de campo n.º 233)				
Maria Inês					
Maria Luísa					
Maria Rita					
Mariana					
Martim					
Matias					
Tomás					
Nazaré					
Xavier B.					
Xavier C.					

ANEXO H- CONSENTIMIENTO
INFORMADO PARA REGISTRO
FOTOGRAFICO

|| ' ' | | ' ' "

Protocolo de Consentimento Informado

Sou Mariana Rodrigues Rocha, estudante da Escola Superior de Educação de Lisboa e estou a frequentar o segundo ano do Mestrado em Educação Pré-Escolar. No âmbito do curso, irei realizar o estágio de Prática Profissional Supervisionada II no Colégio e na sala da Cláudia e da Drica, entre o dia 30 de setembro e o dia 24 de janeiro de 2025.

Venho por este meio solicitar, por favor, a vossa autorização para registo fotográfico e/ ou fazer filmagens do/a seu/sua educando/a em propostas socioeducativas realizadas pelo/a mesmo/a, de modo a serem integradas no relatório de investigação. É importante salientar que será garantida a proteção da identidade da criança, com a ocultação do seu rosto e de qualquer outro dado identificativo. É, igualmente, garantido que a presente autorização pode ser revogada em qualquer momento, sem que tal implique qualquer prejuízo de carácter pessoal ou profissional.

Informo, ainda, que a criança assume centralidade na minha intenção pedagógica e, nesse sentido, o seu assentimento será priorizado. Deste modo, sempre que a criança afirmar ou demonstre que não pretende ser fotografada, será respeitada a sua vontade.

Peço, por favor, que preencha com uma cruz e assine o presente protocolo como forma de declarar a sua autorização. Obrigada.

ANEXO I- GUIÃO DA
ENTREVISTA À EQUIPA DE
SALA

| ' ' | | ' ' |

Guião de Entrevista

Destinatárias: Educadora cooperante e auxiliar de ação educativa

Objetivos:

- Caracterizar as conceções da equipa educativa sobre as práticas culturais familiares e a sua relação com as práticas educativas/pedagógicas;
- Compreender as conceções da equipa educativa sobre as partilhas realizadas pelas crianças sobre as práticas culturais proporcionadas pelas famílias.

Blocos de Informação	Objetivos específicos	Formulação de questões	Observações
A. Legitimação da entrevista e motivação do/a entrevistado/a	<ul style="list-style-type: none"> • Legitimar a entrevista; • Motivar o/a entrevistado/a. 	<ul style="list-style-type: none"> - Esta entrevista tem como objetivo a obtenção de informação para a realização do relatório da PPS II, intitulada <i>“O que se traz de casa”: as práticas culturais familiares numa sala de jardim de infância.</i> - O seu caráter é confidencial e o anonimato dos dados é garantido. - Pedir autorização para gravar áudio; - Informar devolução das transcrições. 	
B. Definição do perfil do/a entrevistado/a	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer o percurso profissional da educadora e auxiliar 	B1. Qual a sua formação? B2. Há quanto tempo exerce funções como educadora de infância/auxiliar de ação educativa? B3. Há quanto tempo exerce funções na organização socioeducativa?	
C. Conceções sobre práticas culturais familiares	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer as conceções sobre práticas culturais familiares 	C1. Como caracteriza as práticas culturais das crianças promovidas pelas suas famílias? C2. Que relevância têm essas experiências para as crianças?	
D. Conceções sobre o papel das famílias na promoção de práticas culturais	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer as conceções sobre o papel das famílias na promoção de práticas culturais às crianças 	D1. Na sua opinião, qual o impacto das atividades culturais vivenciadas pelas crianças com as suas famílias?	

		D2. Considera importante a partilha das vivências culturais das crianças? Como promove essas partilhas?	
E. Perceção sobre as partilhas de vivências culturais entre crianças	<ul style="list-style-type: none"> • Compreender a relevância das partilhas de vivências culturais entre as crianças no contexto educativo 	<p>E1. Como ocorrem as partilhas das crianças relativamente às suas experiências culturais? Promove a partilha dessas vivências? Como?</p> <p>E2. Considera importante que existam estas partilhas entre as crianças? Que impacto têm essas partilhas na dinâmica do grupo?</p>	
F. Perceção das práticas adotadas pela equipa educativa, consoante as partilhas das vivências culturais das crianças	<ul style="list-style-type: none"> • Compreender como a partilha das vivências culturais das crianças influenciam as práticas da equipa educativa. 	<p>F1. De que forma as experiências culturais partilhadas pelas crianças contribuem para informar as práticas educativas?</p> <p>F2. Pode dar exemplo de momentos em que essas vivências influenciaram a sua prática educativa e pedagógica?</p>	
Conclusão da entrevista	<ul style="list-style-type: none"> • Finalizar a entrevista 	<p>-De momento, recorda-se de algo mais que considere ser pertinente em relação aos aspetos abordados?</p> <p>- Obrigada pela sua disponibilidade</p>	<p>- Confirmar se existe algo mais a acrescentar</p> <p>- Agradecer a disponibilidade</p>

ANEXO J- GUIÃO DA
ENTREVISTA ÀS CRIANÇAS

| ' ' | | ' ' |

Guião de Entrevista

Destinatárias: Grupo de crianças (Bernardo, Egas, Laura, Maria do Carmo, Manuel, Nazaré, Tomás)

Objetivos:

- Compreender a perceção das crianças sobre as práticas culturais familiares;
- Compreender a importância que as crianças dão às partilhas das suas experiências culturais

Blocos de Informação	Objetivos específicos	Formulação de questões	Observações
E. Legitimação da entrevista e motivação do/a entrevistado/a	<ul style="list-style-type: none"> • Legitimar a entrevista; • Motivar a entrevistada. 	<ul style="list-style-type: none"> - Esta entrevista tem como objetivo a obtenção de informação para a realização do relatório da PPS II, intitulada <i>“O que se traz de casa”: as práticas culturais familiares numa sala de jardim de infância.</i> - O seu caráter é confidencial e o anonimato dos dados é garantido. - Pedir autorização para gravar áudio; - Informar devolução das transcrições. 	
F. Definição do perfil do/a entrevistado/a	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer as crianças 	B1. Como te chamas? B2. Quantos anos tens?	
G. Perceção sobre experiências culturais em família	<ul style="list-style-type: none"> • Compreender como a criança valoriza as atividades culturais que realiza em família 	C1. O que costumás fazer aos fins de semana e férias com a tua família? C2. Gostas de visitar lugares como por exemplo museus, teatros, cinemas, exposições e viajar com a tua família? Porquê? C3. Costumas ir com quem? C4. Quem decide essas atividades? Lembraste de alguma vez teres dado alguma sugestão?	
D. Conceções sobre os registos das experiências culturais familiares	<ul style="list-style-type: none"> • Compreender a relevância da criança na criação de registos sobre as suas práticas culturais 	D1. Costumas fazer registos das atividades que fazes em família? Como é que são esses registos? D2. Gostas de guardar essas memórias? Porquê?	
E. Perceção sobre as partilhas das vivências culturais das crianças	<ul style="list-style-type: none"> • Compreender a visão da criança relativamente às partilhas das vivências culturais 	E1. Gostas de falar e mostrar os registos das tuas experiências com as crianças e com as adultas da sala? Porquê?	

Conclusão da entrevista	<ul style="list-style-type: none">• Finalizar a entrevista	<ul style="list-style-type: none">- Há algo mais que gostasses de partilha sobre o que conversámos?- Obrigada por participares.	<ul style="list-style-type: none">- Confirmar se existe algo mais a acrescentar- Agradecer a disponibilidade
--------------------------------	--	--	---

ANEXO K- INQUÉRITO POR
QUESTIONÁRIO ÀS FAMÍLIAS

| | " | | " |

Práticas culturais familiares



B *I* U

No âmbito da Unidade Curricular de Prática Profissional Supervisionada II, integrada no 2.º ano do Mestrado em Educação Pré-Escolar da Escola Superior de Educação de Lisboa, encontro-me, enquanto estagiária, a realizar uma investigação intitulada "O que se traz de casa: As práticas culturais familiares numa sala de jardim de infância". Esta investigação tem como objetivos:

- (i) compreender como as crianças se reconhecem como produtoras de cultura e de que forma as experiências culturais familiares são integradas no quotidiano do jardim de infância;
- (ii) analisar os modos como as práticas culturais familiares se articulam com as práticas pedagógicas.

Nesse sentido, solicito a colaboração das famílias no preenchimento de um inquérito, cujo objetivo é contribuir para a investigação. Saliento que a confidencialidade dos dados será garantida e a identidade dos participantes será salvaguardada.

Agradeço, desde já, a colaboração

Estou disponível para qualquer esclarecimento, através do email 2023077@alunos.eselx.ipl.pt

Mariana Rocha

Aceita responder ao questionário? *

Sim

Não

1. Caracterização do/a inquirido



Descrição (opcional)

1.1. Importa-se de me indicar a sua idade? *

Texto de resposta curta

1.2. Importa-se de me indicar o seu sexo/género? *

- Feminino
- Masculino
- Prefiro não indicar

1.3. Contado consigo, quantas pessoas, incluindo crianças, fazem parte do seu agregado familiar? *

Texto de resposta curta

1.4. Qual é a relação de parentesco que tem com a criança da sala? *

- Mãe
- Pai
- Outra

1.5. Qual o grau de ensino mais elevado que atingiu ou frequentou? *

- Até ao 9.º ano
- Até ao 12.º ano
- Licenciatura
- Mestrado
- Doutoramento

2. Práticas culturais familiares



Descrição (opcional)

2.1. Considera importante proporcionar atividades culturais regulares às crianças? *

Sim

Não

2.2. Porquê? *

Texto de resposta longa

2.3. Com que frequência proporciona atividades culturais ao/à(s) seu(s)/sua(s) filho(s)/filha(s)? *

Nunca

Raramente (1 vez por mês)

Ocasionalmente (2 a 3 vezes por mês)

Frequentemente (2 a 3 vezes por semana)

2.4. Qual/quais as atividades culturais que costuma proporcionar ao/à(s) seu(s)/sua(s) filho(s)/filha(s)? *

Pode selecionar até 5 opções

- Museus e/ou galerias de arte
- Teatro
- Dança
- Concertos
- Cinema
- Ver espetáculos a partir da internet
- Bibliotecas
- Leitura com as crianças
- Monumentos históricos, sítios arqueológicos
- Jogos desportivos
- Viagens por Portugal
- Viagens para fora de Portugal
- Outra opção...

2.5. Se assinalou "outra", diga qual/quais

Texto de resposta longa

2.6. Considera importante promover práticas culturais com o(s)/a(s) seu(s)/sua(s) filho(s)/filha(s)? *

- Sim
- Não

2.7. O que mais influencia a decisão de proporcionar as práticas culturais com o(s)/a(s) seu(s)/sua(s) filho(s)/filha(s)? *

(Pode seleccionar até 4 opções)

- Interesse das crianças
- Interesse dos/as adultos/as
- Tempo de viagem
- Programa cultural dos espaços
- Disponibilidade financeira
- O convívio com outras pessoas
- A beleza do espaço
- A importância histórica dos espaços
- A conhecimento que se pode adquirir
- Por lazer /em passeio
- Outra opção...

2.8. Se assinalou "outra", diga qual/quais

Texto de resposta longa

Após a secção 3 Continuar para a secção seguinte

Secção 4 de 5

3. Registos e partilhas das experiências culturais



Descrição (opcional)

3.1. Efetua o registo das experiências culturais que proporciona às crianças? *

Sim

Não

3.2. Se respondeu "sim", fá-lo com o(s)/a(s) seu(s)/sua(s) filho(s)/filha(s)? Como é feito o registo das experiências vivenciadas? *

Texto de resposta longa

3.3. Na sua perspetiva, considera importante que as crianças partilhem em grupo as suas vivências em família? *

Sim

Não

3.4. Porquê? *

Texto de resposta longa

3.5. Considera importante expor nas paredes da sala os registos das práticas culturais que as crianças trazem de casa? *

Sim

Não

3.6. Porquê? *

Texto de resposta longa

Secção 5 de 5

Conclusão do inquérito



Agradeço a sua disponibilidade e participação no presente inquérito.

Atentamente,

Mariana Rocha.

ANEXO L- TRANSCRIÇÃO DAS
ENTREVISTAS À EQUIPA DE
SALA

| | ' ' | | ' ' |

Transcrição da entrevista à educadora cooperante

Entrevistadora- A entrevista é para obter dados para o relatório de investigação, intitulado “*O que se traz de casa: as práticas culturais familiares numa sala de jardim de infância*”. É confidencial e o anonimato dos dados é garantido, depois posso devolver a transcrição da entrevista. Relativamente ao perfil do entrevistado, qual a sua formação?

Entrevistada- Tenho licenciatura em educação básica e o mestrado em educação pré-escolar.

Entrevistadora- Há quanto tempo exerce funções como educadora de infância?

Entrevistada- Há 10 anos.

Entrevistadora- Há quanto tempo exerce funções aqui na organização socioeducativa?

Entrevistada- Há 1 e meio talvez, desde outubro de 2023.

Entrevistadora- Agora sobre as conceções sobre práticas culturais familiares, como caracteriza as práticas culturais das crianças promovidas pelas suas famílias?

Entrevistada- São crianças que frequentam espaços culturais e que assistem a diversas atividades relacionadas com a cultura, não todos, mas há uma grande maioria que frequenta esses espaços e que tem essa prática mais ou menos regular.

Entrevistadora- E, no geral, considera que é relevante terem essas práticas?

Entrevistada- É muito relevante. Nós aqui promovemos muito isso, como tu sabes, vamos a muitos sítios e tentamos sempre também até dar resposta a algumas coisas que vêm mesmo de casa. Mas é muito relevante, porque isso dá-lhes outra visão das coisas, traz às vezes muitas experiências e muitas aprendizagens que lhes são depois úteis também no dia a dia, nalgumas partilhas que eles fazem, nalgumas coisas que fazem em sala até do ponto de vista das artes no geral, mais especificamente que é se calhar aquilo que está mais emergente na nossa sala relativamente à expressão plástica. Isso, às vezes nota-se, eles falam sobre isso, sobre coisas que viram e enriquece muito o restante grupo, porque essas partilhas depois muitas vezes permitem que se parta para outro tipo de aprendizagens. Um exemplo, tu não estavas cá, foi o ano passado a Nazaré foi à casa de

histórias Paula Rego, como nós fomos também este ano e gostou muito, interessou-se muito e daí surgiu uma pequena investigação sobre a artista, algumas obras que ela faz e isso é muito relevante. A partilha que saiu dessa investigação que ela fez com um pequeno grupo, para os outros, nós temos sempre este hábito de comunicar ao restante grupo foi muito bom, porque todos eles conheceram um pouco melhor e isso ajudou porque eles já iam com algumas noções de quem é que era a Paula Rego, quando fomos este ano à casa das histórias.

Entrevistadora- Ok e relativamente às conceções sobre o papel das famílias na promoção de práticas culturais, na sua opinião, qual o impacto das atividades culturais vivenciadas pelas crianças com as suas famílias?

Entrevistada- É um bocadinho no seguimento do que falámos anteriormente, muitas das coisas que vêm de casa são ponto de partida para o trabalho que se faz aqui com eles na escola.

Entrevistadora- E considera importante a partilha das vivências culturais das crianças? E como é que promove essas partilhas?

Entrevistada- Sim é muito importante novamente, por isso, andamos aqui um bocadinho a falar do mesmo, porque isso dá realmente o mote para outras coisas... como é que era a pergunta, podes repetir?

Entrevistadora- Como promove as partilhas?

Entrevistada- Elas surgem naturalmente no nosso espaço de partilha da manhã, nas reuniões da manhã é muito frequente eles trazerem fotografias de sítios onde foram, propostas, panfletos de coisas e às vezes... não são todos, mas alguns que já têm essa forma nossa trabalhar e que já vem com a proposta, “Eu gostava de ir com os amigos” às vezes isso não nos é possível na sala... é muito difícil, por exemplo, ir ao museu do dinheiro nós temos essa experiência com as outras colegas, mas a Carmo teve uma experiência em casa com uns amigos dos pais e trouxe essa ideia, ou a criança dessa família falou que tinha ido ao museu dinheiro, deve lhe ter explicado em casa mais ou menos o que é que o que é que se via lá, o que é que fazia e ela vinha com essa com essa sugestão de irmos também. Esta questão dos barcos que está um bocadinho adiada porque,

entretanto, houve o mau tempo veio do Egas e é um interesse que ele tinha, nós falámos um bocadinho sobre isso na sala e ele partilhou com o grupo gostava muito de ir com os amigos ver barcos. Depois aqui dentro da escola é um bocadinho esse trabalho, nós falámos entre nós com a Drica e também com Marta, que é a nossa diretora pedagógica, falámos um bocadinho “Olha, ele tem este interesse como podemos fazer? Tinha pensado em irmos ao Museu da Marinha, mas no museu ele não vai ter essa experiência tão enriquecedora como é que podemos fazer? Surgiu a ideia de irmos cacilheiro, olha, era uma boa, uma boa ideia. Vamos ver como é que agilizamos, já que vamos de cacilheiro vamos a Cacilhas porque lá há um barco que podemos visitar.” Pronto, e vem um bocadinho assim, surge muito naturalmente nas brincadeiras, em coisas que eles vão dizendo durante o dia e que nós vamos ouvindo, é por aí.

Entrevistadora- Agora relativamente à perceção sobre as partilhas e vivências culturais das crianças, como ocorrem as partilhas das crianças relativamente às suas experiências culturais? Promove essas partilhas e como?

Entrevistada- É mais ou menos no mesmo sentido, não é? Normalmente, é sobretudo nestes momentos de reunião de grande grupo que eles partilham estas coisas ou porque trazem alguma coisa já feita, ou algum panfleto, ou alguma fotografia, ou porque falam sobre isso e depois isso dá o mote para. Portanto, é muito por aí, às vezes acontecem também não serem propriamente partilhas, que foi o que aconteceu com este projeto do Kandinsky, que surgiu de uma coisa que não foi intencional, não foi uma intenção do Xavier quando fez aquela pintura, ele não imaginou sequer o Kandinsky foi um comentário que eu fiz à produção dele “Olha, parece mesmo os círculos o Kandinsky faz nos quadros dele” e tocaram ali os alarmes no Xavier, “Mas quem é esse” e foi a partir daí. Às vezes não são propriamente coisas que são de casa, são coisas que acontecem aqui e que partem também um bocadinho de nós.

Entrevistadora- Considera importante que existam estas partilhas entre as crianças? E que impacto têm essas partilhas na dinâmica do grupo e entre as crianças?

Entrevistada- Elas são muito importantes, porque isto ajuda-os também a terem consciência a dar-lhes abertura para os tipos de arte. Muitas destas partilhas depois dão o

mote para nós visitarmos lugares que estão associados a estas coisas e permite-lhes terem contato com estes equipamentos culturais, com outras formas de cultura, ajuda-os também a desenvolverem esta questão da fruição da obra de arte, de terem sentido crítico sobre ela. Agora nesta experiência com Kandinsky, este este projeto que eles estão a fazer, eles viram diversas obras, exploraram vários livros, tiveram com a Drica a ver várias obras, a falar sobre elas e algumas até foram reproduzidas depois e isso também os ajuda a terem algum sentido crítico sobre aquilo que estão a ver. Quando falam também sobre os próprios artistas, sobre a vida dos artistas, isso ajuda-os também a terem espírito crítico sobre as coisas, ajuda-os também no desenvolvimento da criatividade, da imaginação. Depois, não se viu muito e não vemos muito, nesta fase, eles quando fazem coisas, produções, referirem obras, mas em algumas situações nós conseguimos perceber. Estas últimas experiências que nós temos visto com Tomás, com o Martim e com o Manuel, se não me engano, em que eles agora fazem muitas pinturas com círculos, círculos dentro dos outros, e quando tu vais perguntar eles próprios podem não ter essa essa noção, mas depois há sempre alguém que diz “Ah isso é o Kandinsky, isso são os círculos do Kandinsky”, ficou qualquer coisa desta experiência que eles tiveram e os outros estão a fazer isto, até pode não ser uma coisa muito consciente, estes círculos pode não ser como a intenção “estou a fazer, porque veio deste projeto do Kandinsky”, mas é qualquer coisa que ficou lá daquilo que eles foram vendo e que vão se apercebendo, mesmo que não estejam no grupo do projeto, das dinâmicas dos outros, das pinturas que os outros vão fazendo, vão passando e vão espreitando isso e depois fica também na cabeça dos outros.

Entrevistadora- Depois sobre a perceção das práticas adotadas pela equipa educativa consoante as partilhas das vivências culturais das crianças, de que forma as experiências culturais partilhadas pelas crianças contribuem para informar a sua prática educativa?

Entrevistada- Para informar?

Entrevistadora- Sim, como é que elas influenciam a sua prática?

Entrevistada- Nós partimos sempre das experiências deles, dos interesses deles, portanto, muito do que é a nossa prática ao longo do dia vem daquilo que eles nos trazem. Portanto, seja nesta questão mais da cultura, de obras de arte, como de outras experiências

ao nível das ciências, ao nível da linguagem, portanto, nós agarramos sempre qualquer coisa que vem de casa para seguirmos o trabalho e trabalhamos muito nesse sentido, tudo o que nós fazemos em sala vai muito a esse encontro. Depois, às vezes não dá o clique, há muitos que vêm com essa percepção e vêm já com essa vontade e com uma ideia muito definida do que querem fazer, por exemplo, o Manuel no outro dia trouxe um plástico-bolha porque quer pintar, o Martim no outro dia, isso surgiu num outro contexto em que ele estava a usar as mãos para pintar e surgiu essa conversa com a Drica e o mote para pintarmos com as mãos. Às vezes isso não é muito claro para eles, como aconteceu, por exemplo, com o Bernardo que trouxe agora há pouco tempo aquela evolução do homem, desde o homem primitivo até ao homem moderno, e lá pelo meio havia uma coisa sobre as pinturas rupestres e enquanto eles estavam a explorar aquilo falou-se muito por alto, eu ainda tenciono agora voltar às pinturas rupestres e aprofundar um bocadinho mais, porque acho que é uma coisa muito interessante para eles, mas aquilo não surgiu e acho que já não vai surgir propriamente deles. Eles passaram por ali, falou-se ainda estivemos ali um bocadinho a falar sobre isso, que era nas grutas o Bernardo ainda explicou o que é que acontecia, como é que eles faziam, mas não foi muito aprofundado e é uma experiência se calhar engraçada para nós ainda irmos buscar e experimentarmos aqui em contexto de sala.

Entrevistadora- E pode dar exemplos de momentos em que essas vivências influenciaram a tua prática educativa e pedagógica em relação às partilhas culturais que eles trazem?

Entrevistada- Um exemplo... olha tens esse da Nazaré dela ter visitado a Casa das histórias que depois deu o mote para trabalharmos o artista e percebermos quem é que era Paula Rego, o que é que ela fazia e etc. Esta situação do Kandinsky também, apesar de não ter vindo propriamente casa, foi uma coisa que nós acabámos por explorar do interesse que eles depois demonstraram quando ouviram Kandinsky, foi um bocadinho por aí. Agora vindo de casa deixa-me pensar, tens esta que ainda não aconteceu pronto que é a questão dos barcos que ainda há de acontecer, esteve para acontecer e esteve marcado, mas não pudemos fazer. E depois acontecem muitas coisas durante o dia, muitos pequenos momentos que não têm... não estou agora a recordar-me assim...

Entrevistadora- Recordar-se de algo mais que considere pertinente em relação a estes aspetos das práticas culturais e das partilhas?

Entrevistada- Olha, até nesta questão do projeto que tu estiveste a desenvolver com eles, porque eles não tinham este conhecimento todo e isto veio enriquecer muito todos eles, estão todos muito entusiasmados e tu já tens recebido alguns *feedbacks* dos pais sobre isto, verbalmente e mandando alguns e-mails que temos recebido. E isso também foi uma aprendizagem da cultura que eles tiveram acesso também, tivemos pais trouxeram máquinas fotográficas, que nos explicaram coisas sobre a fotografia. A fotografia também é uma forma de arte e acho que isso ficou também claro para eles, para além de nós tirarmos fotografias como forma de deixarmos registados momentos que são importantes para nós, situações que são relevantes e queremos recordar, também teve esta questão de a fotografia, tal como outras coisas que nós vemos, tal como as pinturas, tal como as culturas que nós vamos ver aqui e ali, também é uma forma de arte e os pais trouxeram-nos também essa sua experiência e para a sala, para o projeto. A própria situação de vocês terem ido, nesse dia não pude ir e tenho imensa pena, mas de terem ido ao MEF perceber como é que depois iras as fotografias são reveladas também é mais uma partilha relacionada com a arte. Já percebemos como é que uma obra de arte ou uma pintura surge, os pintores pintam-na com tintas, fazendo graffitis de diversas formas, os escultores moldam barro, moldam massas então, como é que surge esta forma de arte específica que é a fotografia, revelam fotografias elas aparecem ali porque são reveladas segundo este método...

Entrevistadora- E há artistas que utilizam como eles viram...

Entrevistada- E há artistas que utilizam a fotografia de outras formas para fazer arte também, portanto lembrei-me agora deste exemplo. E depois tens esta esta situação que vem um bocadinho a partir de ti, não é, tu tocas um instrumento e lhes falaste deste instrumento e que isso também deu o mote para uma pequena atividade na sala sobre os instrumentos musicais, que fizeste depois uma atividade sobre isso em que pediste o apoio da nossa professora de música, conseguiste uma visita à Banda da Força Aérea. Portanto, isto vai ser mais uma experiência que eles vão ter, muito rica, e que se calhar eles nem têm acesso de outra forma, se calhar ver uma banda filarmónica...

Entrevistadora- A eles não lhes diz nada e agora, se calhar já vai passar a chamar a atenção...

Entrevistada- Exatamente neste momento já terão umas luzes, porque, entretanto, já falaste do que é que é uma banda, mostraste fotografias e tudo mais e não é uma coisa que facilmente eles tenham acesso a menos que tenham alguém que toque, ou alguém que também frequente uma banda filarmónica, não é uma coisa que uma criança tenha um acesso assim... temos, por exemplo, a Inês que toca piano nós sabemos que ela tem essa atividade fora da escola, não me recordo de mais nenhuma criança que tenha uma atividade relacionada com música fora da escola, mas nem mesmo a Inês que há de estar se calhar mais familiarizada com música e com instrumentos terá esta percepção do que é uma banda filarmónica. É uma coisa que hoje em dia os miúdos não têm muito acesso, normalmente ouvem bandas filarmónicas, às vezes em festas em coisas desse género, em procissões...

Entrevistadora- Mais nas aldeias, nas vilas...

Entrevistada- Sim, mais nas aldeias, nas vilas mais pequenas, estes miúdos são miúdos de cidade não têm muito acesso a essas coisas e terem esta possibilidade de irem ver uma banda de verdade, puderem estar, ver os instrumentos, eventualmente não sei qual vai ser a abertura da força aérea, mas eventualmente até tocar nos instrumentos, estar de perto e experimentar é uma coisa que nem todos terão o mesmo acesso, e até mesmo noutras práticas culturais nem todos têm o mesmo acesso, se calhar nem todas as famílias também têm o mesmo interesse para explorar...

Entrevistadora- Agora se calhar com interesse deles com esta aprendizagem deles possa surgir...

Entrevistada- Talvez isto surja e dê mote para outras coisas, mas não é uma coisa que os miúdos tenham muito acesso a bandas filarmónicas e é um conhecimento que a escola vai possibilitar lhes, não é, e que também é muito importante nós podermos e a escola também fazer esse papel de abrir este leque e dar-lhes outras possibilidades. E agora, voltando um bocadinho às fotografias, lembrei-me agora hoje a Nazaré, que é uma miúda que muito calada e muito na dela, traz uma máquina fotográfica, e está super entusiasmada ela faz

parte do projeto e está super entusiasmada de ir explicar aos outros o que é. E hoje lembrou-se de trazer a máquina dela de casa e está super contente com a máquina que ainda por cima imprime logo as fotografias, portanto, eles já imprimiram uma série de fotografias entre eles, tiram uma fotografia e tiram logo o papel. É super interessante ver isto, que a Nazaré nunca ia lembrar-se provavelmente de trazer aquela máquina e hoje trouxe e certamente vem no seguimento deste entusiasmo que nós vemos nela, que ela evidencia por estes dias em relação ao projeto e que trouxe esta vontade de querer partilhar uma máquina que recebeu no Natal com os outros.

Entrevistadora- Pronto, então, se não se recorda de mais nada, obrigada pela disponibilidade.

Transcrição da entrevista à auxiliar de ação educativa

Blocos de Informação	Objetivos específicos	Formulação de questões	Observações
H. Legitimação da entrevista e motivação do/a entrevistado/a	<ul style="list-style-type: none"> • Legitimar a entrevista; • Motivar o/a entrevistado/a. 	<ul style="list-style-type: none"> - Esta entrevista tem como objetivo a obtenção de informação para a realização do relatório da PPS II, intitulada <i>“O que se traz de casa”</i>: as práticas culturais familiares numa sala de jardim de infância. - O seu caráter é confidencial e o anonimato dos dados é garantido. - Pedir autorização para gravar áudio; - Informar devolução das transcrições. 	
I. Definição do perfil do/a entrevistado/a	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer o percurso profissional da educadora e auxiliar 	<p>B1. Qual a sua formação? 12.º ano</p> <p>B2. Há quanto tempo exerce funções como educadora de infância/auxiliar de ação educativa? Há 9 anos.</p> <p>B3. Há quanto tempo exerce funções na organização socioeducativa? Há 9 anos.</p>	
J. Concepções sobre práticas culturais familiares	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer as concepções sobre práticas culturais familiares 	<p>C1. Como caracteriza as práticas culturais das crianças promovidas pelas suas famílias? As práticas culturais promovidas pelas famílias podem ser caracterizadas como um conjunto de tradições, valores e atividades que são transmitidos de geração em geração. Isto inclui celebrações, rituais, culinária, música, danças e costumes que refletem a sua identidade e história.</p> <p>C2. Que relevância têm essas experiências para as crianças? Estas experiências têm uma relevância significativa em diversos aspetos: ajuda na formação da identidade, permitindo que as</p>	

		crianças compreendam as suas raízes e história da família, promover o desenvolvimento de habilidades sociais, porque as crianças aprendem a interagir e se relacionar com os membros da família e da comunidade. Estas práticas também incentivam a transmissão de valores contribuindo para a formação do caráter e moral das crianças.	
K. Concepções sobre o papel das famílias na promoção de práticas culturais	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer as concepções sobre o papel das famílias na promoção de práticas culturais às crianças 	<p>D1. Na sua opinião, qual o impacto das atividades culturais vivenciadas pelas crianças com as suas famílias?</p> <p>As atividades têm um impacto de vivenciar sentimentos de pertença e segurança, o que é fundamental para o bem-estar emocional das crianças.</p> <p>D2. Considera importante a partilha das vivências culturais das crianças? Como promove essas partilhas?</p> <p>Estas experiências culturais estimulam a criatividade e curiosidade ao expor as crianças a diferentes formas de expressão artística e modos de vida. São essenciais para o desenvolvimento das crianças ajudando-os a tornarem-se indivíduos mais conscientes e conectados com a sua cultura. Promovemos ao convidarmos as famílias a virem à sala sempre que assim o entenderem.</p>	
E. Percepção sobre as partilhas de vivências culturais entre crianças	<ul style="list-style-type: none"> • Compreender a relevância das partilhas de vivências culturais entre as crianças no contexto educativo 	<p>E1. Como ocorrem as partilhas das crianças relativamente às suas experiências culturais? Promove a partilha dessas vivências? Como?</p> <p>As partilhas das crianças ocorrem em ambientes familiares escolares e comunitários. Dentro da família, as crianças partilham as suas vivências durante conversas informais, celebrações ou ao participar em atividades culturais como cozinhar pratos típicos ou contar histórias sobre tradições familiares. Estas interações ajudam a reforçar a importância das práticas culturais e a criar num espaço seguro para a expressão das suas identidades.</p>	

		<p>E2. Considera importante que existam estas partilhas entre as crianças? Que impacto têm essas partilhas na dinâmica do grupo?</p> <p>Na escola, as crianças têm oportunidade de partilhar as suas experiências culturais através de projetos, apresentações e atividades em grupo. Isso promove não apenas a troca de vivências entre as crianças, mas também enriquece o ambiente escolar permitindo que as crianças aprendam sobre a diversidade cultural e desenvolvam empatia e respeito pelas vivências. Por último os eventos comunitários como festas ou feiras, também são espaços onde as crianças podem partilhar as suas tradições e aprender com as experiências de outras famílias.</p>	
<p>F. Perceção das práticas adotadas pela equipa educativa, consoante as partilhas das vivências culturais das crianças</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Compreender como a partilha das vivências culturais das crianças influenciam as práticas da equipa educativa. 	<p>F1. De que forma as experiências culturais partilhadas pelas crianças contribuem para informar as práticas educativas?</p> <p>Estas são algumas formas de contribuição para este processo: valorização da diversidade, relevância do conteúdo, desenvolvimento de competências sociais, enriquecimento do ambiente de aprendizagem, promoção de identidade e autoestima e fomentação da criatividade.</p> <p>F2. Pode dar exemplo de momentos em que essas vivências influenciaram a sua prática educativa e pedagógica?</p> <p>Em suma, estas experiências enriquecem o ambiente educativo, e também as práticas pedagógicas promovendo uma educação mais inclusiva e centrada na criança, por exemplo, nos projetos, nas celebrações e encontros com as famílias, nas atividades artísticas e no contar histórias.</p>	

Conclusão da entrevista	<ul style="list-style-type: none"> • Finalizar a entrevista 	<ul style="list-style-type: none"> -De momento, recorda-se de algo mais que considere ser pertinente em relação aos aspetos abordados? - Obrigada pela sua disponibilidade 	<ul style="list-style-type: none"> - Confirmar se existe algo mais a acrescentar - Agradecer a disponibilidade
--------------------------------	--	--	--

ANEXO M- TRANSCRIÇÃO DAS
ENTREVISTAS ÀS CRIANÇAS

| | ' ' | | ' ' |

Transcrição da entrevista ao Bernardo

Entrevistadora- Então Bernardo, esta conversa que nós vamos ter chama-se uma entrevista.

Criança- O que é entrevista?

Entrevistadora- É uma conversa que nós vamos ter os dois. Vamos conversar para eu escrever um texto para a minha escola pode ser? Lembras-te quando a Cláudia disse que eu agora vou-me embora e depois vou escrever umas coisas para os meus professores e eu precisava desta conversa, queres fazer comigo?

Criança- Quero.

Entrevistadora- Como te chamas?

Criança- Bernardo.

Entrevistadora- Quantos anos tens?

Criança- Quatro.

Entrevistadora- O que costumavas fazer ao fim de semana e nas férias com a tua família, com a mãe e com o pai?

Criança- Ir para a piscina dar mergulhos com o meu pai de cabeça para baixo.

Entrevistadora- E mais? Costumas ir passear?

Criança- Sim, mas alguns dias fico em casa a caçar os outros animais que ainda estão vivos.

Entrevistadora- E gostas de visitar a outros lugares, por exemplo, ir ao museu, ir ao teatro, ir ao cinema, ver exposições de arte, viajar com a família, gostas de fazer isso?

Criança- Sim.

Entrevistadora- Porquê?

Criança- Porque a minha mãe diz que vamos a um sítio, ao Forum ou ao Alegro.

Entrevistadora- Sim, mas costumavas ir a museus?

Criança- Sim.

Entrevistadora- E ao teatro?

Criança- Ao teatro?

Entrevistadora- Sim costumava ir ao teatro com a mãe e com o pai ver espetáculos?

Criança- Sim, às vezes só um bocadinho. Ver espetáculos com a minha mãe é muito giro.

Entrevistadora- E tu gostas de ir com os pais?

Criança- Gosto.

Entrevistadora- E porque é que tu gostas?

Criança- Porque a minha mãe está lá.

Entrevistadora- E olha costumava ir com quem?

Criança- Com o meu pai, com a minha mãe e com a minha avó.

Entrevistadora- E quem é que escolhe ir e esses sítios?

Criança- A esses sítios?

Entrevistadora- Quem é que escolhe ir lá? Às exposições, ao teatro, ao cinema...

Criança- O avô que está muito tempo sentado no sofá e está muito ocupado.

Entrevistadora- Mas quando tu vais ao museu quem é que escolhe ir ao museu ou ao teatro? Quem é que diz assim “Olha, hoje vamos ao teatro” quem é?

Criança- A minha mãe e o meu pai.

Entrevistadora- Alguma vez disseste que querias ir a algum lado?

Criança- Disse, mas a minha mãe diz que só podemos ir para o Alegro ou para o Forum.

Entrevistadora- E tu disseste que querias ir onde?

Criança- Para o Alegro.

Entrevistadora-Ok, costumam fazer os registos? Lembras-te quando nós aqui na escola tiramos as fotografias... a tua família, a mãe e o pai costumam fazer os registos dessas visitas, dessas atividades?

Criança- Sim, mas às vezes a minha mãe e o meu pai esquecem-se.

Entrevistadora- E como é que é? Como é que eles fazem?

Criança- Escrevem com canetas de feltro...

Entrevistadora- E o que é que eles metem lá mais? Eles escrevem e metem lá mais alguma coisa?

Criança- Sim brilhantes.

Entrevistadora- Brilhantes, e mais?

Criança- Também põem às vezes tinta, caneta, lápis...

Entrevistadora- E gostas de guardar essas memórias?

Criança- Sim.

Entrevistadora- Porquê?

Criança- Porque a minha mãe e o meu pai têm paciência para fazer os trabalhos...

Entrevistadora- E quando tu vais assim aos sítios e os pais tiram fotografias e escrevem esses registos que tu foste lá aos sítios, tu gostas de ter essas memórias?

Criança- Sim, só um bocadinho porque a mãe diz que estamos muito atrasados.

Entrevistadora- Gostas de falar e mostrar as tuas fotografias das tuas visitas aos amigos da nossa sala e à Cláudia, à Drica e à Mariana.

Criança- Sim.

Entrevistadora- Porque é que gostas?

Criança-Porque amanhã tenho de montar o forte na minha casa.

Entrevistadora- Ok, mas olha quando tu vais passear, quando tu vais ao museu ou ao teatro, ou o cinema tu costumavas trazer as fotografias, não costumavas?

Criança- Às vezes a minha mãe esquece-se

Entrevistadora- Mas tu costumavas trazer para mostrar os amigos, não é? E tu gostas de fazer isso.

Criança- Sim, mas a minha mãe vai todos os dias para o Forum e o Forum tem um cinema.

Entrevistadora- Olha, queres dizer mais alguma coisa sobre esta conversa? Sobre irmos aos museus, aos teatros e às exposições com a nossa família? Queres dizer mais alguma coisa.

Criança- Sim.

Entrevistadora- Então?

Criança- Todo mundo está cheio de lojas.

Entrevistadora- Mais alguma coisa?

Criança- Não.

Entrevistadora- Obrigada Bernardo.

Transcrição da entrevista ao Egas

Entrevistadora- Então Egas, estou a fazer um trabalho para a escola e tenho que ter uma conversa com alguns amigos, tu queres ter essa conversa comigo?

Criança- Sim.

Entrevistadora- Então, como é que te chamas?

Criança- Egas.

Entrevistadora- Tens quantos anos?

Criança- Quatro.

Entrevistadora- O que costumavas fazer ao fim de semana e nas férias com a tua família?

Criança- Nas férias costumo ir dar um passeio de barco e no fim de semana vou à casa dos avós comer o almoço.

Entrevistadora- Ok e fazes mais alguma coisa ao fim de semana, fazes mais coisas?

Criança- Não.

Entrevistadora- E gostas de visitar a outros lugares, por exemplo, museus, teatros, cinemas, exposições, viajar com a família, gostas?

Criança- Sim.

Entrevistadora- Porquê?

Criança- Porque é giro.

Entrevistadora- E mais?

Criança- Não sei.

Entrevistadora- E costumavas ir com quem esses sítios?

Criança- Com o pai e a mãe.

Entrevistadora- E quem é que escolhe ir a esses sítios?

Criança- O pai.

Entrevistadora- E lembras-te de algum sítio que tu tenhas dito que querias ir visitar? Que tu disseste assim “olha pai eu gostava de ir ali”.

Criança- Eu só digo ao pai e à mãe que quero aquele brinquedo, ou outro brinquedo...

Entrevistadora- E olha costumavas fazer os registos, escrever e tirar fotografias de quando vais a esses sítios?

Criança- Sim, e também costumo fazer os trabalhos.

Entrevistadora- E como é que fazem esses registos? Como é que o pai e a mãe fazem esses registos sobre ir a esses sítios?

Criança- O pai e a mãe escrevem uma coisa e eu copio no papel.

Entrevistadora- E gostas de guardar essas memórias de ires a esses sítios visitar os museus, os teatros, gostas?

Criança- Sim.

Entrevistadora- Porquê?

Criança- Porque é muito giro.

Entrevistadora- E gostas de falar e mostrar aos teus amigos, à Cláudia e à Drica esses registos?

Criança- Gosto.

Entrevistadora- Porquê?

Criança- Porque é giro.

Entrevistadora- Assim quando vais aos outros sítios gostas de trazer para os amigos verem?

Criança- Sim, mas ainda não tenho nenhum, ainda não fui a nenhum sítio que dá para fazer registos.

Entrevistadora- Olha gostavas de dizer mais alguma coisa?

Criança- Não.

Entrevistadora- Obrigada Egas, por me ajudares nesta conversa

Transcrição da entrevista à Laura

Entrevistadora- Lembras-te que a Cláudia disse que eu agora, quando me for embora, vou para a minha escola e vou ter de fazer um trabalho, não é? E eu precisava de ter uma conversa com alguns meninos, tu queres ajudar-me nessa conversa?

Criança- Sim.

Entrevistadora- Então, como é que te chamas?

Criança- Laura.

Entrevistadora- Tens quantos anos?

Criança- Cinco.

Entrevistadora- O que costumavas fazer ao fim de semana e nas férias com a tua família?

Criança- Muitas coisas.

Entrevistadora- Mas costumavas fazer o quê?

Criança- Ir ao parque, ficar em casa a brincar...

Entrevistadora- E mais? Ficas só em casa ou vais a outros sítios?

Criança- Vou ao centro comercial passar o dia. E nas férias, no Natal fico em casa, mas posso ir para a varanda.

Entrevistadora- E nas outras férias, nas férias grandes costumavas ir passear?

Criança- Vou ao hotel e passo férias em casa.

Entrevistadora- E gostas de visitar lugares como, por exemplo, museus, exposições, cinema, teatro, gostas?

Criança- Sim.

Entrevistadora- E gosta de fazer essas coisas com a tua família?

Criança- Sim.

Entrevistadora- E porquê que gostas de visitar esses sítios com a tua família?

Criança- Porque os pais acham que é bom eu visitar sítios novos.

Entrevistadora- E costumavas ir com quem?

Criança- Com o meu mano, o meu papá e a mamã.

Entrevistadora- Ok, e quem é que escolhe ir a esses sítios?

Criança- O papá e a mamã.

Entrevistadora- E lembrás-te assim de alguma vez tu teres dito que querias muito ir a um sítio desses?

Criança- Disse aos pais que queria muito ir a Londres.

Entrevistadora- Ah ok! Olha e costumás fazer os registos destes passeios, destas visitas que fazes com a tua família?

Criança- Sim.

Entrevistadora- Como é que são esses registos?

Criança- São as partilhas.

Entrevistadora- Sim, e como é que tu fazes?

Criança- A mamã imprime as fotografias e numa noite eu recortei para pôr à volta das fotografias, para comemorar o dia em que a mamã deixou de trabalhar tanto.

Entrevistadora- E gostas de guardar essas memórias?

Criança- Sim.

Entrevistadora- Porquê?

Criança- Porque, são importantes para mim, para o meu mano e para a minha família.

Entrevistadora- Boa e olha, gostas de falar e mostrar os registos das tuas visitas com a com aqui com os amigos da nossa sala, com a Cláudia e a Drica?

Criança- Sim.

Entrevistadora- Porquê?

Criança- Porque eu gosto de partilhar coisas.

Entrevistadora- Boa, olha há mais alguma coisa que queiras falar mais sobre isto das visitas que tu fazes com a tua família? Não, OK Olha, obrigada por me ajudar.

Criança- Não.

Entrevistadora- Obrigada Laura, por me ajudares.

Transcrição da entrevista ao Manuel

Entrevistadora- Então Manel, eu amanhã vou-me embora, não é? E a Cláudia disse que eu agora vou fazer um trabalho na minha escola, lembras-te? E esse trabalho, eu preciso da ajuda de alguns meninos, queres me ajudar a ter uma conversa rápida?

Criança- Sim.

Entrevistadora- Então, vou fazer umas perguntinhas e preciso que me ajudes a responder. Como é que te chamas?

Criança- Manuel B.

Entrevistadora- Tens quantos anos?

Criança- Quatro.

Entrevistadora- O que costumavas fazer ao fim de semana e nas férias com a tua família?

Criança- Vou de avião e vou para a casa do Tó e depois vou para a minha casa comer o lanche.

Entrevistadora- E fazes mais o quê no fim de semana? Vais assim alguns sítios?

Criança- Sim.

Entrevistadora- Onde?

Criança- Vou ao Colombo, e hoje...

Entrevistadora- Aos fins de semana, nos dias em que estás em casa fazes o quê?

Criança- Ver televisão, também vou visitar os meus primos e também às vezes vou brincar com os bonecos elásticos.

Entrevistadora- Ok, olha e gostas de ir visitar museus, teatros, cinemas, exposições e de viajar com a tua família?

Criança- Só gosto de uma coisa, ir à exposição dos dinossauros.

Entrevistadora- Mas gostas de ir a esses sítios?

Criança- Sim.

Entrevistadora- Porquê?

Criança- Por causa que tem lá estátuas de dinossauros.

Entrevistadora- E costumavas e com quem a esses sítios?

Criança- Com a mãe e com o avô Tó e também com a avó e também com a avó velhinha.

Entrevistadora- E quem é que decide ir a esses sítios?

Criança- Fui eu.

Entrevistadora- És tu que escolhes, queres ir àqueles sítios?

Criança- Sim, ou o meu mano.

Entrevistadora- E os teus pais?

Criança- Os meus pais decidem onde nós vamos quando eles querem.

Entrevistadora- E lembras-te de algum sítio que tu tenhas dito que gostasses muito de ir?

Criança- Sim.

Entrevistadora- Onde?

Criança- Hoje o que eu faço depois da escola?

Entrevistadora- Não, ir visitar algum museu, teatro, cinema, exposição. Lembras-te de algum dia teres escolhido ir a esses sítios?

Criança- Sim, só foi um sítio.

Entrevistadora- E escolheste ir onde?

Criança- Escolhi ir ao museu dos dinossauros.

Entrevistadora- E costumavas fazer os registos desses sítios?

Criança- Não.

Entrevistadora- Os registos que são aqueles que trazes para mostrar aos amigos, que tem fotografias e a mãe escreve coisas, costumam fazer isso?

Criança- Sim.

Entrevistadora- E como são esses registos?

Criança- Nós temos fotografias e pomos. E também tiramos fotografias aos dinossauros para os amigos verem.

Entrevistadora- Ok, boa e gostas de guardar estas memórias?

Criança- Sim.

Entrevistadora- Porquê?

Criança- Por causa que o Vasco gosta muito.

Entrevistadora- E gostas de falar e mostrar esses registos aqui na escola, aos teus amigos, à Cláudia e à Drica?

Criança- Sim.

Entrevistadora- Gostas, porquê?

Criança- Por causa que gosto muito de dinossauros.

Entrevistadora- Sim e outras coisas, também gostas de falar e mostrar as tuas visitas que fazes com os teus pais?

Criança- Sim, eu gosto de fazer visitas de carro e vou andar de bicicleta.

Entrevistadora- Há alguma coisa mais que queiras dizer sobre as visitas que fazes com a tua família?

Criança- Sim, ontem uma prima foi lá à minha casa e depois comeu lá comigo.

Entrevistadora- Boa, mais alguma coisa?

Criança- Sim, e ontem eu fui jantar com os meus avós todos.

Entrevistadora- Está tudo?

Criança- Não, vou dizer o que vou fazer hoje. Hoje vai uma prima lá a casa, porque a mãe tem uma reunião.

Entrevistadora- Mais alguma coisa que queiras dizer?

Criança- Não.

Entrevistadora- Obrigada Manel, por me ajudares.

Transcrição da entrevista à Maria do Carmo

Entrevistadora- Então Carminho, lembras-te quando disse que eu na minha escola vou ter de fazer um trabalho para os meus professores? Eu vou precisar de ter uma conversa com alguns amigos, queres me ajudar e ter essa conversa?

Criança- Sim.

Entrevistadora- Como é que te chamas?

Criança- Carminho.

Entrevistadora- Tens quantos anos?

Criança- Cinco.

Entrevistadora- O que costumavas fazer ao fim de semana e nas férias com a tua família?

Criança- Não sei...

Entrevistadora- Costumas ir a algum sítio? Costumas ir passear? O que costumavas fazer?

Criança- No Natal janto com as pessoas à noite. Fico acordada muito tempo.

Entrevistadora- Sim, e nos outros dias do fim de semana ou das férias, costumavas fazer alguma coisa, ir passear...

Criança- Quando eu fui a Viseu, fui à casa dos meus avós.

Entrevistadora- Olha gostas de visitar lugares como museus, teatros, exposições, cinemas...

Criança- E discoteca.

Entrevistadora- Gostas?

Criança- Sim.

Entrevistadora- Porquê?

Criança- Por causa que é muito alto.

Entrevistadora- E museus e teatros? Gostas de ir lá?

Criança- Sim.

Entrevistadora- Porquê?

Criança- Porque tem muitas pessoas.

Entrevistadora- E costumavas ir com quem a esses sítios?

Criança- Com o pai, a mãe, o mano. Só que há um que eu já fui e não levei o mano porque o mano não podia.

Entrevistadora- Ok, e quem é que decide quando vão a esses sítios?

Criança- Às vezes a mãe e outras vezes o pai.

Entrevistadora- E lembras-te de alguma vez que tenhas dito que querias ir a um sítio e depois foram?

Criança- Não.

Entrevistadora- Costumas fazer os registos das atividades que fazes em famílias? Dos sítios que tu visitas?

Criança- Não os meus pais assinam.

Entrevistadora- Os teus pais é que fazem?

Criança- Sim.

Entrevistadora- E como é que são esses registos?

Criança- Não sei...

Entrevistadora- Aqueles que tu trazas para a escola, são como? O que é que eles têm?

Criança- Fotografias.

Entrevistadora- Só fotografias?

Criança- A minha mãe escreve para as professoras saberem onde é que eu fui, porque eu posso não lembrar-me e depois não consigo explicar.

Entrevistadora- E gostas de guardar essas memórias?

Criança- Sim, só que às vezes eu esqueço-me.

Entrevistadora- E porque é que gostas de guardar essas memórias?

Criança- Para quando alguma pessoa perguntar onde é que eu fui eu não esqueço.

Entrevistadora- E gostas de mostrar e falar sobre os registos das tuas visitas aos amigos, à Cláudia e à Drica?

Criança- Sim.

Entrevistadora- Porquê?

Criança- Por causa que eu gosto de falar.

Entrevistadora- Boa, olha, há mais alguma coisa que queiras dizer sobre esta conversa, sobre as visitas e os passeios?

Criança- Não.

Entrevistadora- Ok, obrigada.

Transcrição da entrevista à Nazaré

Entrevistadora- Então Nazaré, lembras-te que eu disse que na sexta-feira é o último dia cá na escola, depois vou para a minha escola e tenho de fazer um trabalho? Neste trabalho preciso de conversar com alguns meninos, tu queres me ajudar nessa conversa?

Criança- Sim.

Entrevistadora- Obrigada Nazaré, então como é que te chamas?

Criança- Nazaré.

Entrevistadora- Tens quantos anos?

Criança- Cinco.

Entrevistadora- O que costumavas fazer ao fim de semana e nas férias com a tua família, costumavas fazer o quê?

Criança- Às vezes eu vou ao supermercado e depois vou ver os aviões a aterrar e a voar.

Entrevistadora- Ah, e vais assim, mais algum sítio passear?

Criança- Não.

Entrevistadora- Ao fim de semana não costumavas ir assim a alguns sítios?

Criança- Sim.

Entrevistadora- Costumas ir onde comas tua família?

Criança- Às vezes eu vou comer sushi também e depois vou para casa.

Entrevistadora- Olha e gostas de visitar lugares como, por exemplo, museus, teatros, cinemas, exposições e viajar com a tua família?

Criança- Sim.

Entrevistadora- Porque é que gostas de fazer isso? E ir a esses sítios todos?

Criança- Porque... Eu não sei...

Entrevistadora- Já foste ao museu com a tua família? Com a mãe, o pai e o mano? Já foste?

Criança- Sim.

Entrevistadora- E gostaste de ir lá?

Criança- Sim.

Entrevistadora- Porque é que gostaste de ir lá?

Criança- Porque, nas férias eu fui ao parque a Barcelona. Quando eu estava a sair de Barcelona eu vi uns quadros... ai já não me lembro.

Entrevistadora- Mas gostaste de ir a Barcelona, não foi? Fizeste uma viagem!

Criança- E também fui ao parque que tem piscina.

Entrevistadora- Mas gostaste de ir a Barcelona?

Criança- Sim.

Entrevistadora- Porque é que gostaste de ir fazer essa viagem com a tua família?

Criança- É porque não tinha cozinha e eu tinha de ir jantar a um sítio.

Entrevistadora- E costumavas ir com quem a esses sítios, aos museus, às exposições, ao cinema...

Criança- Com o pai e com mamã e com o meu mano.

Entrevistadora- E quem é que escolhe ir a esses sítios?

Criança- A mamã e o papá

Entrevistadora- E, lembras-te de algum dia teres dito que tu querias ir a um sítio, ser tu a escolher?

Criança- Sim, eu me lembro de ir a dois sítios.

Entrevistadora- E foste tu que escolheste?

Criança- Sim, fui.

Entrevistadora- E foste onde?

Criança- Eu fui à terra da Frida Kahlo e...

Entrevistadora- Já não te lembras? Não faz mal.

Criança- Não só à terra da Frida Kahlo e eu fui ver um dia a casa da Frida Kahlo.

Entrevistadora- E costumavas fazer os registos desses sítios com a tua família?

Criança- Sim.

Entrevistadora- E como é que são esses registos que tu fazes? O que é que aparece lá? Quem é que faz esses registos, és tu ou são pais ou são os dois?

Criança- São os pais e eu e o meu mano.

Entrevistadora- E, como é que vocês fazem esses registos? O que é que metem lá?

Criança- Fotografias. E um dia eu fui a Barcelona e ao parque na piscina e a minha mamã fez um mapa e depois colou onde está Barcelona e o parque.

Entrevistadora- E gostas de guardar essas memórias?

Criança- Sim.

Entrevistadora- Porque é que gostas de guardar essas memórias?

Criança- É para depois os meus pais verem.

Entrevistadora- E gostas de falar e mostrar esses registos aqui na sala, aos amigos, à Cláudia e à Drica?

Criança- Sim.

Entrevistadora- Porque é que gostas de mostrar isso?

Criança- Porque eu gosto de escrever aqui o nome.

Entrevistadora- Porque gostas de escrever o nome no mapa do quero contar, mostrar ou escrever, ok. Mas tu trazes isso para os teus amigos a Cláudia e a Drica verem, não é? E porque é que tu gostas de fazer isso?

Criança- Não sei...

Entrevistadora- Ok, não faz mal. Olha, e há alguma coisa que queiras me contar mais sobre ir visitar os sítios com a família?

Criança- Sim.

Entrevistadora- Então, queres contar mais o quê?

Criança- Eu fui...

Entrevistadora- Não te lembras... queres terminar a conversa?

Criança- Sim.

Entrevistadora- Está bem, não faz mal. Obrigada, Nazaré.

Transcrição da entrevista ao Tomás

Entrevistadora- Tomás, lembras-te que eu disse que agora ia embora para a minha escola e que tinha de fazer um trabalho. Eu preciso muito da ajuda de alguns amigos para ter uma conversa, queres ter essa conversa comigo?

Criança- Sim.

Entrevistadora- Obrigada, então vou fazer umas perguntas. Como é que te chamas?

Criança- Tomás.

Entrevistadora- Tens quantos anos?

Criança- Cinco.

Entrevistadora- O que costumavas fazer ao fim de semana e nas férias com a tua família?

Criança- Às vezes vou para o Algarve e às vezes eu vou e fico em casa.

Entrevistadora- E fazes mais alguma coisa?

Criança- E às vezes também vou para a casa dos avós.

Entrevistadora- E gostas de visitar lugares como por exemplo, museus, exposições, cinema, teatro, gostas de ir a sítios? Com a tua família?

Criança- Sim.

Entrevistadora- Porque é que tu gostas?

Criança- Eu gosto mais do cinema para comer pipocas.

Entrevistadora- E olha tu gostas de ir a esses sítios porquê?

Criança- Eu gosto de cinema porque tem pipocas...

Entrevistadora- E museus?

Criança- Porque tem coisas interessantes.

Entrevistadora- E de viajar com a tua família gostas?

Criança- Sim.

Entrevistadora- Porquê?

Criança- Porque eu posso ver as coisas lá em baixo.

Entrevistadora- E exposições vais com a tua família?

Criança- Sim.

Entrevistadora- E gostas?

Criança- Nunca fui. Com a minha família nunca.

Entrevistadora- E quem decide quando vocês vão assim a esses sítios?

Criança- No primeiro dia quando fui de avião foi quando fomos festejar os meus anos.

Entrevistadora- E quem é que escolhe ir a esses sítios?

Criança- A minha mãe.

Entrevistadora- Okay, são os pais que escolhem...

Criança- Sim.

Entrevistadora- E lembras-te assim, de algum dia que tu tenhas dito ao pai e à mãe que gostavas muito de ir a um sítio?

Criança- Sim, já disse “bué” vezes para ir viajar de avião.

Entrevistadora- Ok, boa. E costumavas fazer os registos quando vais assim aos sítios...

Criança- O que é que são registos?

Entrevistadora- Quando os amigos trazem para mostrar na reunião da manhã. Tu costumavas fazer com a tua família?

Criança- Não.

Entrevistadora- Quando foste a Roma fizeste. Aquilo que tu fizeste era um registo, com as fotografias. Costumas fazer quando vais aos sítios?

Criança- Sim.

Entrevistadora- E como é que são esses registos? O que é que o pai e a mãe metem lá?

Criança- Metem só fotografias.

Entrevistadora- E quando tu trazes esses registos, gostas de falar e de mostrar aos amigos à Cláudia e à Drica?

Criança- Sim.

Entrevistadora- Porquê?

Criança- Porque eu gosto que ou outros “sabem”.

Entrevistadora- E gostas de guardar essas memórias?

Criança- Sim.

Entrevistadora- Porquê?

Criança- Para sempre me lembrar.

Entrevistadora- Há mais alguma coisa que queiras falar sobre as visitas que tu fazes com a tua família?

Criança- Não.

Entrevistadora- Ok, obrigada Tomás.

Criança- De nada.

ANEXO N- ANÁLISE
CATEGORIAL DAS NOTAS DE
CAMPO

| | " | | " |

Tema	Categoria	Subcategoria	Unidade de Análise	Unidades de registo
Práticas culturais familiares	Tipos de experiências	Museus	<ul style="list-style-type: none"> - “o Egas afirmou que tinha combinado com a mãe ir ao museu dos planetas” - “o Manuel respondeu que tinha ido ao museu ver dinossauros” - “ao Museu de história natural, onde viu animais extintos.” - “porque foi ao museu da água” - “da sua visita ao museu Bansky.” - “o Egas partilhou que num dia tinha ido ao castelo de Almourol” 	6
		Viagens por Portugal	<ul style="list-style-type: none"> - “A Maria Inês quis partilhar que trouxe bolotas e pinhões para mostrar às crianças, quando questionada sobre onde as apanhou a Maria Inês disse “Não foi em Lisboa, foi no Cabeção”” - “o Tomás também disse que esteve na casa das férias” - “no fim de semana foi a Viseu” 	3
		Viagens a outros países	<ul style="list-style-type: none"> - “a Laura mostrou-nos e falou-nos das fotografias da sua viagem a Londres” - “falar sobre a sua viagem à República Dominicana que fez com os pais, o irmão e os avós.” - “disse que tinha estado de férias com os pais em Praga e disse “Eu fui de Lisboa para Praga” - “o postal da sua viagem a Viena” 	7

		<ul style="list-style-type: none"> - “que trouxe da sua viagem a Roma.” - “visitou Veneza e os tios que moram em Verona.” - “a Maria Rita partilhou com o grupo que iria apanhar um avião para viajar 3 dias.” 	
	Espetáculos	<ul style="list-style-type: none"> - “O Bernardo decidiu partilhar que tinha ido ao circo com a família” - “Manuel tinha ido ver o espetáculo de ballet das suas primas.” - “espetáculo “Merry Poppyns: Christmas” e disse que foi com os pais.” - “Francisca que partilhou fotografias suas e explicou que estava no ballet, no seu espetáculo de Natal.” - “o Eduardo explicou que foi ao circo” - “também viu o espetáculo “Panda e os Caricas”” - “a Maria Rita partilhou que nas férias foi ver o espetáculo “Panda e os Caricas”” - “o Matias partilhou que foi a um espetáculo no fim de semana.” - “O Martim também referiu que foi a um espetáculo com os pais e os irmãos.” 	9
	Eventos desportivos	<ul style="list-style-type: none"> - “tinha ido com o pai e o avô ver o jogo do Sporting ao estádio” 	1
	Eventos socioculturais	<ul style="list-style-type: none"> - “a Carmo mostrou imagens suas numa feira medieval e explicou o que tinha feito e o que tinha visto” - “o Manuel também referiu que tinha andado de cavalo.” - “ele vai passear a Carcavelos à praia e vai a uma pizzeria” 	5

			<ul style="list-style-type: none"> - “foi ver as luzes de Natal com a família.” - “andou de carrinhos de choque” 	
		Visitas a espaços verdes	<ul style="list-style-type: none"> - “explicou que tinha apanhado num jardim.” - “elementos naturais que tinha trazido de uma visita que fez no fim de semana.” - “tinha apanhado no parque” - “no fim de semana tinha ido ao parque das bicicletas” - “foi aos Piscos onde viu dois lagos, areia e brincou com paus” - “A Maria Rita partilhou que tinha ido ao parque com a mãe” 	6
		Festividades	<ul style="list-style-type: none"> - “a Laura partilhou que montou a árvore de Natal no fim de semana” - “Depois, o Egas partilhou que fez bolachas de Natal com a mãe” - “o Egas mostrou a fotografia da sua árvore de Natal onde estava com o seu irmão e disse que também já a tinha montado.” - “explicou que tinha montado a árvore de Natal e também tinha construído uma casa de gengibre” - “a Maria do Carmo partilhou que no fim de semana foi à casa dos tios a uma festa.” 	5
Partilha das práticas culturais familiares	Tipos de partilhas	Registo em fotografias	<ul style="list-style-type: none"> - “trouxe fotografias para as crianças observarem e explicou o que viu e o que gostou mais” - “a Carmo mostrou imagens suas numa feira medieval” - “a Laura mostrou-nos e falou-nos das fotografias da sua viagem” 	10

		<ul style="list-style-type: none"> - “o Eduardo quis partilhar fotografias” - “e trouxe uma fotografia para as crianças verem.” - “a Maria Inês trouxe uma fotografia sua” - “a Francisca que partilhou fotografias suas” - “o Eduardo partilhou com o grupo uma fotografia sua” - “mostrou as fotografias que trouxe da sua viagem” - “o Eduardo quis partilhar e mostrou fotografias das suas férias.” 	
	Registo escrito	<ul style="list-style-type: none"> - “a educadora pôde ler ao grupo as informações que a Maria do Carmo trouxe” - “o Egas partilhou um desenho que fez para contar ao grupo” - “A Laura explicou e mostrou o registo que trouxe de casa da sua visita” 	3
	Partilha de objetos	<ul style="list-style-type: none"> - “o Manel que trouxe várias folhas e duas sementes” - “o Egas partilhou que tinha trazido um ninho” - “o Manuel mostrou um saco com elementos naturais” - “e mostrou também os bilhetes do mesmo” - “mostrar elementos naturais que tinha trazido de uma visita” - “a Laura trouxe bolachas inglesas” - “O Bernardo partilhou que trouxe um jornal” - “mostrou uma folha com um bilhete” - “trouxe um bilhete do espetáculo “Merry Poppyns: Christmas”” - “o Afonso mostrou ao grupo o postal da sua viagem a Viena” 	10

	Intenção após a partilha	Mostrar	- “disse que queria mostrar aos amigos” - “ A Maria Inês quis partilhar que trouxe bolotas e pinhões para mostrar às crianças”	2
		Procurar informações	- “o Manuel referiu que gostava de descobrir o que eram umas bagas que trouxe consigo” - “que referia que gostava de descobrir informações sobre Mozart.” - “a Laura partilhou a sua vontade em fazer um projeto sobre o artista, pois gostava de saber porque é que ele pinta nas paredes com latas.”	3
Práticas da equipa educativa face às partilhas culturais	Respostas da equipa educativa	Propostas emergentes	- “a auxiliar explica que cada um pode fazer o que quiser, uns podem pintar, outros podem colar, etc.”	1
		Questionamento e exploração	- “Após a partilha a educadora questionou o grupo se sabiam de qual árvore eram as folhas” - “a educadora o questionou sobre de que ave era o ninho” - “A educadora perguntou às crianças porque eram transportes públicos” - “Dessa forma, a educadora perguntou o que é que o Bernardo estava a mostrar”	4
		Incentivo à investigação	- “a educadora sugeriu que poderíamos descobrir de onde seriam as folhas.”	1
		Integração de elementos nas atividades	- “a educadora sugeriu que o Manuel podia partilhar com os amigos e decidirem o que querem fazer com os elementos da natureza” - “a educadora perguntou o que podíamos fazer com eles”	4

			- “A educadora questionou o Manuel sobre o que poderíamos fazer com as laranjas” - “a auxiliar interveio e deu a sugestão de fazer bolachas de laranja”	
		Valorização das partilhas	- “pelo que lhe disse que podia trazer fotografias para mostrar aos amigos.”	1

ANEXO 0- ANÁLISE
CATEGORIAL DAS
ENTREVISTAS À EQUIPA DE
SALA

|' '' | | ''

Tema	Categoria	Subcategoria	Unidade de Análise	Unidades de registro
Perfil das entrevistadas	Formação profissional	12.º ano	- “12.º ano” (AAE)	1
		Licenciatura	- “Tenho licenciatura em educação básica” (ED)	1
		Mestrado	- “e o mestrado em educação pré-escolar.” (ED)	1
	Experiência profissional	Tempo de serviço	- “Há 10 anos.” (ED) - “Há 9 anos.” (AAE)	2
		Tempo de serviço na OS	- “Há 1 e meio talvez, desde outubro de 2023.” (ED) - “Há 9 anos.” (AAE)	2
Práticas culturais familiares	Conceções sobre práticas culturais familiares	Definição de práticas culturais	- “São crianças que frequentam espaços culturais e que assistem a diversas atividades relacionadas com a cultura” (ED) - “As práticas culturais promovidas pelas famílias podem ser caracterizadas como um conjunto de tradições, valores e atividades que são transmitidos de geração em geração. Isto inclui celebrações, rituais, culinária, música, danças e costumes que refletem a sua identidade e história.” (AAE)	2
		Relevância das práticas culturais	- “é muito relevante, porque isso dá-lhes outra visão das coisas, traz às vezes muitas experiências e muitas aprendizagens que lhes são depois úteis também no dia a dia, nalgumas partilhas que eles fazem, nalgumas coisas que fazem em sala até do ponto de vista das artes no geral, mais especificamente que é se calhar	2

			<p>aquilo que está mais emergente na nossa sala relativamente à expressão plástica. Isso, às vezes nota-se, eles falam sobre isso, sobre coisas que viram e enriquece muito o restante grupo, porque essas partilhas depois muitas vezes permitem que se parta para outro tipo de aprendizagens.” (ED)</p> <p>- “Estas experiências têm uma relevância significativa em diversos aspetos: ajuda na formação da identidade, permitindo que as crianças compreendam as suas raízes e história da família, promover o desenvolvimento de habilidades sociais, porque as crianças aprendem a interagir e se relacionar com os membros da família e da comunidade. Estas práticas também incentivam a transmissão de valores contribuindo para a formação do carácter e moral das crianças.” (AAE)</p>	
	Papel das famílias na promoção de atividades culturais	Impacto das atividades culturais familiares experienciadas pelas crianças	<p>- “muitas das coisas que vêm de casa são ponto de partida para o trabalho que se faz aqui com eles na escola.” (ED)</p> <p>- “As atividades têm um impacto de vivenciar sentimentos de pertença e segurança, o que é fundamental para o bem-estar emocional das crianças.” (AAE)</p>	2
Partilha de vivências culturais entre crianças	Conceções sobre as partilhas das crianças	Contribuição para a socialização e inclusão	<p>- “Sim é muito importante, (...) porque isso dá realmente o mote para outras coisas...” (ED)</p> <p>- “Estas experiências culturais estimulam a criatividade e curiosidade ao expor as crianças a diferentes formas de expressão artística e modos de vida. São</p>	2

		essenciais para o desenvolvimento das crianças ajudando-os a tornarem-se indivíduos mais conscientes e conectados com a sua cultura.” (AAE)	
	Como ocorrem as partilhas das crianças	<p>- “Elas surgem naturalmente no nosso espaço de partilha da manhã, nas reuniões da manhã é muito frequente eles trazerem fotografias de sítios onde foram, propostas, panfletos de coisas e às vezes... não são todos, mas alguns que já têm essa forma nossa trabalhar e que já vem com a proposta, “Eu gostava de ir com os amigos” (...) a Carmo teve uma experiência em casa com uns amigos dos pais e trouxe essa ideia, ou a criança dessa família falou que tinha ido ao museu dinheiro, deve lhe ter explicado em casa mais ou menos o que é que o que é que se via lá, o que é que fazia e ela vinha com essa com essa sugestão de irmos também.” (ED)</p> <p>- “Normalmente, é sobretudo nestes momentos de reunião de grande grupo que eles partilham estas coisas ou porque trazem alguma coisa já feita, ou algum panfleto, ou alguma fotografia, ou porque falam sobre isso e depois isso dá o mote para.” (ED)</p> <p>- “As partilhas das crianças ocorrem em ambientes familiares escolares e comunitários. Dentro da família, as crianças partilham as suas vivências durante conversas informais, celebrações ou ao participar em atividades culturais como cozinhar pratos típicos ou contar histórias sobre tradições familiares.” (AAE)</p>	2

			- “Na escola, as crianças têm oportunidade de partilhar as suas experiências culturais através de projetos, apresentações e atividades em grupo. (...) Por último os eventos comunitários como festas ou feiras, também são espaços onde as crianças podem partilhar as suas tradições e aprender com as experiências de outras famílias.” (AAE)	
		Promoção das partilhas das crianças pela equipa educativa	- “Pronto, e vem um bocadinho assim, surge muito naturalmente nas brincadeiras, em coisas que eles vão dizendo durante o dia e que nós vamos ouvindo, é por aí.” (ED)	1
	Impacto das partilhas das crianças no grupo	Importância da partilha entre as crianças	- “Elas são muito importantes, porque isto ajuda-os também a terem consciência a dar-lhes abertura para os tipos de arte.” (ED) - “Isso promove não apenas a troca de vivências entre as crianças, mas também enriquece o ambiente escolar permitindo que as crianças aprendam sobre a diversidade cultural e desenvolvam empatia e respeito pelas vivências.” (AAE)	2
Influência das partilhas culturais das crianças nas práticas da equipa educativa	Práticas educativas da educadora e auxiliar de ação educativa	Contribuição das partilhas culturais das crianças	- “Nós aqui promovemos muito isso, como tu sabes, vamos a muitos sítios e tentamos sempre também até dar resposta a algumas coisas que vêm mesmo de casa.” (ED) - “Muitas destas partilhas depois dão o mote para nós visitarmos lugares que estão associados a estas coisas e permite-lhes terem contato com estes equipamentos	2

		<p>culturais, com outras formas de cultura, ajuda-os também a desenvolverem esta questão da fruição da obra de arte, de terem sentido crítico sobre ela.” (ED)</p> <p>- “Nós partimos sempre das experiências deles, dos interesses deles, portanto, muito do que é a nossa prática ao longo do dia vem daquilo que eles nos trazem. Portanto, seja nesta questão mais da cultura, de obras de arte, como de outras experiências ao nível das ciências, ao nível da linguagem, portanto, nós agarramos sempre qualquer coisa que vem de casa para seguirmos o trabalho e trabalhamos muito nesse sentido, tudo o que nós fazemos em sala vai muito a esse encontro.” (ED)</p> <p>- “valorização da diversidade, relevância do conteúdo, desenvolvimento de competências sociais, enriquecimento do ambiente de aprendizagem, promoção de identidade e autoestima e fomentação da criatividade.” (AAE)</p> <p>- “estas experiências enriquecem o ambiente educativo, e também as práticas pedagógicas promovendo uma educação mais inclusiva e centrada na criança, por exemplo, nos projetos, nas celebrações e encontros com as famílias, nas atividades artísticas e no contar histórias.” (AAE)</p>	
	Exemplos que influenciaram a prática pedagógica	- “Um exemplo, tu não estavas cá, foi o ano passado a Nazaré foi à casa de histórias Paula Rego, como nós fomos também este ano e gostou muito, interessou-se muito e daí surgiu uma pequena investigação sobre a artista, algumas obras que ela faz e isso é muito relevante” (ED)	1

			<p>- “a Carmo teve uma experiência em casa com uns amigos dos pais e trouxe essa ideia, ou a criança dessa família falou que tinha ido ao museu dinheiro, deve lhe ter explicado em casa mais ou menos o que é que o que é que se via lá, o que é que fazia e ela vinha com essa com essa sugestão de irmos também.” (ED)</p> <p>- “Esta questão dos barcos que está um bocadinho adiada porque, entretanto, houve o mau tempo veio do Egas e é um interesse que ele tinha, nós falámos um bocadinho sobre isso na sala e ele partilhou com o grupo gostava muito de ir com os amigos ver barcos.” (ED)</p>	
--	--	--	---	--

ANEXO P- ANÁLISE
CATEGORIAL DAS
ENTREVISTAS ÀS CRIANÇAS

| ' ' | | ' ' |

Tema	Categoria	Subcategoria	Unidade de Análise	Unidades de registo
Perfil dos/as entrevistados/as	Identificação	Nome	- “Bernardo” (B) - “Egas” (E) - “Laura” (L) - “Manel B” (M) - “Carminho” (C) - “Nazaré” (N) - “Tomás” (T)	7
		Idade	- “Quatro” (B) - “Quatro” (E) - “Cinco” (L) - “Quatro” (M) - “Cinco” (C) - “Cinco” (N) - “Cinco” (T)	7
Experiências culturais familiares	Atividades em família	Visitar cidades	- “Quando eu fui a Viseu” (C) - “Vou de avião” (M) - “Às vezes vou para o Algarve” (T)	3

		Atividades na natureza	- “Nas férias costumo ir dar um passeio de barco” (E) - “Ir ao parque” (L)	2
		Visitar a família - avós	- “e no fim de semana vou à casa dos avós comer o almoço.” (E) - “fui à casa dos meus avós” (C) - “E às vezes também vou para a casa dos avós.” (T)	3
		Outras atividades	- “Vou ao centro comercial passar o dia” (L) - “Vou ao Colombo” (M) - “Às vezes eu vou comer sushi” (N)	4
	Interesse em atividades culturais	Demonstração de interesse	- “Sim.” (B) - “Sim.” (E) - “Sim.” (L) - “Só gosto de uma coisa, ir à exposição dos dinossauros” (M) - “Sim.” (C) - “Sim.” (N) “Sim.” (T)	7
		Justificação do interesse	- “Porque a minha mãe está lá.” (B) - “Porque é giro.” (E) - “Porque os pais acham que é bom eu visitar sítios novos.” (L) - “Por causa que tem lá estátuas de dinossauros.” (M) - “Porque tem muitas pessoas.” (C)	6

			- “Eu gosto de cinema porque tem pipocas (...) Porque tem coisas interessantes.” (T)	
	Quem participa nas experiências culturais	Família nuclear	- “Com o pai e a mãe.” (E) - “Com o meu mano, o meu papá e a mamã.” (L) - “Com o pai, a mãe, o mano.” (C) - “Com o pai e com mamã e com o meu mano.” (N)	4
		Família nuclear alargada	- “Com o meu pai, com a minha mãe e com a minha avó.” (B) - “Com a mãe e com o avô Tó e também com a avó e também com a avó velhinha.” (M)	2
	Quem decide as atividades culturais	Crianças	- “Fui eu (...) ou o meu mano.” (M)	1
		Pai	- “O pai.” (E)	1
		Mãe	- “A minha mãe.” (T)	1
		Mãe e pai	- “A minha mãe e o meu pai.” (B) - “O papá e a mamã.” (L) - “Os meus pais decidem onde nós vamos quando eles querem.” (M) - “Às vezes a mãe e outras vezes o pai.” (C) - “A mamã e o papá” (N)	5
	Sugestões das crianças	Centros comerciais	- “Para o Alegro.” (B)	1
		Viagens	- “Disse aos pais que queria muito ir a Londres.” (L)	3

			- “Eu fui à terra da Frida Kahlo” (N) - “Sim, já disse “bué” vezes para ir viajar de avião.” (T)	
		Museus	- “Escolhi ir ao museu dos dinossauros.” (M)	1
Registos das experiências culturais familiares	Elaboração dos registos	Tipos de materiais utilizados para os registos	- “Escrevem com canetas de feltro (...) brilhantes (...) Também põem às vezes tinta, caneta, lápis...” (B) - “O pai e a mãe escrevem uma coisa e eu copio no papel.” (E) - “A mamã imprime as fotografias” (L) - “Nós temos fotografias e pomos. E também tiramos fotografias aos dinossauros para os amigos verem.” (M) - “Fotografias (...) A minha mãe escreve para as professoras saberem onde é que eu fui, porque eu posso não lembrar-me e depois não consigo explicar.” (C) - “Fotografias. E um dia eu fui a Barcelona e ao parque na piscina e a minha mamã fez um mapa e depois colou onde está Barcelona e o parque.” (N) - “Metem só fotografias.” (T)	7
	Valorização dos registos	Porquê guardar as memórias	- “Porque a minha mãe e o meu pai têm paciência para fazer os trabalhos...” (B) - “Porque é muito giro.” (E) - “Porque, são importantes para mim, para o meu mano e para a minha família.” (L) - “Para quando alguma pessoa perguntar onde é que eu fui eu não esqueço.” (C) - “É para depois os meus pais verem.” (N)	6

			- “Para sempre me lembrar.” (T)	
Partilhas das práticas culturais familiares	Valorização da partilha das práticas culturais familiares no jardim de infância	Gosto em mostrar os registos	- “Sim.” (B) - “Gosto.” (E) - “Sim.” (L) - “Sim.” (M) - “Sim.” (C) - “Sim.” (N) - “Sim.” (T)	7
		Justificação de partilhar as experiências culturais	- “Porque é giro.” (E) - “Porque eu gosto de partilhar coisas.” (L) - “Por causa que gosto muito de dinossauros.” (M) - “Por causa que eu gosto de falar.” (C) - “Porque eu gosto de escrever aqui o nome.” (N) - “Porque eu gosto que ou outros “sabem”.” (T)	6

ANEXO Q- ANÁLISE CATEGORIAL
DAS QUESTÕES ABERTAS DO
INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO

| ' ' | ' ' |

Tema	Categoria	Subcategoria	Unidade de Análise	Unidades de registo
Perfil do/a (s) inquirido/a (s)	Faixa etária	Idade	- “31” - “34” - “35” - “36” - “37” - “37” - “38” - “41” - “42” - “43” - “44” - “44” - “44” - “45” - “46”	15
	Composição do agregado familiar	3 pessoas	- “3” - “3” - “3”	3

		4 pessoas	- “4” - “4” - “4” - “4” - “4” - “4” - “4”	7
		5 pessoas	- “5” - “5” - “5”	3
		6 pessoas	- “6” - “6”	2
Importância da promoção de práticas culturais familiares	Desenvolvimento cognitivo e criativo	Estimulação intelectual	- “Porque estimula o intelecto das mesmas” - “Atividades culturais são estimulantes para o conhecimento e a criatividade”	2
		Desenvolvimento e aprendizagem	- “atividades culturais, como visitas a museus, teatro, música, leitura e outras expressões artísticas, ajudam no desenvolvimento cognitivo, emocional e social das crianças.” - “Para enriquecer a sua aprendizagem e desenvolvimento” - “para estimular desenvolvimento pessoal e criativo”	4

			- “Crescimento emocional”	
		Promoção da criatividade	- “Promover criatividade” - “ampliam a criatividade, a capacidade de expressão”	2
	Expansão de perspectivas e conhecimento do mundo	Promoção do interesse pelo mundo	- “interesse pelo mundo que o rodeia.” - “e o entendimento sobre o mundo.” - “Consciência do mundo que as rodeia,” - “Para lhes dar mundo.” - “Abrir horizontes e desfocar de aspectos meramente materiais ou superficiais.”	5
		Desenvolvimento cultural	- “Ganhar conhecimento em cultura geral.” - “Expor a criança a maior contacto com realidades e conceitos diferentes” - “formação humana e cultural”	3
	Experiências e Memórias	Novas experiências	- “Experienciar coisas novas” - “Para ganharem mundo, aprenderem a viver na diversidade” - “diversidade de experiências.” - “Para aumentar/diversificar o leque de experiências/vivências, de uma forma lúdica.” - “Novas experiências. Novos conhecimentos. Memórias futuras.”	5
		Memórias futuras	- “Memórias futuras.”	1
	Elaboração de	Fotografias	- “Fotografias”	7

Registos e partilhas das experiências culturais familiares	registos		- “Através de fotografias” - “Fotografias” - “Através de fotografias” - “foto” - “fotografias” - “Através de fotografia”	
		Vídeos	- “Vídeos” - “e vídeos” - “Vídeo”	3
		Cartazes	- “cartazes”	1
		<i>Travel journal</i>	- “ <i>Travel journal</i> ”	1
		Diário de viagem	- “Diário de viagem com fotos, bilhetes e outros elementos recolhidos no passeio.”	1
		Desenhos	- “e por vezes desenhos” - “ocasionalmente fazendo algum desenho/colagem.”	2
		Guardar bilhetes	- “guardando os bilhetes para recordação”	1
	Importância das partilhas das vivências	Diferenças de dinâmicas familiares	- “Mas acho importante para que percebam os hábitos/dinâmicas dos outros e percebem que cada família é diferente e que está tudo bem na mesma.”	1

	culturais	Desenvolver competências sociais e de comunicação	<ul style="list-style-type: none"> - “Compartilhar as vivências em grupo ajuda as crianças a desenvolverem empatia, a aprenderem a ouvir os outros e a expressar os seus próprios sentimentos de forma saudável.” - “sentido de comunidade, autoestima.” 	2
		Desenvolver a expressão e comunicação	<ul style="list-style-type: none"> - “para fomentar o desenvolvimento da expressão e da linguagem na explicação das atividades” - “evolução da comunicação e partilha” - “Melhorar a expressão e consolidar a experiência” - “verbalizarem o que aprenderam” - “Promoção da comunicação, partilha, autoconfiança,” 	5
		Trocas de experiências	<ul style="list-style-type: none"> - “As trocas de experiências abrem espaços a outras vivências” - “e promover experiências positivas” - “É importante Partilhar experiências com os colegas” - “Como forma de interiorizarem a experiência que viveram, que pode ser diferente da do adulto.” - “pela partilha da experiência, em si, poderem contar aos amigos o que fizeram.” 	5
		Transmissão de conhecimento	<ul style="list-style-type: none"> - “Para transmitirem conhecimento, aprenderem dos outros” - “Cimentar conhecimento” - “Aprenderem uns com os outros” 	6

			<ul style="list-style-type: none"> - “Para consolidar novos conhecimentos, socializar” - “Transmissão de conhecimento” - “potenciação da aprendizagem comum” 		
		Surgimento de projetos	- “Pode despertar o interesse de outros e pode dar origem a projetos engraçados nas salas”	1	
	Relevância da exposição dos registos das práticas culturais familiares		Valorizar a diversidade e diferentes culturas	- “Expor os registos das práticas culturais nas paredes da sala pode ser uma boa forma de valorizar a diversidade e promover o respeito pelas diferentes culturas.”	1
			Estímulo e interesse	<ul style="list-style-type: none"> - “Podem servir de estímulo ou ideia para as outras famílias” - “Promover interesse colectivo” - “Para gerar ideias nas outras famílias.” 	3
			Lembrança e valorização	<ul style="list-style-type: none"> - “Para se lembrarem, memória fotografica, orgulho” - “Validar e consolidar a experiência” - “Para relembrar ocasionalmente” - “Torna-se mais visual, marcante e recompensador para as crianças.” - “Promoção do sentido de identidade da criança,” - “para registo de memórias que são positivas para as crianças” - “A escola é uma comunidade que vive deste tipo de partilhas” 	7
			Partilha de conhecimentos	<ul style="list-style-type: none"> - “Partilha de conhecimentos entre colegas” - “partilha de interações” 	3

			- “Pelo sentido de partilha, identificação.”	
		Valorizar a relação casa-escola	- “ligação casa-escola”	1
	Não relevância da exposição dos registos das práticas culturais familiares	Não é uma atividade essencial	- “Não vejo como uma atividade essencial.	1
		Falta de tempo e lembrança	- “no entanto não o faço. Por falta de lembrança e/ou disponibilidade” - “O tempo para preparar esses materiais nem sempre está disponível”	2

ANEXO R- ROTEIRO ÉTICO

| " " | | " "

Princípios éticos e deontológicos (Tomás, 2011) e legislação em vigor	PPSII	Princípios para uma ética profissional (APEI, 2011)
1. Objetivos do trabalho	<p>No início da PPSII procurei conhecer e demonstrar as minhas intenções a todos os elementos da comunidade educativa OS, de acordo com Tomás (2011), é fulcral explicitar, a todos os elementos envolvidos, os objetivos do trabalho a realizar considerado como “um passo fundamental na construção de uma ética democrática” (p. 160). Neste sentido, relativamente à equipa de sala conversei e partilhei as minhas ideias, intenções, dúvidas e sugestões de modo que me conhecessem e colaborasse nas rotinas da sala. No que concerne às famílias, considerei pertinente realizar uma carta de apresentação de modo a apresentar-me e às finalidades e objetivos do meu trabalho com o grupo de crianças. A carta foi afixada na porta da sala de atividades durante o período da PPSII. Em relação ao grupo de crianças, a educadora cooperante apresentou-me e explicou a minha presença na sala, sendo que ao longo do tempo as crianças puderam conhecer-me melhor sempre tendo em conta os seus interesses e tempos, para que a minha presença não fosse uma imposição para as mesmas.</p>	<p>Compromisso com as crianças - “Encarar as suas funções educativas de modo amplo e integrado, na atenção à criança na sua globalidade e inserida no seu contexto.” (APEI, 2011, p. 1).</p> <p>Compromisso com as famílias - “Respeitar a família das crianças e a sua estrutura, valorizando a competência educativa das mesmas.” (APEI, 2011, p. 2).</p>

	<p>Através de conversas informais partilhei com a educadora cooperante e com a auxiliar de ação educativa o tema da investigação e os objetivos foram informados através de um email.</p>	<p>- “Fornecer às famílias informações” (APEI, 2011, p. 2).</p> <p>Compromisso com a equipa educativa</p> <p>- “Partilhar informações relevantes no seio da equipa dentro dos limites da confidencialidade.” (APEI, 2011, p.2).</p>
<p>2. Custos e benefícios</p>	<p>Num trabalho de investigação em educação é importante considerar possíveis custos e benefícios para as crianças, famílias e equipa educativa. Desses “poderão eventualmente resultar de tal processo: o tempo, a inconveniência, o embaraço, a intrusão na privacidade, ou mesmo o sentimento de coerção de medo ou de ansiedade” (Tomás, 2011, p. 160). Considero que ao longo da investigação zelei sempre pela privacidade dos intervenientes, respeitando as suas vontades, porém a educadora cooperante, a auxiliar de ação educativa e 7 crianças disponibilizaram parte do seu tempo para responderem à entrevista. O mesmo aconteceu com as famílias que</p>	<p>Compromisso com as crianças</p> <p>- “Responder com qualidade às necessidades educativas das crianças, promovendo para isso todas as condições que estiverem ao seu alcance.” (APEI, 2011, p. 1).</p>

	<p>também disponibilizaram parte do seu tempo para darem resposta ao inquérito por questionário. Relativamente aos benefícios, considero que a minha interação com as crianças e a realização de propostas socioeducativas que fossem ao encontro dos seus interesses e gostos, permitiram que as mesmas beneficiassem com isso e me reconhecessem como uma adulta de referência a quem poderiam recorrer.</p>	<p>Compromisso com a equipa educativa</p> <p>- “Respeitar os colegas de profissão e colaborar com todos os intervenientes na equipa educativa não discriminando qualquer colega.” (APEI, 2011, p.2).</p>
<p>3. Respeito pela privacidade e confidencialidade</p>	<p>A privacidade e confidencialidade devem “ser sujeitas a negociação, considerando a posição” (Tomás, 2011, p. 161) dos intervenientes, por isso, ao longo da investigação garanti o anonimato dos dados recolhidos. Dessa forma, no início da PPSII questioneei a educadora cooperante se poderia utilizar apenas o primeiro nome das crianças em registos escritos. Ademais, facultei às famílias o protocolo de consentimento informado referente ao registo fotográfico das crianças, referindo que a identidade das mesmas seria salvaguardada e quando pretendia registar fotograficamente uma criança perguntava-lhe se poderia fazê-lo, procurando sempre respeitar a sua vontade. O protocolo esteve afixado à porta da sala de atividades, pelo que todas as famílias assinaram e autorizaram o registo fotográfico.</p>	<p>Compromisso com as crianças</p> <p>- “Respeitar a privacidade de cada criança e garantir o sigilo profissional.” (APEI, 2011, p. 1).</p> <p>Compromisso com as famílias</p> <p>- “Manter sigilo relativamente às informações sobre a família.” (APEI, 2011, p. 2).</p>

	<p>No que concerne à equipa de sala, durante as entrevistas procurei informar sobre o anonimato da mesma e partilhei com a educadora cooperante os registos de observação e reflexões.</p> <p>Relativamente à organização socioeducativa, a identidade da mesma foi mantida em anonimato não sendo indicado o seu nome nem elementos identificativos da mesma.</p>	<p>Compromisso com a equipa educativa</p> <p>- “Partilhar informações relevantes no seio da equipa dentro dos limites da confidencialidade.” (APEI, 2011, p.2).</p>
<p>4. Decisões acerca de quais as crianças a envolver e a excluir</p>	<p>De acordo com Tomás (2011), é importante que exista uma discussão e justificação relativamente aos processos de seleção, inclusão e exclusão de crianças na investigação. Durante o período da PPSII procurei incluir todas as crianças nas propostas socioeducativas realizadas, sendo respeitados os seus interesses e vontades, desta forma caso alguma criança não quisesse participar numa determinada proposta a sua vontade foi sempre respeitada.</p> <p>Relativamente à investigação, as crianças e as suas partilhas foram o centro do estudo, no entanto, após uma análise às partilhas realizadas pelas mesmas optei por seleccionar 7 crianças para participarem na entrevista, sendo que foi sempre respeitada a sua vontade e o seu interesse em participar na mesma.</p>	<p>Compromisso com as crianças</p> <p>- “Encarar as suas funções educativas de modo amplo e integrado, na atenção à criança na sua globalidade e inserida no seu contexto” (APEI, 2011, p. 1).</p> <p>- “Respeitar toda a criança, independentemente da sua religião, género, etnia, cultura, estrato social ou com</p>

		<p>necessidades educativas especiais, incluindo-a e promovendo e divulgando os seus direitos consignados na Convenção Internacional.” (APEI, 2011, p. 1).</p>
<p>5. Planificação e definição dos objetivos e métodos da investigação</p>	<p>Importa referir que a temática da investigação foi definida e discutida a educadora cooperante e com a professora supervisora, sendo que os objetivos e métodos da mesma foram definidos com a professora supervisora sempre com o conhecimento da educadora cooperante. As crianças não foram informadas diretamente acerca destes pontos, no entanto, no decorrer da investigação procurei ter em conta as necessidades e interesses do grupo. Como refere Tomás (2011), é fulcral que os adultos e as crianças envolvidos na investigação sejam informados sobre os objetivos, a natureza da mesma, os métodos, o <i>timing</i>, os resultados e os processos que foram utilizados ao longo do estudo.</p>	<p>Compromisso com as crianças</p> <ul style="list-style-type: none"> - “Encarar as suas funções educativas de modo amplo e integrado, na atenção à criança na sua globalidade e inserida no seu contexto” (APEI, 2011, p. 1). - “Responder com qualidade às necessidades educativas das crianças, promovendo para isso todas as condições que estiverem ao seu alcance.” (APEI, 2011, p. 1).

		<p>- “Promover a aprendizagem e a socialização numa vida de grupo cooperada, estimulante, lúdica, aberta à comunidade” (APEI, 2011, p. 1).</p> <p>Compromisso com a equipa educativa</p> <p>- “Partilhar informações relevantes no seio da equipa.” (APEI, 2011, p.2).</p>
<p>6. Consentimento informado e assentimento informado</p>	<p>Ao realizar uma investigação deve ser questionado o consentimento dos envolvidos, neste caso as crianças, as famílias e a equipa educativa, sendo que “as crianças devem estar conscientes de que a recusa ou desistência da investigação não as poderá prejudicar de qualquer forma” (Tomás, 2011, p. 164). Desta forma, no início da PPSII procurei ter o consentimento das famílias para o registo fotográfico das crianças, nesse sentido afixei à porta da sala de atividades, com a autorização da educadora cooperante, o protocolo de consentimento informado. Ademais, também procurei respeitar o assentimento das crianças relativamente ao registo fotográfico, como se</p>	<p>Compromisso com as crianças</p> <p>- “Respeitar toda a criança, independentemente da sua religião, género, etnia, cultura, estrato social ou com necessidades educativas especiais, incluindo-a e promovendo e divulgando os</p>

	<p>verifica no seguinte registo. Relativamente às entrevistas a realizar com a equipa de sala e crianças, antes das mesmas foi questionada a sua autorização para as realizar e para as gravações das mesmas, referindo que eram anónimas e utilizadas apenas para a investigação, tal como refere Tomás (2011), os envolvidos na investigação devem estar informados acerca de todos os procedimentos e fazes da mesma.</p>	<p>seus direitos consignados na Convenção Internacional.” (APEI, 2011, p. 1).</p> <p>- “Respeitar a privacidade de cada criança e garantir o sigilo profissional.” (APEI, 2011, p. 1).</p> <p>Compromisso com as famílias</p> <p>- “Respeitar a família das crianças e a sua estrutura, valorizando a competência educativa das mesmas e colaborando de modo a que as crianças sintam que a família e a instituição estão ligadas no processo educativo.” (APEI, 2011, p. 2).</p>
--	--	--

		<p>- “Manter sigilo relativamente às informações sobre a família” (APEI, 2011, p. 2).</p> <p>Compromisso com a equipa educativa</p> <p>- “Partilhar informações relevantes no seio da equipa dentro dos limites da confidencialidade.” (APEI, 2011, p.2).</p>
<p>7. Uso e relato das conclusões</p>	<p>Ao longo do período da PPSII procurei recolher vários registos, seja através de notas de campo e/ou fotografias que evidenciassem e permitissem recolher informações relativas às práticas culturais das crianças. Ademais, a realização das entrevistas e do inquérito por questionário permitiram-me analisar as opiniões e retirar conclusões relativas à temática em investigação. Aquando do final da investigação, pretendo partilhar os resultados obtidos da mesma com a equipa educativa e famílias através da partilha do relatório final.</p>	<p>Compromisso com as famílias</p> <p>- “Fornecer às famílias informações” (APEI, 2011, p. 2).</p> <p>Compromisso com a equipa educativa</p> <p>- “Partilhar informações relevantes no seio da equipa</p>

		dentro dos limites da confidencialidade.” (APEI, 2011, p.2).
8. Possível impacto nas crianças, famílias ou equipa	<p>A realização da investigação considero que as crianças, principalmente as que participaram diretamente através da entrevista, refletiram sobre as práticas culturais que vivenciam em família e a importância que estas têm para si. Relativamente às famílias, estas puderam refletir sobre a relevância de proporcionar práticas culturais às crianças, bem com a forma como o fazem e em que critérios se baseiam. No que concerne à equipa de sala, a investigação também possibilitou a reflexão sobre a relevância das crianças partilharem as suas práticas e em como essas experiências podem enriquecer a sua prática pedagógica. Tal como refere Tomás (2011), o investigador deve ter em conta o impacto causado a todos os intervenientes da investigação.</p>	<p>Compromisso com as crianças</p> <p>- “Responder com qualidade às necessidades educativas das crianças, promovendo para isso todas as condições que estiverem ao seu alcance.” (APEI, 2011, p. 1).</p> <p>- “Promover a aprendizagem e a socialização numa vida de grupo cooperada, estimulante, lúdica, aberta à comunidade” (APEI, 2011, p. 1).</p> <p>Compromisso com as famílias</p>

		<p>- “Fornecer às famílias informações” (APEI, 2011, p. 2).</p> <p>Compromisso com a equipa educativa</p> <p>- “Partilhar informações relevantes no seio da equipa dentro dos limites da confidencialidade.” (APEI, 2011, p.2).</p>
<p>9. Informação às crianças e adultos/as envolvidos/as</p>	<p>Os resultados e conclusões retirados a partir da análise das entrevistas realizadas à equipa educativa e da análise das notas de campo, serão descritos e organizados no relatório da PPSII que será partilhado com a equipa educativa através da partilha do relatório final da PPSII.</p>	<p>Compromisso com a equipa educativa</p> <p>- “Partilhar informações relevantes no seio da equipa dentro dos limites da confidencialidade.” (APEI, 2011, p.2).</p>

<p>10. Tratamento dos dados</p>	<p>Durante a investigação, adotei uma postura de observação participante e não participante, realizando o registo de notas de campo que permitissem a reflexão sobre a temática em estudo. De modo a complementar a presente investigação, realizei entrevistas à equipa da sala e 7 crianças tendo como base um guião que se foca as perguntas na temática da investigação. Numa fase posterior, procedi à análise de conteúdo das entrevistas e também das notas de campo. Optei, também, por realizar um inquérito por questionário às famílias das crianças. Importa salientar que os dados recolhidos foram utilizados apenas para fins académicos.</p>	<p>Compromisso com as crianças - “Respeitar a privacidade de cada criança e garantir o sigilo profissional.” (APEI, 2011, p. 1).</p> <p>Compromisso com a equipa educativa - “Partilhar informações relevantes no seio da equipa dentro dos limites da confidencialidade.” (APEI, 2011, p.2).</p>
--	--	---

ANEXO S- MAPEAMENTO DAS
PRODUÇÕES ACADÉMICAS

|| '' | | ''

Motor de busca			Repositório IPL- Escola Superior de Educação de Lisboa (ESELX)					
Data da pesquisa			19/03/2025					
Palavras-chave			Práticas Culturais- Capital Cultural- Cultura					
Total de resultados relevantes			1					
Ano	Autor/a	Título	Contexto	Faixa etária e n.º de crianças	Natureza Jurídica	Objetivos	Metodologia	Principais conclusões
2024	Sara Fernandes	Educação, infância e famílias: as práticas culturais familiares no jardim de infância	JI	4-6 anos 25 crianças	Rede privada com fins lucrativos	i) compreender de que forma, a partilha do capital cultural das crianças possibilita à equipa educativa informar a sua prática educativa e pedagógica; ii) analisar as conceções das crianças sobre a partilha das suas vivências culturais; iii) identificar as motivações das famílias ao proporcionar às crianças diferentes	Natureza: Qualitativa Método: Estudo de caso Técnicas: Observação direta participante e não participante; Consulta e análise de documentos; Inquérito por questionário;	“a respetiva investigação permitiu-me, enquanto estagiária e futura educadora, que muito aprendi, ampliar os meus conhecimentos pedagógicos, científicos e investigativos. Os diferentes prismas analisados – equipa educativa, famílias e crianças, através dos quais se analisaram as práticas culturais, possibilitam afirmar que estas assumem um lugar privilegiado nas

						<p>experiências sociais e culturais.</p>	<p>Entrevistas estruturadas; Grupos de discussão focalizada.</p>	<p>práticas e nos discursos naquela sala de JI. Mais, potenciam o desenvolvimento de condições para que as crianças sejam mais observadoras e críticos do mundo.”</p>
--	--	--	--	--	--	--	--	---